

MARINA GASPAROTO DO AMARAL GURGEL



EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE  
ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL POR CORRELAÇÃO COM  
PERSONALIDADE

ORIENTADOR: PROF<sup>o</sup> DR. FERMINO FERNANDES SISTO

ITATIBA  
2009

MARINA GASPAROTO DO AMARAL GURGEL

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE  
ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL POR CORRELAÇÃO COM  
PERSONALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação da Universidade São Francisco  
para a obtenção do título de Mestre em  
Psicologia.

ORIENTADOR: PROF<sup>o</sup> DR. FERMINO FERNANDES SISTO

ITATIBA  
2009

157.93 Gurgel, Marina Gasparoto do Amaral.  
G987e Evidências de validade da escala de aconselhamento profissional por correlação com personalidade. -- Itatiba, 2009.  
115 p.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.

Orientação de: Fermino Fernandes Sisto

1. Avaliação psicológica. 2. Orientação profissional. 3. Interesse profissional. 4. Cinco grandes fatores da personalidade. I. Título. II. Sisto, Fermino Fernandes.

# UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

*MESTRADO EM PSICOLOGIA*

## EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL POR CORRELAÇÃO COM PERSONALIDADE

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Marina Gasparoto do Amaral Gurgel, sob orientação de Fermino Fernandes Sisto, aprovada pela comissão examinadora em Itatiba, 03 de agosto de 2009.

### COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Fermino Fernandes Sisto

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marúcia Patta Bardagi

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Porto Noronha

ITATIBA  
2009

*Dedico a meus pais que sempre estiveram me apoiando em todas as etapas da vida e em especial nessa nova jornada.*

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço a meus pais, Ruy e Maria Helena, que possibilitaram a continuidade de meus estudos, me dando a oportunidade de ser um profissional diferenciado, bem como por terem aceitado que ser pesquisador demanda muito tempo de estudo e poucas horas de lazer com a família. Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador Fermino, que sempre me acompanhou e me auxiliou em todos os momentos de dúvidas e indecisões, mesmo à distância. Agradeço também às professoras Ana Paula e Acácia, que com suas dicas em minha qualificação, acrescentaram de maneira imprescindível mais conhecimento a meu trabalho, bem como à Marúcia, que em minha defesa me auxiliou a compreender como é importante conciliar a prática com a pesquisa. Ficam aqui também registrados meus mais sinceros agradecimentos, a todos os professores da Pós-graduação, que de alguma maneira adicionaram seus ensinamentos em minha vida. Destaco algumas pessoas muito queridas que convivi em Itatiba e, que sem elas não seria possível a continuidade deste estudo, pois cada uma à sua maneira me mostrou como é especial e importante o fato de se ter amigos com quem se pode contar. Às minhas amigas Denise, Fernanda e Giselle que me acompanharam em todos os passos do mestrado, dentro e fora de sala de aula, e que para sempre serão especiais em minha vida. Minhas amigas Gisele e Mayra (siamesas) que com muita hospitalidade, sempre me acolheram em sua casa, bem como sempre estavam prontas para ouvir e oferecer um ombro amigo. À minha amiga Maiana, que apesar do pouco tempo de convivência, pude perceber o quanto é uma pessoa especial e agradeço por quanto me ajudou e me ensinou com tanta paciência. Agradeço também ao meu amigo Fabiano (zero dois), que com seu humor invejável e às vezes sarcástico, me tirou muitas risadas em momentos inclusive, inapropriados, mas que

vou lembrar com muito carinho. A meu amigo Lucas, que sempre me ouviu com muita paciência e que com seu coração enorme, me possibilitou que eu aprendesse mais que ensinamentos estatísticos, ele me ensinou como ser uma pessoa melhor. Fica também meu agradecimento a Rodolfo, que muitas vezes com suas piadas (às vezes sem graça) possibilitou muita descontração ao Lape, bem como me ensinou muito com sua sabedoria. Agradeço também ao Giu (pandinha), que mesmo não fazendo parte do programa, tive o prazer de conviver e me mostrou o quanto é importante sermos puros e sinceros. Agradeço também, a todos que convivi do Lape e Labape e que não caberiam aqui no papel, mas que estão arquivados com muito carinho em minhas lembranças. Registro um agradecimento especial a Douglas e Hugo, que me possibilitaram o contato com as instituições e facilitaram de maneira muito importante minha coleta de dados. Agradeço também a todos os alunos que se disponibilizaram em participar da pesquisa, afinal sem eles esta não teria sido possível. Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento em Pesquisa de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio financeiro em todo o mestrado.

## Resumo

Gurgel, M. G. A. (2009). *Evidências de Validade da Escala de Aconselhamento Profissional por correlação com personalidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.

O estudo em questão teve como objetivo buscar evidências de validade da Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) baseadas na relação com a personalidade. Foi verificado se existe uma relação estatisticamente significativa entre determinadas preferências por atividades profissionais e traços da personalidade e se essas relações entre os dois construtos, interesse e personalidade têm uma coerência teórica. O período da formação universitária tem imposto muitas questões aos teóricos e técnicos da orientação profissional. Tradicionalmente, este é um período de reativação das crises vocacionais, de confrontação com a realidade ocupacional e de afirmação da escolha feita. O processo de orientação implica uma extensa avaliação do indivíduo, que pode envolver, de acordo com as várias concepções teóricas, o conhecimento da personalidade, de condições familiares, de habilidades e interesses. Estudos relatam que os interesses profissionais estão fortemente relacionados com a personalidade do indivíduo. A presente pesquisa teve início após a aprovação do Comitê de Ética. Posteriormente, foi realizado o contato com as instituições colaboradoras. Participaram da pesquisa 260 universitários, com idade entre 17 e 55 (M=22,95, DP=6,261) anos, sendo 67,7% do sexo feminino, dos primeiros semestres de sete cursos, a saber: Administração, Arquitetura, Educação Física, Hotelaria, Nutrição, Odontologia e Turismo, de duas universidades do interior do estado de São Paulo. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) e a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP). Os resultados mostraram por meio da prova de *Tukey*, evidências de validade de critério para o EAP, bem como, foi realizado um estudo exploratório das correlações entre os instrumentos EAP e BFP, sendo encontradas evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis. Por fim, por meio da prova *t* de Student foram encontradas evidências de validade por grupos extremos. Destaca-se a importância de que sejam realizados mais estudos a fim de buscar parâmetros psicométricos adequados de instrumentos para uso em orientação profissional, uma vez que são escassos no Brasil.

Palavras-chave: avaliação psicológica; orientação profissional; interesse profissional; cinco grandes fatores da personalidade.



## **Abstract**

Gurgel, M. G. A. (2009). Validity Evidences of *Escala de Aconselhamento Profissional by its relation to personality*. Master Dissertation, Post Graduate Program of Psychology, University of São Francisco, Itatiba.

This study aimed at searching for validity evidences to Escala de Aconselhamento Profissional (EAP), based on its the relation with personality. The existence of a statistically significant relation between certain preferences for professional activities and personality traits was verified, as well as if these relations between both constructs, interest and personality have theoretical coherence. The undergraduation period has posted many issues to theorists and technicians of professional counseling. Traditionally, it is a time for crisis reactivation, occupational reality confrontation, and choice reaffirming. The counseling process implies into an individual's expansive assessment, which might involve, according to many theoretical conceptions, knowledge of the persons' personality, family conditions, abilities and interests. Studies report that professional interests are highly related to the individual's personality. This research started after the Ethical Committee's approval. Later, a contact to the collaborating institutions was made. 260 undergraduates were participants, aging from 17 to 55 years old ( $M=22,95$ ,  $SD=6,261$ ), so that 67,7% were female. They were all attending to seven courses first semesters of two universities located in the state of São Paulo. The Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) and the Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) were instruments. Results showed through Tukey's test criterion validity evidences to EAP, and an exploratory study was made out of the correlations between EAP and BFP instruments, so that validity evidences based on the relation to other variables were found. Finally, validity evidences by extreme groups were found through Student's t test. The importance of performing more studies is to be highlighted, in order to search for accurate instruments' psychometric parameters for Professional counseling, once they are scarce in Brazil.

Keywords: psychological assessment, professional counseling, professional interest, big five personality traits.

## Sumário

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>x</b>
<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>xi</b>
<b>LISTA DE ANEXOS.....</b>	<b>xiii</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>3</b>
<b>1.1 BREVE HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL.....</b>	<b>3</b>
<b>II. INTERESSE PROFISSIONAL.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 PESQUISAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS SOBRE INTERESSE PROFISSIONAL.....</b>	<b>16</b>
<b>III. PERSONALIDADE.....</b>	<b>24</b>
<b>IV. INTERESSE PROFISSIONAL E PERSONALIDADE.....</b>	<b>40</b>
<b>V. HIPÓTESES.....</b>	<b>55</b>
<b>VI. MÉTODO.....</b>	<b>58</b>
6.1. PARTICIPANTES.....	58
6.2. INSTRUMENTOS.....	58
6.3. PROCEDIMENTO.....	70
<b>VII. RESULTADOS.....</b>	<b>71</b>
<b>VIII. DISCUSSÃO.....</b>	<b>90</b>
<b>IX. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>X. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>
<b>XI. ANEXOS.....</b>	<b>110</b>

## Lista de figuras

Figura 1. Diferenças entre as médias das dimensões do EAP por sexo.....	74
---	----

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Distribuição dos cursos por sexo dos participantes.....	58
Tabela 2. Descrição das facetas dos cinco grandes fatores.....	63
Tabela 3. Estatística descritiva das pontuações obtidas no EAP.....	72
Tabela 4. Diferença entre as médias das dimensões do EAP por sexo.....	73
Tabela 5. Diferença entre as médias das dimensões do EAP por curso.....	75
Tabela 6. Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Artes e Comunicação.....	76
Tabela 7. Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Ciências Biológicas e da Saúde.....	76
Tabela 8. Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Ciências Agrárias e Ambientais.....	77
Tabela 9. Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Atividades Burocráticas.....	77
Tabela 10. Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.....	78
Tabela 11. Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Entretenimento.....	78
Tabela 12. Estatística descritiva das pontuações obtidas no BFP.....	79
Tabela 13. Diferença de média do BFP por sexo.....	80
Tabela 14. Diferença de média por curso dos fatores do BFP.....	81
Tabela 15. Coeficientes de Correlação de Pearson entre as dimensões do EAP e os fatores do BFP.....	82

Tabela 16. Coeficientes de Correlação de Pearson entre as dimensões do EAP e as facetas do BFP.....	84
Tabela 17. Diferença de média entre o fator Neuroticismo e as dimensões do EAP.....	85
Tabela 18. Diferença de média entre o fator Realização e as dimensões do EAP.....	86
Tabela 19. Diferença de média entre o fator Abertura e as dimensões do EAP.....	87
Tabela 20. Diferença de média entre o fator Extroversão e as dimensões do EAP.....	88
Tabela 21. Diferença de média entre o fator Socialização e as dimensões do EAP.....	89

## **Lista de anexos**

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (1ª via).....	111
Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (2ª via).....	112

## APRESENTAÇÃO

O mercado de trabalho torna-se cada vez mais exigente e, em consequência, em constante mudança. Assim, o jovem depara-se com diversas profissões, podendo causar certa confusão diante de tal complexidade (Silva, 1999). Nesse sentido, a avaliação psicológica apresenta importante contribuição para os campos de aplicação profissional e em especial, no de Orientação Profissional (OP). Essa área, desde seu início, mostrou-se bastante útil no desenvolvimento e aperfeiçoamento de instrumentos psicológicos, implementando um processo de avaliação cada vez mais especializado (Sparta, Bardagi & Teixeira, 2006).

Esse tipo de avaliação proporciona aos indivíduos uma chance de reflexão acerca de suas capacidades e características pessoais. Assim sendo, torna-se de extrema importância a utilização de instrumentos para o conhecimento do sujeito, possibilitando um melhor entendimento de possíveis problemas em relação à escolha da profissão. Entretanto, a psicologia brasileira mostra-se incipiente em relação aos instrumentos dessa área, evidenciando certa urgência no desenvolvimento de pesquisas (Noronha, Sisto & Santos, 2007).

Desse modo, esse estudo tem como finalidade buscar evidências de validade da Escala de Aconselhamento Profissional (EAP), baseadas na relação com a personalidade, por meio da Bateria Fatorial da Personalidade (BFP), bem como verificar se há uma relação estatisticamente significativa entre determinadas preferências por atividades profissionais e traços da personalidade. Ele é composto por nove capítulos, sendo que o primeiro intitula-se fundamentação teórica, em que é apresentado um breve histórico da orientação profissional e, em seguida, é proporcionado um embasamento acerca de um dos construtos

mais estudados na área de OP, o interesse profissional, mencionado por algumas teorias e, em especial, pela de Savickas (1999). Logo após são apresentadas pesquisas nacionais e estrangeiras acerca do interesse profissional. O terceiro capítulo diz respeito à personalidade, sendo descrita por meio do modelo dos Cinco Grandes Fatores, bem como apresentadas pesquisas nacionais e estrangeiras. O quarto capítulo intitula-se interesse profissional e personalidade e refere-se à busca de possíveis relações entre os construtos, sendo apresentadas por meio de teorias e pesquisas nacionais e estrangeiras. Logo em seguida, no quinto capítulo, são apresentadas algumas hipóteses acerca de possíveis relações entre itens da EAP e os Cinco Grandes Fatores. No sexto capítulo, é apresentado o método da pesquisa, no qual são descritos os participantes e logo após os instrumentos, finalizando com o procedimento da coleta de dados. Segue então, no sétimo capítulo, os resultados, de acordo com os objetivos propostos. No oitavo, é apresentada a discussão dos resultados, encerrando com o nono, em que se encontram as considerações finais. Por fim, são oferecidas as referências que serviram de base para a construção do aporte teórico e os anexos utilizados nesta pesquisa.



## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### I. BREVE HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO/ ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL

A Orientação Profissional (OP) surgiu no ano de 1907, com a criação, por Frank Parsons, do primeiro centro de orientação dos Estados Unidos. Dois anos depois, ele publicou um livro que uniu a prática da OP industrial da Psicologia e da Pedagogia, no qual propunha três passos: análise das características do orientando, das ocupações e uma síntese entre ambos. Na época de Parsons, a definição das características do indivíduo era realizada por meio do autoconhecimento; entretanto, entre 1920 e 1930, a prática da OP foi influenciada fortemente pela Psicometria, e com o desenvolvimento dos testes psicológicos, a definição dessas características passou a ser realizada por meio de instrumentos de avaliação de inteligência, aptidões, interesses e personalidade (Brown & Brooks, 1996; Carvalho, 1995; Sparta & cols., 2006). Assim, passou a ser um processo diretivo, em que o orientador realizava diagnósticos e indicava para o cliente a melhor carreira a seguir, sendo essa perspectiva denominada como Teoria do Traço e Fator (Brown & Brooks, 1996).

A partir de 1940 ocorreram importantes mudanças (Brown & Brooks, 1996). Em 1942, com a publicação do livro de Rogers, fundamentado na Terapia Centrada no Cliente, houve a aproximação dos conceitos de Psicoterapia e Aconselhamento Psicológico, valorizando a participação ativa do cliente no processo de intervenção, tornando-o não diretivo. Suas idéias influenciaram fortemente o Aconselhamento Psicológico e a OP (Sparta, 2003). Há que se ressaltar a diferença existente no Brasil entre OP e Psicoterapia, sendo que a primeira é vista mais como um trabalho focal, que atua no auxílio da escolha de uma profissão, diferente da segunda, em que é realizado um atendimento psicológico

mais profundo, podendo trabalhar qualquer tema. Ainda, no Brasil, não há diferença entre OP e Aconselhamento Profissional, termo esse utilizado internacionalmente. Entretanto, na literatura estrangeira, o Aconselhamento Profissional é entendido como um processo terapêutico breve, empregado quando se percebe que as questões de escolha extrapolam os limites das questões profissionais, podendo abarcar outros problemas a serem resolvidos (Fouad, 1994).

A partir de 1950, surgiram várias teorias acerca da escolha profissional, dando continuidade a essa mudança de paradigma (Sparta, 2003). Dentre elas, destaca-se a de Desenvolvimento Vocacional de Super, que entende a escolha profissional como um processo evolutivo, que ocorre ao longo da vida, por meio de diversos estágios do desenvolvimento vocacional. Logo após, foi publicada a Teoria Tipológica de Holland, que entende os interesses profissionais como reflexo da personalidade do indivíduo. Bohoslavsky (2007) também publicou sua teoria acerca da escolha profissional baseada na Psicanálise, pautando-se na perspectiva clínica, compreendendo esse processo como uma ajuda ao sujeito na escolha para o enfrentamento dos conflitos relacionados à decisão. Internacionalmente, as teorias de Super e Holland estão entre as mais pesquisadas nos processos de intervenção, consideradas como uma ajuda ao sujeito na escolha para o enfrentamento dos conflitos relacionados à decisão (Brown & Brooks, 1996).

Em âmbito nacional, Sparta e colaboradores (2006) propuseram-se a identificar os diferentes modelos de avaliação em OP presentes na literatura, tanto internacional como nacional, possibilitando a reflexão acerca da evolução histórica da área. Os autores destacam dois modelos distintos de avaliação psicológica dentro desse processo. O primeiro, ligado ao início do processo de orientação, corresponde às abordagens do Traço e Fator e Tipológica, sendo denominado ‘Modelo de Avaliação Psicológica Centrado no Resultado’; o segundo, que surgiu a partir do século XX, é chamado ‘Modelo de Avaliação

Psicológica Centrado no Processo'. Essa perspectiva enfatiza aspectos distintos da escolha profissional, indicando diferentes papéis ao orientador, bem como objetivos distintos quanto ao uso dos instrumentos.

Acerca do primeiro modelo, o de Avaliação Psicológica Centrado no Resultado, seu objetivo é a definição de uma escolha profissional que facilite ao final da orientação um resultado específico, de acordo com as características individuais e ocupacionais, por meio dos testes psicológicos, que possibilitam traçar um perfil do orientando, e permitem que encontre suas áreas profissionais mais adequadas (Sparta & cols., 2006). Esse Modelo relaciona-se ao início da OP, bem como coincide com o início do desenvolvimento de testes psicológicos e da Psicometria (Pasquali, 1999). No âmbito internacional, ele é um dos mais utilizados, havendo o constante desenvolvimento de novos testes para avaliação (Anastasi & Urbina, 2000). Nacionalmente, encontra-se muito presente e os inventários de interesse estão entre os instrumentos privilegiados pelos profissionais. Entretanto, não há tanta preocupação no que concerne à criação e adaptação de instrumentos psicológicos, sendo que a maioria não possui estudos de validação para a população brasileira (Noronha, Freitas & Ottati, 2003).

O segundo modelo, o de Avaliação Psicológica Centrado no Processo, pressupõe a utilização ou não de inventários e tem por objetivo amparar o orientador no planejamento do procedimento de OP para cada indivíduo, partindo de um processo não-diretivo. Desse modo, esse modelo concentra-se nos processos internos e externos que levam o indivíduo à escolha profissional e à tomada de decisão, estando o orientador em busca de compreensão do contexto de desenvolvimento do indivíduo, ajudando-o na aquisição de informações necessárias à tomada de decisão. A preocupação, ao final do processo, é a obtenção de maior autoconhecimento e a responsabilidade pela escolha profissional cabe ao sujeito, sendo o orientador um facilitador (Sparta & cols., 2006).

Duas perspectivas teóricas atuam dentro dessa segunda modalidade: o modelo evolutivo de Super e o modelo clínico de Bohoslavsky, sendo que os autores entendem que a entrevista é o principal instrumento para a avaliação psicológica e os testes são vistos como facultativos. Portanto, quando esses últimos são utilizados, têm como objetivo o auxílio ao orientador no diagnóstico, para a construção da intervenção de maneira mais adequada para cada indivíduo. Os testes mais utilizados nesse modelo são de maturidade vocacional, indecisão, exploração e bem-estar psicológico (Sparta & cols., 2006).

Apesar do surgimento de diversas teorias, a área de Orientação Profissional no Brasil ainda se encontra em desenvolvimento. Destaca-se a criação, em 1993, da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP) unindo profissionais e pesquisadores que se preocupam com a necessidade de influir nas políticas públicas para implantação de programas vocacionais (Melo-Silva, Lassance & Soares, 2004). Nessa direção, a OP tem como objetivo atenuar os conflitos vocacionais e promover maior facilidade na escolha do indivíduo, proporcionando um momento de reflexão sobre suas características pessoais, possíveis problemas a serem solucionados e a revisão de escolhas realizadas anteriormente. A utilização de instrumentos e técnicas psicológicas possibilita o conhecimento sobre o sujeito, bem como proporciona o entendimento de sua problemática referente à escolha, oferecendo elementos para a tomada de decisão (Noronha & cols., 2007).

Dessa maneira, a escolha profissional pode ser definida como o estabelecimento pelo indivíduo do que fazer, de quem ser e a que lugar pertencer no mundo por meio do trabalho (Bohoslavsky, 2007). A identidade pessoal é complementada pela profissional, contribuindo para a integração da personalidade do sujeito, sendo que uma boa escolha é avaliada pela maneira como é tomada e pelas conseqüências cognitivas e afetivas que produz. A escolha envolve mudanças, perdas, medo do fracasso e desvalorização, bem

como supõe a elaboração de lutos e conflitos e requer constantes avaliações (Bardagi, Lassance & Paradiso, 2003). Ainda que o futuro de uma pessoa não dependa exclusivamente de sua opção profissional, que pode ser modificada ao longo do tempo, as questões vocacionais se tornaram importantes para os indivíduos, tornando a problemática vocacional um tema de bastante relevância para a pesquisa psicológica. A maioria das pessoas realiza as escolhas profissionais conhecendo muito pouco sobre suas implicações, suas tarefas, dificuldades e responsabilidades (Bardagi & cols., 2003).

Nota-se que não há uma preocupação sistemática da escola ou família em ensinar os alunos ou filhos habilidades de tomada de decisão (Bardagi & cols., 2003). Nessa direção, Müller (1988) salienta que a escola, por exemplo, não ensina o indivíduo escolher, pensar, resolver conflitos, refletir sobre as realidades social, cultural, histórica e profissional. E, se o faz, isso ocorre de forma ocasional e desarticulada. A ausência dessas oportunidades ao longo do desenvolvimento vocacional pode ocasionar imaturidade e insegurança nos jovens e adultos em períodos posteriores da escolha profissional. Portanto, decisões, mudanças e dúvidas vocacionais não aparecem somente na adolescência, tornando-se cada vez maior a procura por orientação de pessoas em vários pontos do desenvolvimento vocacional, desafiando os orientadores a elaborarem novos modelos explicativos e métodos de ação (Teixeira, 1998).

Além da esfera individual, é importante destacar outro ponto importante envolvido no desenvolvimento vocacional: as mudanças produtivas e sociais ocorridas nas últimas décadas e seus impactos sobre as escolhas de carreira. Nota-se que a característica fundamental do trabalho na pós-modernidade é a instabilidade e a incerteza quanto ao futuro (Bardagi & cols., 2003). Esses fatos podem acarretar uma ansiedade generalizada nos profissionais inseridos no mercado de trabalho, relativa à busca de emprego, qualificação e afirmação de projetos de carreira. Essa ansiedade é também assumida por

estudantes em formação, que reproduzem já na universidade as preocupações dos profissionais em atividade. Esse desajustamento profissional pode ser caracterizado como um fator epidêmico no universo produtivo atual e refere-se tanto às dificuldades econômicas, sociais e administrativas, quanto à sobreposição dessas dificuldades em relação ao desenvolvimento vocacional individual (Padro Filho, 1992).

O período de formação universitária tem imposto muitas questões aos teóricos e técnicos de OP. Observa-se nessa fase uma reativação das crises vocacionais, de confrontação com a realidade ocupacional e de afirmação da escolha feita (Bohoslavsky, 2007). Bardagi e colaboradores (2003) citam uma pesquisa de Taylor (1982) que descreveu o aumento da incidência da indecisão vocacional em estudantes universitários desde o final de 1970, sendo que esses têm se tornado grande parte da clientela dos centros de Aconselhamento americanos.

No início de 1990, por meio de uma análise dos relatórios de vestibulares de duas universidades do sul do Brasil, Lucchiari (1992) encontrou que cerca de 30% dos vestibulandos afirmaram já ter prestado vestibular para outro curso anteriormente, 40% dos jovens que ingressam em uma universidade anualmente não chegam a concluir seus cursos e apenas 16 a 19% garantiram terem feito a inscrição para o curso desejado. Em outra pesquisa, ainda nacional, Hotza e Lucchiari (1998) investigaram jovens aprovados no vestibular de uma universidade do sul e encontraram que cerca de 25% dos aprovados já haviam iniciado outro curso anteriormente, sem concluí-lo. Existem registros na literatura de programas de intervenção com universitários, confirmando o aumento da preocupação das instituições com as questões vocacionais (Bohoslavsky, 2007; Pacheco, Silva, Macedo & Pinto, 1997). Porém, apesar da importância da OP para o nível superior, existem poucas informações sobre características e necessidades dos universitários brasileiros (Bardagi, & cols., 2003).

Com o intuito de investigar trajetórias acadêmicas, satisfação com a escolha profissional e expectativas quanto à orientação profissional, Bardagi e colaboradores (2003) analisaram 391 indivíduos de ambos os sexos, com média de 23,6 anos, de semestres intermediários de 16 cursos de uma universidade federal. Os autores criaram e validaram um questionário com 13 itens, contendo questões que se referiam a dados sócio-demográficos, à trajetória acadêmica, à participação em atividades acadêmicas, ao nível de satisfação com a escolha profissional e ao interesse por processos de Orientação Profissional. Os resultados mostraram que a maioria dos alunos mostrou-se satisfeita (56%) ou muito satisfeita (32,2%) com a escolha profissional; 42,7% pensou em desistir do curso ou mudar de profissão; e 15,9% ainda pensa nisso; 59,3% dos alunos acredita que podem se beneficiar de processos de Orientação Profissional. A participação em atividades acadêmicas e a identificação com a profissão mostraram-se importantes para a satisfação com a escolha.

Nessa direção, os estudos com universitários devem priorizar uma análise dos critérios utilizados na primeira escolha, a maneira que foi feita e as influências recebidas, bem como incorporar informações e esclarecer os motivos da insatisfação atual (Bardagi & cols., 2003). Assim, o processo de orientação, implica vasta avaliação do indivíduo, podendo abarcar, de acordo com as várias concepções teóricas, o conhecimento da personalidade, de condições familiares, de habilidades e interesses (Bohoslavsky, 2007; Mattiazzi, 1977). Em especial, os interesses profissionais, de acordo com Leitão e Miguel (2001) têm recebido grande atenção no campo da psicologia vocacional, sendo constatada pela sua abordagem na maioria das referências sobre o tema. O destaque de acordo com os autores deve-se ao construto possuir forte associação com as escolhas ocupacionais.

## II. INTERESSE PROFISSIONAL

Um dos construtos amplamente estudados na área de orientação/aconselhamento, entendidos como sinônimos neste estudo é o interesse profissional. Deve-se ressaltar que ainda são encontradas algumas dificuldades no que se refere à sua definição e, apesar das diversas teorias acerca do construto, ele ainda causa grandes discussões teóricas (Leitão & Miguel, 2004). Bohoslavsky (2007), um dos autores pioneiros na área de OP, menciona a dificuldade na definição do construto, sugerindo seu abandono e propondo sua substituição por construções operativas e não somente operacionais, ou seja, a maior parte dos autores o entende a partir de uma abordagem empírica, operacionalizando uma determinada definição através de um conjunto de itens de interesses. Leitão e Miguel (2004) concordam com as idéias de Bohoslavsky (2007) e acreditam que as teorias da área focam-se na operacionalização dos interesses, mas não no seu surgimento e desenvolvimento. Os autores citam duas maneiras de avaliar os interesses: *a posteriori*, ou seja, cria-se uma definição de interesse e essa é operacionalizada por meio de escalas heterogêneas; e *a priori*, na qual se parte de uma teoria preexistente para a construção de itens de interesse, que são agrupados em escalas homogêneas, permitindo testar as hipóteses teóricas de base.

Nesse sentido, Leitão e Miguel (2004), por meio de um levantamento das teorias que tratam desse construto ao longo dos últimos 30 anos verificaram que não houve uma evolução sensível no que se refere à sua clarificação. Revisando os conceitos de interesse, os autores fazem referência a Strong (1954), que o conceituou como uma resposta de gosto ou aversão, em termos das atividades envolvidas, operacionalizando sua definição por meio de um inventário de interesses.

Ao lado disso, referem-se à Holland (1973) que teve como base uma teoria pré-existente para a construção de uma escala de interesses, definindo-os como reflexo da



personalidade do indivíduo e demarcou seis tipos de personalidade, a saber, Realista, Investigativo, Artístico, Social, Empreendedor e Convencional, cujas características correspondem a diferentes ambientes de trabalho. O tipo Realista diz respeito a um sujeito pouco sociável, com boa coordenação motora, força física, rapidez, que prefere problemas concretos aos abstratos. O tipo Investigativo demonstra-se hábil em lidar com palavras e idéias, tendendo a ser analítico e crítico. O tipo Artístico se refere a pessoas mais emotivas que racionais e utiliza muito da intuição e imaginação para a resolução de problemas (Mansão, 2005). O tipo Social destaca pessoas que preferem atividades que envolvam interação com outras pessoas, evitando trabalhar com máquinas e ferramentas e valorizam questões éticas envolvidas no contato social. O tipo Empreendedor engloba pessoas voltadas para as interações interpessoais, com vistas a objetivos organizacionais e políticos ou ganhos econômicos. E por último, o tipo Convencional diz respeito a sujeitos que gostam de manipular e analisar dados e números, importando-se mais com o setor econômico e menos com o ético e religioso, dando preferência a atividades sistemáticas, organizadas e passivas (Mansão, 2005).

Leitão e Miguel (2001) ainda citam diversos autores que definem o interesse, contudo, referem-se à definição de Savickas (1999) como a que melhor engloba os conceitos relativos ao construto, conseguindo diferenciá-lo de definições motivacionais. O autor apresenta uma distinção entre interesse como um estado de estar interessado, o qual significa a posição do indivíduo em relação a um único interesse, e interesse como um traço de personalidade, ou seja, uma disposição de resposta consistente e estável que aumenta a prontidão para a atenção e ação aos estímulos ambientais, considerando sua origem e desenvolvimento. Ao discutir o conceito de interesses, o autor faz menção a quatro sistemas teóricas da Psicologia que evidenciaram a construção da teoria dos interesses: o associacionismo, que dá ênfase ao entendimento dos interesses pela cognição e descreve os

interesses como atenção a algum ambiente, pessoa, objeto ou atividade; o estruturalismo, que os entende por meio das emoções, definindo-os como respostas de sentimentos de prazer ou sentimentos de dor que fixam a atenção da mente ou um sentimento que antecede a atenção; o propositivismo, que os analisa pela volição, ou seja, gostos ou desgostos por objetos ou atividades; e o funcionalismo, que os percebem como uma ação, assim os interesses são atividades que se movem para um fim. Assim, Savickas (1999) avalia que cada um desses sistemas apresenta aspectos qualitativos que fazem parte do interesse, não podendo dissociar-se do mesmo e nem serem tomados como definições do construto.

Para o autor, o interesse denota um complexo esforço adaptativo do indivíduo que usa o ambiente para satisfazer suas necessidades e valores. Sua definição, portanto, envolve aspectos da cognição, emoção, volição e ação, que estão presentes na interação sujeito-ambiente. Assim, para ele, interesse pode ser descrito como um estado de consciência caracterizado por prontidão de resposta, comportamental ou ideativa, a estímulos ambientais específicos (incluindo objetos, atividades, pessoas e experiências) que, uma vez ativado, predispõe para o conhecimento por meio da atenção seletiva. Essa focalização da atenção é acompanhada por um estado afetivo caracterizado pelo sentimento de agrado e por uma avaliação desse sentimento no que diz respeito à antecipação de uma futura gratificação ou satisfação, que impulsionam uma aproximação ao estímulo da atenção seletiva. Quando a gratificação e a satisfação são notadas, essas se convertem em volição e além de direcionar o esforço para o estabelecimento de objetivos acerca do estímulo, mantêm a ação para que se concretize o desejo, a necessidade ou valores pessoais.

O autor conclui que os determinantes que governam a origem e desenvolvimento dos interesses são as influências genéticas, a experiência aprendida, a habilidade de autopercepção, a identificação com o papel social, a acomodação com o mesmo e a expressão da personalidade e do autoconceito. O autor cita que na linguagem comum, uma

necessidade significa porque, um valor significa o que e um interesse significa como. Juntos, esses caracterizam os motivos individuais que movem as pessoas no mundo. Assim, as necessidades são satisfeitas pelas pessoas, os valores são demonstrados pelo comportamento, já os interesses dependem de uma oportunidade da sociedade e de situações estruturadas. Conseqüentemente, os interesses são menos estáveis e mais difíceis de acessar do que necessidades e valores e comparados com outras motivações, os interesses são mais difíceis de prever que os traços de personalidade, pois dependem da estrutura de oportunidades e de certas condições ambientais. Em acréscimo, menciona que os interesses se encontram na interação pessoa-ambiente unindo sujeito, objeto e comportamento numa relação vital. Essa relação entre pessoa-ambiente é manifestada em ações que satisfazem as necessidades, os valores, estimulando o autodesenvolvimento e aumentando a adaptação e a identidade do sujeito. Integra, então, os quatro atributos qualitativos do interesse que começa a ser processado cognitivamente, gerando emoções, que se convertem em vontade e por sua vez, determinam a ação promovendo interações sujeito-ambiente.

Para o autor, as teorias acerca do surgimento e desenvolvimento do interesse podem ser reunidas em três grupos. O primeiro agrupa as concepções baseadas na teoria da aprendizagem, que defende que os sujeitos aprendem a gostar das atividades que desempenham bem. Autores como Lent, Brown e Hackett (1994, citados por Savickas, 1999) fazem parte desse grupo, e se baseiam em um modelo sociocognitivo e na teoria de Bandura. Propõem que os interesses têm a sua origem na interação estabelecida entre as características do indivíduo e os recursos disponíveis no meio sociocultural de origem e resultam da interação entre as experiências de aprendizagem. Isso faz com que o sujeito desenvolva mecanismos sociocognitivos de crenças de auto-eficácia e expectativas de resultado, acabando por determinar os interesses.

A auto-eficácia refere-se aos julgamentos que o sujeito faz de suas próprias capacidades para organizar e executar seqüências comportamentais exigidas no desempenho de diversas tarefas, organizando-se em crenças pessoais. Já as expectativas de resultado envolvem conseqüências imaginadas de desempenhos específicos que traduzem crenças pessoais acerca da antecipação de possíveis resultados nos âmbitos material, social e de auto-satisfação. Assim, durante a infância e adolescência, os indivíduos experenciam variadas atividades que resultam reforços diferenciais, traduzindo em padrões de desempenho pessoal, sentimentos de eficácia a determinadas tarefas e aquisição de expectativas frente a desempenhos futuros.

No segundo grupo, o autor classifica as abordagens que concebem os interesses como reflexo da personalidade do indivíduo. O autor cita Carter (1940), que defende a integração da personalidade por meio dos interesses, e Bordin (1943), que os considera como expressão do autoconceito ocupacional. Ainda, inclui Holland (1963) e sua teoria tipológica, cuja concepção foi descrita anteriormente. E, por último, no terceiro grupo estão as teorias que enfatizam o papel social. Tyler (1951, citado por Savickas, 1999) por meio de uma metáfora, refere-se à imagem de uma ponte que une o papel social ao individual e entende o interesse como esse conjunto e aceitação ou rejeição ao papel social, gerando o gosto ou o desgosto pela atividade. Dessa maneira, os interesses favoreceriam a prática do ajustamento às condições ambientais, auxiliando na manutenção da integridade do indivíduo, em um processo de máximo ajustamento e de “auto-completamento”.

No Brasil, Noronha e colaboradores (2007) desenvolveram a Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) e, por meio de autores como Bohoslavsky (2007) e Leitão e Miguel (2004) referem-se à definição de Savickas (1999) como a que melhor engloba a teoria acerca dos interesses, diferenciando-os de outros construtos motivacionais, apesar da construção da EAP ter sido baseada em dados empíricos. No presente estudo, os

interesses serão entendidos como a preferência por atividades profissionais, ou seja, Noronha e colaboradores (2007) traçaram perfis de carreiras, tendo como base o pressuposto de que uma pessoa em uma determinada carreira pode não preferir somente atividades relacionadas à mesma, mas optar também por atividades características de outras carreiras.

## **2.1 PESQUISAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS SOBRE INTERESSE PROFISSIONAL**

Grande parte das pesquisas no Brasil sobre interesses profissionais concentra-se em amostras de estudantes de ensino médio, bem como, evidencia-se a relevância do construto por meio da construção de uma série de instrumentos na área de OP (Mansão & Yoshida, 2006; Melo-Silva, Noce & Andrade, 2003; Okino, Noce, Assoni, Corlatti, Pasian & Jacquemin, 2003). Exemplo disso foi a adaptação por Okino e cols. (2003) de um teste projetivo, o BBT – Teste de Profissões de Achnich (1991), instrumento projetivo que avalia o interesse profissional. Ainda em relação à construção de instrumentos, Neiva (2003) teve como objetivo comparar o nível de maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio, por meio da construção da Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP. Em acréscimo, Mansão e Yoshida (2006) buscaram avaliar as propriedades psicométricas do Questionário de Busca Auto-Dirigida (SDS) de Holland, Fritzsche e Powell (1994). Os dados encontrados por meio desses instrumentos descritos mostraram-se satisfatórios.

Há que se destacar estudos acerca das relações entre interesse e outros construtos psicológicos. Magalhães e Gomes (2007) buscaram correlacionar os interesses vocacionais e os processos de comprometimento e entrenchamento na carreira em fases distintas da vida. Como instrumento de interesse, foi utilizado o Self Directed Search – SDS (Holland,

1997), bem como uma escala de comprometimento de Carson e Bedeian (1994), e outra de entrincheiramento de carreira de Carson, Carson e Bedeian (1995). As análises revelaram interação entre estágio de vida e personalidade vocacional para o entrincheiramento de carreira. Na adultez média, o tipo investigativo mostrou maior tendência ao entrincheiramento, já o tipo empreendedor mostrou maior planejamento de carreira.

Gouveia, Meira, Gusmão, Souza Filho e Souza (2008) correlacionaram os interesses com valores básicos, utilizando o Inventário de Interesse Vocacional (UNIACT), fundamentado no modelo teórico de Holland (1997) e o Questionário dos Valores Básicos (QVB) de Gouveia (1998, 2003). Os resultados demonstraram que os interesses vocacionais se relacionam aos valores humanos. Os autores salientam que conhecer quais valores orientam a escolha profissional das pessoas pode ser útil para entender mais acerca do contexto psicossocial em que se realiza esta escolha. Godoy, Noronha, Ambiel e Nunes (2008) tiveram como objetivo correlacionar quatro instrumentos, sendo dois de interesse profissional, Levantamento de Interesses Profissionais – LIP (Del Nero, 1984) o Inventário de Interesses Angelini (Angelini, s.d.) e dois que avaliam a inteligência, o Teste de Inteligência não verbal – INV (Rainho, s.d.), e a Bateria de Prova de Raciocínio – BPR-5 (Primi & Almeida, 1998). Os resultados demonstraram algumas correlações significativas entre a BPR-5 e LIP, e entre o INV e Angelini. Os autores salientam que em um processo de OP, deve-se considerar que existe relação, ainda que fraca, entre os interesses e habilidades. Desse modo, o orientador deve incluir informações úteis para o autoconhecimento do cliente, para efeito de comparação com informações objetivas sobre o mercado de trabalho e as profissões. Essa meta pode ser atingida por meio do uso de testes de interesse e inteligência, sendo considerados em uma perspectiva ampla, auxiliando o indivíduo a refletir sobre sua trajetória escolar, pessoal e social.

No que concerne à avaliação dos interesses em amostras universitárias e com a utilização da Escala de Aconselhamento Profissional – EAP (Noronha & cols., 2007), que avalia as preferências por atividades profissionais, Noronha e Ambiel (2008a) correlacionaram as sete dimensões do EAP, a saber, Ciências Exatas, Artes e Comunicação, Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Agrárias e Ambientais, Atividades Burocráticas, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Entretenimento com o Self Directed Search - SDS Forma CE (Holland, Fritzsche & Powell, 1994a), composto por quatro escalas: Atividades, Competências, Carreiras e Habilidades, divididas em seis subescalas, referentes aos seis Tipos de personalidade vocacional de Holland: Realista, Investigativo, Artístico, Social, Empreendedor e Convencional. Para tanto, participaram 122 estudantes universitários das áreas de Educação Artística, Psicologia e Medicina Veterinária, com idades entre 17 e 73 anos. Os autores analisaram os tipos predominantes em cada curso e Educação Artística obteve média alta nos tipos Artístico e Social; Psicologia teve maior pontuação em Social e Investigativo; e Veterinária, nos tipos Empreendedor e Social.

Noronha e Ambiel (2008a) realizaram correlações para cada Tipo do SDS Forma CE com o EAP e encontraram o seguinte: o item 56 do EAP, que se refere a promover instalação de hotéis obteve o maior índice ( $r=0,30$ ) com o Tipo Realista, o qual evoca a visão econômica do sujeito Realista, bem como características técnicas e de engenharia. Já, o item 25 do EAP, que diz respeito a prevenir lesões e reabilitar sujeitos machucados, ou seja, uma atividade voltada ao cuidado com os seres humanos, apresentou maior índice ( $r=0,29$ ) para o tipo Investigativo. Seis itens do EAP correlacionaram-se positivamente com o tipo Artístico, com coeficientes superiores a 0,40. Pode-se citar, como exemplo, o item 43, que se refere a recuperar obras e objetos de arte. O item 52 do EAP, estudar o passado em seus múltiplos aspectos, apresentou correlação significativa ( $r= 0,29$ ) com o tipo Social, mostrando inclinação para atividades em que existem problemas sociais e éticos

envolvidos. Quatro itens do EAP apresentaram correlação positiva com coeficiente igual a 0,30 com o tipo Empreendedor. Como exemplo, pode-se citar o item 9, que se refere a cuidar de princípios e normas relativos à arrecadação de impostos, taxas e obrigações tributárias e nota-se que esse item descreve muito bem o tipo Empreendedor. E por fim, dois itens do EAP, e destaca-se o 47 ( $r=0,29$ ), que diz respeito a analisar e interpretar dados numéricos apresentaram correlação significativa com o tipo Convencional, sugerindo a importância que esse tipo dá ao fator econômico. Os resultados parecem encontrar-se de acordo com as características dos cursos, principalmente a Educação Artística e Psicologia (Noronha & Ambiel, 2008a).

Outro estudo realizado com o EAP foi o de Sartori (2007), que correlacionou as dimensões do EAP com a tipologia vocacional de Holland – *Self Direct Search* (SDS; Holland, 1963, citado por Sartori, 2007). Participaram de sua pesquisa 131 estudantes do ensino médio, com idades entre 15 e 19 anos, de escolas particulares. As análises de variância entre séries não indicaram diferenças significativas. Em relação ao sexo, apenas na dimensão Ciências Biológicas e da Saúde houve diferença significativa. A autora também realizou correlações entre as sete dimensões do EAP e a seção Atividades do SDS. De modo geral, notou-se que houve correlação significativa entre a dimensão Ciências Exatas e os tipos Investigativo ( $r=0,38$ ), Realista ( $r=0,31$ ), e Convencional ( $r=0,16$ ); entre a dimensão Ciências Biológicas e da Saúde com os tipos Investigativo ( $r=0,30$ ) e Social ( $r=0,22$ ) e entre Atividades Burocráticas com os tipos Convencional ( $r=0,48$ ), Empreendedor ( $r=0,40$ ) e Realista ( $r=0,11$ ). A autora conclui que esses tipos de estudos visam contribuir para a área de OP. Esse processo, além de possibilitar um momento de reflexão para o indivíduo sobre suas características pessoais e profissionais, pode proporcionar uma escolha mais congruente de acordo com sua personalidade e ambiente. Desse modo, as pessoas deveriam buscar ambientes e profissões que lhe permitam exercitar suas



habilidades e capacidades, expressando atitudes e valores, aproximando-se de atividades agradáveis.

Sartori, Noronha e Nunes (2009) buscaram correlacionar o EAP e o SDS, com vistas a analisar as diferenças de médias entre os instrumentos, no que se refere ao sexo e a série escolar dos participantes. Para tanto, participaram 177 estudantes do Ensino Médio de quatro escolas particulares do estado de São Paulo, sendo 44,6% homens e 55,4% mulheres, com idade variando de 14 a 19 anos. As autoras verificaram que as médias de interesses não diferiram significativamente em razão das séries escolares, porém o sexo apresentou diferenças significativas para os dois testes. Em particular, para o EAP, Ciências Exatas e Ciências Biológicas e da Saúde apresentaram diferenças estatisticamente significativas em função do sexo do participante. E, particularmente, na dimensão de Ciências Exatas, os homens exibiram médias mais elevadas.

Noronha e Ambiel (2008b) realizaram outro estudo com o EAP que teve como objetivo investigar relações entre os interesses profissionais de pais e filhos, entre as fontes de auto-eficácia percebidas pelos filhos, com seus interesses e de seus pais. Contaram com 35 estudantes do ensino médio e um dos seus genitores (67,6% eram mães), num total de 70 sujeitos. Para observar essa relação, foi utilizada a Escala de Auto-Eficácia para Atividades Ocupacionais - EAAOc (Nunes, 2007), que avalia a auto-eficácia e suas fontes, a saber, experiência direta, aprendizagem vicária, persuasão verbal e o EAP. Foram realizadas correlações entre as dimensões do EAP e as respostas de pais e filhos e os autores encontraram que as dimensões Ciências Exatas, Artes e Comunicação e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas forneceram índices significativos. Do mesmo modo, os escores dos filhos em Ciências Biológicas e da Saúde se correlacionaram com os escores dos genitores em Atividades Burocráticas e Entretenimento. O fator experiência direta se correlacionou com os interesses dos filhos em Atividades Burocráticas e o fator

aprendizagem vicária se relacionou com Ciências Agrárias e Ambientais e Ciências Biológicas e da Saúde. O único fator que se relacionou com os interesses dos pais foi persuasão verbal, mostrando-se moderadamente correlacionado com Ciências Exatas. Assim, esses achados, sugerem uma tendência à transmissão de pais para filhos de padrões de interesses em Ciências Exatas principalmente por meios verbais.

Sartori, Noronha, Godoy e Ambiel (no prelo) avaliaram os interesses profissionais de jovens do ensino médio, por meio de um estudo correlacional entre a Escala de Aconselhamento Profissional - EAP e o Self-Directed Search Career Explorer – SDS. Mais especificamente, os autores analisaram três das quatro seções da SDS, a saber, Competências, Carreiras e Habilidades. A amostra contou com 132 estudantes, sendo 54,5% mulheres, com idade média 15,9 anos. Destacam-se as sessões Competências e Carreiras, por apresentarem maiores correlações com o EAP, como esperado pelos autores. Na seção Competências, duas correlações merecem destaque, entre o tipo Investigativo e a dimensão Exatas ( $r= 0,54, p<0,001$ ) e entre o tipo Artístico e Artes e Comunicação ( $r=0,54, p<0,001$ ). Além dessas, ressalta-se as correlações entre o tipo Social e a dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ( $r=0,43, p<0,001$ ) e entre o tipo Convencional e Atividades Burocráticas ( $r=0,41, p<0,001$ ). E na seção Carreiras, o tipo Realista correlacionou-se com Ciências Exatas de forma moderada ( $r=0,42, p<0,001$ ). Ao lado disso, o tipo Investigativo apresentou o maior número de correlações significativas entre Ciências Biológicas e da Saúde ( $r=0,53, p<0,001$ ), Ciências Agrárias e Ambientais ( $r=0,48, p<0,001$ ) e com Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ( $r=0,40, p<0,001$ ). O tipo Artístico apresentou apenas uma correlação alta com a dimensão Artes e Comunicação ( $r=0,62, p<0,001$ ) e o tipo Social correlacionou-se moderadamente com Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ( $r=0,49, p<0,001$ ) e Entretenimento ( $r=0,43, p<0,001$ ). E por fim, os tipos Empreendedor

( $r=0,45$   $p<0,001$ ) e Convencional ( $r=0,50$ ,  $p<0,001$ ) se correlacionaram com Atividades Burocráticas.

Em âmbito internacional, destaca-se também a construção de instrumentos de interesse vocacional. Hansen e Neuman (1999) examinaram evidências de validade preditiva concorrente entre o Campbell Interest and Skill Survey (CISS) e o Strong Interest Inventory (SII) para universitários. Os autores encontraram resultados moderados a excelentes entre a escolha do curso e os interesses da Escala Ocupacional CISS, mostrando que os cursos universitários e o interesse dos alunos se relacionaram em 69,3% para mulheres e 75,8% para homens. Esses estudos ressaltam a importância de se avaliar os interesses, bem como suas relações com outros construtos.

Leuwerke, Robbins, Sawyer e Hovland (2004) por meio de um estudo longitudinal, buscaram relacionar o conhecimento em Matemática e a predição da congruência entre interesses acessados no ensino médio e a persistência de completar o primeiro ano do curso de Engenharia. Para tanto, os autores criaram algumas hipóteses: a combinação entre o conhecimento acadêmico do ensino médio e a congruência entre o interesse prediz a retenção dos alunos no primeiro ano do curso de Engenharia, incluindo ficar, mudar de curso ou parar. Eles esperavam, também, que o conhecimento e o interesse demonstrassem relação e que estudantes com alto nível de conhecimento e congruência de interesses iriam persistir no curso de Engenharia, e o oposto ocorreria com estudantes com alto interesse, mas baixo conhecimento. A amostra foi composta por 844 pessoas, sendo 622 homens e 222 mulheres, com idades entre 18 e 28 anos.

Um total de 577 estudantes continuou o curso no segundo ano, sendo que 137 pararam e 130 se transferiram para outro curso. Além de um instrumento para obter medidas demográficas, foi utilizado um teste de Matemática (ACT), um de interesses (UNIACT), outro para medir a congruência entre os interesses individuais, denominado

HCI e por fim, foi medida a retenção no curso pela continuidade no mesmo até o terceiro semestre. Para prever a continuidade no curso, os autores utilizaram os instrumentos de interesses e o de conhecimento acerca de Matemática e encontraram que altos níveis de conhecimento em Matemática predizem a retenção no curso de Engenharia. Foi encontrada relação entre o conhecimento de Matemática e a congruência do interesse. Esses achados reforçam a importância de se examinar o conhecimento e os fatores de congruência entre interesse quando se tenta entender a retenção na faculdade de engenheiros (Leuwerke & cols., 2004).

Leung e Hou (2005) realizaram um estudo que buscou examinar a estrutura dos interesses vocacionais de 772 estudantes do ensino médio chinês. Utilizaram, para tanto, o SDS Forma R, que consta de cinco seções, a saber, Atividades, Competências, Ocupações e duas seções de Auto-estimativas, e um questionário demográfico. Para os escores das seções Atividades, Competências e Ocupações, e para os seis Tipos de Holland, os autores realizaram o método de rotação Promax. Os seis fatores extraídos foram bem similares ao modelo de RIASEC de Holland. A existência da distinção entre os fatores Artístico, Realista e Investigativo foi confirmada. Entretanto, os fatores Convencional, Entretenimento e Social não se refletiram claramente nos escores. Os autores, baseados na análise *scree plot*, encontraram que há uma possibilidade de que seja mais apropriado um modelo com três fatores, em vez de seis para os estudantes chineses. Sendo assim, realizaram uma rotação varimax com três fatores que parecia a solução mais adequada para o caso. Baseando-se nessa estrutura, o primeiro fator foi formado pela combinação dos fatores Social, Convencional e Empreendedor; o segundo foi uma combinação dos tipos Realista e Investigativo; e o terceiro foi uma combinação dos tipos Artístico e Social. Entretanto, o maior ponto de divergência ocorreu com o fator Social e os autores sugerem que esse deve então ser um fator distinto. E assim, o fator Artístico, poderia unir-se aos

fatores Convencional e Empreendedor. Os achados desse estudo sugerem que a estrutura hierárquica dos interesses vocacionais, reduzindo os seis fatores para três, pode ser válida para a cultura chinesa. Por fim, os achados se mostraram consistentes com os estudos realizados em outras culturas que classificaram os modelos de interesses vocacionais (Leung & Hou, 2005).

Outro estudo realizado por Rottinghaus, Coon, Gaffey e Zytowski (2007) buscou analisar 30 anos de estabilidade e validade preditiva dos interesses vocacionais em 107 estudantes de ensino médio formados em uma comunidade rural dos Estados Unidos, que completaram o Kuder Occupational Interest Survey entre 1975 e 2005. A estabilidade dos interesses foi examinada usando três diferentes métodos: média dos grupos de acordo com o tempo; teste *t* que comparou cada indivíduo entre os anos de 1975 e 2005, bem como a diferença entre homens e mulheres; e teste-reteste. Foi também examinada a validade preditiva. Os resultados mostraram mudanças de média, estabilidade moderada ( $\rho=0,54$ ) e correlações entre 0,10 a 0,76 no teste-reteste. Os autores concluem que esse estudo colabora com estudos de estabilidade e possibilita um maior entendimento de que alguns indivíduos mostram interesses estáveis. As comparações entre os escores de 1975 aos de 2005 mostraram validade preditiva pelos índices de homens e mulheres. Entretanto, as diferenças entre os sexos não foram significativas. Por fim, os achados facilitam um maior entendimento sobre o desenvolvimento de carreira após o período do ensino médio.

Esses achados acerca dos interesses configuram a constante necessidade de pesquisas sobre o construto. Nota-se cada vez mais relações existentes entre os interesses profissionais e a personalidade. Holland (1994), por exemplo, os entende como reflexo da personalidade do indivíduo. Assim, para o autor, a congruência entre ambiente e personalidade produz bons resultados, como satisfação e realização no trabalho. Do mesmo modo, Ackerman e Bier (2003) comungam da concepção de que há uma comunalidade

entre as medidas de interesse e personalidade. Desse modo, propõem mais estudos que busquem essa relação para que haja uma integração dos processos de escolha de carreira.

### III. PERSONALIDADE

A partir do estudo da personalidade pode-se conhecer o funcionamento e comportamento humano. Assim sendo, os instrumentos para sua avaliação devem ser apropriados para descrever tal funcionamento (Church & Lonner, 1998). Embora a personalidade seja muito estudada na Psicologia, deve-se ressaltar a dificuldade de sua definição, além do que os diferentes teóricos que estudam esse construto apresentam visões muito divergentes (Allen, 1997; Eysenck, 1981).

Uma das perspectivas estudadas é a que considera a personalidade por meio de traços, os quais são entendidos como um aspecto duradouro que influencia o comportamento, servindo mais como descritor das diferenças individuais do que determinante do comportamento (McCrae & Costa, 1995). O avanço dos estudos de traços tem determinado modelos teóricos que consideram os fatores gerais da personalidade (Wiggins, 1980). Existem afirmações de que uma abordagem de traços apresenta a base para um paradigma coerente da teoria da personalidade na tradição da ciência natural, já que em todas as ciências a taxonomia precede a análise causal (Cloninger, 1999). Os autores que mais contribuíram para o estudo dos traços da personalidade foram Gordon Allport (1967, citado por Hall, Lindsey & Campbell, 2000) Raymond Bernard Catell (1950, citado por Hall & cols., 2000) e Hans Eysenck (1990, citado por Hall & cols., 2000).

Gordon Allport (1967, citado por Hall & cols., 2000) estudou o conceito de traço de 1931 a 1967, utilizando essa conceituação como descritora das diferenças individuais e como determinante do comportamento. O autor definia a personalidade como uma organização dinâmica de sistemas psicofísicos, os quais determinam seus ajustamentos no ambiente. A organização dinâmica refere-se ao constante desenvolvimento e mudança da personalidade, já os sistemas psicofísicos dizem respeito a uma operação do corpo e da

mente, fundidos em uma unidade pessoal. Assim, a personalidade é constituída por tendências determinantes que desempenham um papel ativo no comportamento. Para o autor, a estrutura da personalidade é representada em termos dos traços. O traço é definido como uma estrutura neuropsíquica capaz de tornar muitos estímulos funcionalmente equivalentes, e de iniciar e orientar formas equivalentes de comportamento adaptativo e expressivo podendo ser compartilhado por vários indivíduos. Portanto, os traços são ‘tendências’ e inferidos a partir do comportamento, não sendo diretamente observados. Essas inferências são feitas baseadas na frequência com que a pessoa apresenta determinado comportamento, na variedade de situações em que o comportamento é apresentado e na intensidade do comportamento exibido (Hall & cols., 2000).

Já, o segundo teórico Raymond Bernard Catell (1950, citado por Hall & cols., 2000) compreendia a análise fatorial como um instrumento esclarecedor de uma variedade de problemas, os quais foram ordenados em uma estrutura sistemática. Assim, sua teoria representa uma tentativa de reunir e organizar os achados de estudos fatoriais analíticos da personalidade. Sua teoria é semelhante à de Allport, no sentido de também entender a personalidade por meio de traços, todavia, sua visão se assemelha mais a Henry Murray, o qual buscou um mapeamento empírico de amplas extensões da personalidade. Ele entendia a personalidade como uma predição do que uma pessoa fará em determinada situação, estando relacionada a todos os comportamentos do indivíduo. Para ele, a personalidade é uma estrutura complexa e diferenciada de traços, definidos como uma ‘estrutura mental’, uma inferência feita a partir de um comportamento observado para explicar a consistência desse comportamento. O autor ainda distingue os traços em dois, os de superfície, que se referem a agrupamentos de variáveis manifestas que parecem ocorrer juntas e os de origem, que representam variáveis subjacentes que entram na determinação de múltiplas manifestações de superfície (Hall & cols., 2000).



Diferentemente, Hans Eysenck (1990, citado por Hall & cols., 2000) se propôs a entender a personalidade a partir de suas dimensões biológicas, compreendendo que o funcionamento característico do sistema nervoso central predispõe os indivíduos a responder de certas maneiras ao ambiente. Seu modelo é distinto em vários aspectos, pois ele propõe que o estudo desse construto tem dois aspectos interligados, um descritivo, que se refere ao estabelecimento de unidades a serem usadas para resumir as maneiras pelas quais os indivíduos diferem, e um causal, no qual reconhece o papel desempenhado pela aprendizagem e forças ambientais. Sua abordagem é única, no sentido de que especifica uma cadeia causal em que o substrato biológico é responsável pelas diferenças individuais no que se refere à personalidade. O autor, explica o comportamento em termos de processos que operam em nível mais fundamental, por exemplo, os introvertidos e os extrovertidos possuem hábitos de trabalho diferentes no que se refere à sensibilidade à estimulação, que por sua vez, são umas das funções de diferenças fisiológicas subjacentes. Para ele, há uma distinção entre os conceitos de traço e tipo. Um traço se refere a um conjunto de comportamentos relacionados que co-variam ou ocorrem juntos repetidamente. Um tipo é um construto de ordem superior, compreendendo um conjunto de traços correlacionados.

O modelo da personalidade de Eysenck (1990, citado por Hall & cols., 2000) inclui três dimensões tipológicas básicas: introversão *versus* extroversão, neuroticismo *versus* estabilidade e psicoticismo *versus* controle dos impulsos. Eysenck, como Catell, informou que seus três fatores emergem de estudos fatoriais. O autor propõe que o psicoticismo, a extroversão e o neuroticismo estruturam as diferenças individuais de temperamento, entendendo-o como traços primários. Eysenck coloca seu modelo em uma perspectiva histórica ao descrever como os dois tipos da personalidade, extroversão e neuroticismo, podem ser traçados por meio da história até seu sistema de temperamento e baseia-se em autores como Hipócrates, Galeno e Kant. Para, Eysenck o psicoticismo compreende o

contínuo do comportamento saudável, passando pelo criminoso e psicopático e chegando ao estado esquizofrênico (Hall & cols., 2000).

Posteriormente, um grande número de pesquisadores, em diversas culturas, propôs uma estrutura baseada em um modelo ortogonal de cinco fatores da personalidade, sendo denominado pelos autores Cinco Grandes Fatores – CGF (Borgatta, 1964; Digman, 1990; Fiske, 1949; Goldberg, 1990; McCrae & Costa, 1995/1997; Norman, 1963). O desenvolvimento desse modelo começa com Allport e Odbert (1936, citados por Hall & cols., 2000) que tentaram identificar possíveis diferenças individuais extraindo os termos relevantes de um dicionário. Allport trabalhou com a hipótese léxica, que se refere às importantes diferenças individuais que estão codificadas na linguagem. Allport e Oldbert extraíram cerca de 18.000 termos, dos quais 4.500 se referiam a traços generalizados e estáveis. Aproximadamente na mesma época, Thurstone (1934, citado por Hall & cols., 2000) realizou na análise fatorial com 60 adjetivos comuns. O autor identificou cinco fatores, antecipando assim o modelo dos CGF. Catell usou os termos descritivos de Allport e Odbert como um ponto de partida para suas análises. Fiske foi o primeiro a extrair cinco fatores replicados, usando o trabalho de Catell. Tupes e Christal (1961, citados por Hall & cols., 2000) re-analisaram 30 escalas de Catell, utilizando pela primeira vez o computador para realizar análises fatoriais e os resultados indicaram que uma solução de cinco fatores era a mais adequada. De acordo com Hall e colaboradores (2000), logo após, Goldberg (1981) realizou uma série de estudos investigando a estrutura subjacente dos termos – adjetivos – que descrevem traços. Ele identificou cinco fatores amplos, os quais agrupou em 100 sinônimos. McCrae e Costa (1987) também identificaram uma estrutura de cinco fatores, utilizando os nomes de neuroticismo, extroversão, cordialidade, conscienciosidade e franqueza. E assim, desenvolveram o NEO-PI para medir essa estrutura (Hall & cols., 2000). Os autores atribuem a essa universalidade a existência de diversas características

biológicas representadas por traços. O que aproxima, da concepção de Allport (1961), citado anteriormente, em que os traços representam aspectos da personalidade que são compartilhados por a maioria das pessoas de uma cultura (Hall & cols., 2000).

De modo geral, pode-se afirmar que o modelo dos CGF desenvolveu-se a partir de pesquisas realizadas na área das teorias fatoriais e das de traços de personalidade, sendo que as primeiras contribuíram no que se refere ao aspecto instrumental e metodológico, convergindo para uma solução de cinco fatores, e as últimas contribuíram fortemente para o desenvolvimento da base teórica do modelo. A descoberta dos CGF foi acidental e pode ser descrita como uma generalização empírica, replicada inúmeras vezes. Como o modelo não foi construído a partir de uma teoria, não há uma explicação teórica acerca de sua organização em cinco fatores. Por esse fato, vários autores questionam a origem do número de fatores, com base na análise da linguagem utilizada para descrever pessoas (Goldberg, 1990; John, Angleitner & Ostendorf, 1988; Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Antón e Wiczonek, 1998). O uso de descritores de traços, geralmente adjetivos, da linguagem natural tem sido defendido como a melhor maneira para identificar fatores que permitam entender a personalidade (Briggs, 1992). Isso decorre da hipótese léxica que entende que as diferenças individuais mais significativas nas interações das pessoas são codificadas na linguagem (Goldberg, 1990).

No Brasil, Hutz e colaboradores (1998) encontraram evidências de validade para o modelo Cinco Grandes Fatores (CGF), o qual é constituído dos seguintes fatores: Neuroticismo, Extroversão, Abertura, Socialização e Realização (Goldberg, 1990; John & cols., 1988; Hutz & cols., 1998). Neuroticismo ou estabilidade emocional pode ser descrito como a predisposição do indivíduo para experimentar afetos negativos tais como ansiedade, raiva e depressão (Costa, McCrae & Kay, 1995).

Esse fator pode ser dividido em quatro facetas segundo Nunes, Hutz e Nunes (2008), vulnerabilidade, instabilidade emocional, passividade/falta de energia e depressão. Vulnerabilidade refere-se à intensidade com que as pessoas vivenciam sofrimentos em decorrência a aceitação dos outros para consigo. Escores muito altos caracterizam pessoas com baixa auto-estima, grande medo de que seus amigos os deixem em decorrência de seus erros, tendendo a ter atitudes que vão contra sua vontade com o objetivo de agradar as pessoas. Os autores relatam, também, serem inseguras, muito dependentes das pessoas mais próximas e com dificuldades para tomar decisões. Já, escores muito baixos também podem indicar má adaptação, podendo chegar a possuir grande independência emocional em relação às pessoas, chegando a frieza e falta de sensibilidade para com os outros e excessivamente individualistas.

Instabilidade emocional diz respeito ao quanto às pessoas descrevem-se como irritáveis, nervosas e com grandes variações de humor. Altos escores nessa faceta indicam a tendência a agir impulsivamente quando sentem algum desconforto psicológico, tomando decisões precipitadas com frequência, tendendo a ter grandes oscilações de humor sem um motivo aparente, possuindo dificuldade para controlar seus sentimentos negativos e apresentam baixa tolerância a frustração. Altos escores de Passividade/falta de energia referem-se a comportamento de procrastinação, de modo que as pessoas têm dificuldade para iniciar tarefas, bem como para manter a motivação em afazeres longos ou difíceis. Pessoas com esse perfil precisam de estímulo dos outros para conseguir levar adiante seus planos. Por último, depressão avalia os padrões de interpretações que os indivíduos apresentam em relação aos eventos que ocorrem em suas vidas. Altos escores tendem a relatar baixa expectativa em relação ao futuro, o que caracteriza desesperança, apresentam grande monotonia e falta de emoção, tendendo a ser pessoas solitárias, sem objetivos claros na vida (Nunes & cols., 2008).

Extroversão é tipicamente descrita como sociabilidade, espírito gregário e assertividade (Costa & cols., 1995). De acordo com Nunes e colaboradores (2008) dentro desse fator, existem quatro facetas: comunicação, altivez, dinamismo e interações sociais. Comunicação pode ser descrita pelo quanto as pessoas acreditam ser comunicativas e expansivas. Pessoas com altos escores nessa escala normalmente apresentam facilidade para falar em público, tendem a falar mais sobre si mesmas e relatam ter facilidade para conhecer novas pessoas, tendendo a iniciar conversas com os outros, expressando suas opiniões e interesses quando estão em grupo e indicam que dificilmente sentem-se constrangidas em situações sociais. Altivez descreve pessoas com uma percepção grandiosa sobre sua capacidade e valor. Indivíduos com altos escores nessa escala relatam a necessidade de receber atenção das pessoas, crença que os demais os invejam e uma predisposição para falar sobre si. Dinamismo indica o quanto as pessoas tomam a iniciativa em situações variadas, o quanto colocam suas idéias em prática e seu nível de atividade. Pessoas com altos escores nessa escala usualmente são mais dinâmicas, envolvendo-se em várias atividades simultaneamente e preferem manter-se ocupadas em atividades variadas. Por fim, interações sociais descrevem pessoas que buscam situações de relacionamentos sociais como festas, atividades em grupo. Indivíduos com altos escores nessa escala tendem a ser gregários e esforçam-se para manter contato com seus conhecidos, relatando preferir atividades em grupo.

Abertura, tal como o termo indica, significa disponibilidade para sentimentos e novas idéias, sensibilidade estética e flexibilidade (Costa & cols., 1995). Segundo Nunes e colaboradores (2008) esse fator é dividido em três facetas, a saber, interesses por novas idéias, liberalismo e busca por novidades. Interesses por novas idéias descrevem abertura para novos conceitos que podem incluir postura aberta para posições filosóficas, arte, fotografia, estilos musicais e diferentes expressões culturais. Indicam também atitude aberta

para o uso da imaginação e fantasia. Altos escores dessa faceta indicam a tendência por participar em atividades que exijam imaginação ou fantasia, interesse por idéias abstratas, discussões filosóficas sobre arte e curiosidade sobre novas tendências musicais. Liberalismo refere-se à tendência a abertura para novos valores morais e sociais, bem como uma relativização de valores morais e uma consciência de que os aspectos tidos como ‘verdades’ tendem a mudar ao longo do tempo, do mesmo modo que as regras e costumes sociais. Por fim, busca por novidades descreve uma preferência por vivenciar novos eventos e ações. Altos níveis nessa faceta relatam uma tendência a não gostar de rotinas fixas, indicando pouca motivação para realização de tarefas repetitivas, apresentando tédio quando não conseguem vivenciar novos eventos. Já baixos níveis nessa faceta apresentam desconforto com a quebra da rotina, além de pouco interesse para coisas novas que nunca realizaram, bem como conhecer lugares e objetos novos.

Socialização engloba aspectos de altruísmo, cuidado, confiança e cooperação (Costa & cols., 1995). Esse fator é dividido por Nunes e colaboradores (2008) em três facetas: amabilidade, pró-sociabilidade e confiança nas pessoas. Amabilidade refere-se ao quanto as pessoas são compreensivas, atenciosas e empáticas com as demais, indicando o quão agradáveis as pessoas buscam ser com os outros, observando suas opiniões, sendo educadas e se importando com suas necessidades. Pessoas com altos escores em amabilidade tendem a ser atenciosas e amáveis com as demais, apresentando uma preocupação em tratar bem os demais. Já, pessoas com baixos escores tendem a apresentar pouca disponibilidade para os demais, sendo autocentradas e indiferentes para com as necessidades alheias, podendo chegar a serem hostis.

Pró-Sociabilidade descreve comportamentos de risco, concordância ou confronto com leis e regras sociais, moralidade e auto e heteroagressividade, além de padrões de bebidas alcoólicas. Pessoas com altos níveis de pró-sociabilidade tendem a evitar situações

de risco, bem como transgressões a leis e regras sociais, tendendo a apresentar uma postura franca com os demais. Por sua vez, indivíduos com baixos escores tendem a envolverem-se em situações que podem colocá-los em risco as demais pessoas, apresentando pouca preocupação em seguir regras, tendendo a ser manipuladores, e podem apresentar um padrão elevado de consumo de álcool. Por fim, confiança nas pessoas descreve o quanto as pessoas confiam nos demais, acreditando que eles não as prejudicarão. Altos escores nessa faceta demonstram uma disposição a acreditar que os outros são honestos e bem intencionados, já baixos escores tendem a apresentar pessoas céticas, acreditando que os outros são desonestos ou mal intencionados. Escores muito altos em confiança demonstram pessoas com uma postura ingênua, já escores muito baixos relatam uma percepção de que as pessoas podem estar prejudicando-as em vários contextos, tendendo a serem ciumentas em relacionamentos amorosos e possuem dificuldade em desenvolver intimidade com os outros (Nunes & cols., 2008).

Realização inclui persistência, responsabilidade e necessidade de realização (Costa & cols., 1995). Esse fator pode ser dividido de acordo com Nunes e colaboradores (2008) em três facetas, a saber, competência, ponderação/prudência, empenho/comprometimento. Competência pode ser descrita como uma atitude ativa na busca de objetivos e consciência de que é preciso fazer alguns sacrifícios pessoais para se obter os resultados esperados. As pessoas também possuem uma percepção favorável de si mesmas, tendendo a acreditar em suas capacidades para realizar tarefas consideradas difíceis e importantes. As pessoas nessa faceta tendem a acreditar em seu potencial para realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, gostando de atividades complexas e desafiantes e possuem clareza sobre seus objetivos de vida. Ponderação/prudência descreve situações que envolvem o cuidado para expressar opiniões e defender interesses, além da avaliação das possíveis conseqüências das ações. Identificações com essa faceta demonstram pessoas mais ponderadas quanto ao que dizem e

falam e um controle da impulsividade ao resolver problemas. Por último, empenho/comprometimento refere-se à tendência ao detalhismo na realização de trabalhos e um alto nível de exigência pessoal com a qualidade das tarefas realizadas. As pessoas que se identificam com essa faceta tendem a dedicar-se bastante em suas atividades profissionais/acadêmicas e gostam de obter reconhecimento pelo seu esforço. Descrevem também uma tendência ao planejamento detalhado de passos para a realização de alguma tarefa e necessidade de realizar revisões em seus trabalhos antes de expô-los.

Em relação aos estudos nacionais acerca da personalidade no modelo dos CGF, Bueno, Oliveira e Oliveira (2001) buscaram relacioná-los às habilidades sociais. Participaram dessa pesquisa 189 estudantes universitários, de ambos os sexos, sendo 41 homens e 148 mulheres, com idade entre 18 e 59 anos, e cursando o primeiro ano dos cursos de Letras, História Psicologia, Pedagogia e Biologia. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais - IHS (Del Prette, Del Prette & Barreto, 1998), que informa sobre o enfrentamento com risco, a auto-afirmação na expressão do afeto positivo, a conversação e desenvoltura social, a autoexposição a desconhecidos e a situações novas e ao autocontrole da agressividade em situações aversivas; e um Inventário de Personalidade que se baseia nos CGF (extroversão, socialização, escrupulosidade/realização, neuroticismo e abertura para novas experiências). Os autores encontraram que os fatores extroversão ( $r=0,55$ ) e abertura a novas experiências ( $r=0,39$ ) se relacionaram com a variância de enfrentamento com risco; os fatores socialização ( $r=0,39$ ) e neuroticismo ( $r=-0,27$ ) apresentaram relação com auto-afirmação na expressão de afetos positivos; os fatores extroversão ( $r=0,30$ ), socialização ( $r=0,24$ ), neuroticismo ( $r=-0,31$ ) e abertura a novas experiências ( $r=0,25$ ) relacionaram-se com conversação e desenvoltura social; extroversão ( $r=0,30$ ) e neuroticismo ( $r=-0,31$ ) apresentaram relação com auto-



exposição a desconhecidos e a situações novas; e socialização relacionou-se com autocontrole da agressividade.

Nesse mesmo sentido, Santos, Sisto e Martins (2003) realizaram um estudo exploratório a fim de buscar evidências de validade para uma escala de estilos cognitivos em relação a traços de personalidade. Participaram 135 universitários, sendo 58 do sexo masculino e 77 do feminino, todos do segundo semestre, dos cursos de Administração, Psicologia, Engenharia da Computação e Farmácia, com idades entre 17 e 47 anos. Para tanto, foram utilizados dois instrumentos, a Escala de Avaliação de Estilos Cognitivos (Bariani, Sisto & Santos, 2000) que informa sobre os estilos convergente, divergente, holista, serialista, reflexividade e impulsividade e, um Inventário de adjetivos marcadores da personalidade, baseado nos CGF. Os autores esperavam encontrar nove correlações entre os estilos cognitivos e personalidade. Foram encontradas 12 correlações significativas, sendo cinco confirmativas de hipóteses iniciais e outras não. A seguir, são apresentadas as correlações significativas: entre os fatores extroversão ( $r=-0,30$ ) e socialização ( $r=-0,19$ ) e o estilo cognitivo convergente; entre o fator abertura a novas experiências ( $r=0,47$ ) e o estilo cognitivo divergente; entre o fator realização ( $r=-0,36$ ) e o estilo cognitivo impulsividade; entre os fatores neuroticismo ( $r=-0,20$ ), realização ( $r=0,31$ ) e abertura ( $r=0,19$ ) e o estilo cognitivo reflexividade; entre o fator neuroticismo ( $r=0,23$ ) e o estilo cognitivo holista; o estilo cognitivo serialista confirmou a hipótese de não apresentar correlação com os traços de personalidade em estudo. Os autores concluem que o estilo de pensamento divergente se relacionou com todos os traços de personalidade, indicando que novos estudos sejam realizados para avaliar essa relação. No entanto, a relação entre os construtos foi confirmada, demonstrando evidências de validade para a escala dos estilos cognitivos.

Em acréscimo, Bartholomeu, Nunes e Machado (2008) investigaram a relação entre habilidades sociais e o fator Socialização. Para tanto, participaram 126 estudantes

universitários com média de idade de 21 anos, sendo 53,5% homens. Foram utilizados o Inventário de Habilidades Sociais – IHS (Del Prette & Del Prette, 2001) e a Escala Fatorial de Socialização – EFS (Nunes & Hutz, 2007). Os resultados dos instrumentos foram comparados em relação ao sexo dos participantes, sendo encontradas diferenças significativas. As mulheres apresentaram maiores médias que os homens. Foram também encontradas correlações significativas entre amabilidade, auto-afirmação e o total do IHS. O fator pró-sociabilidade correlacionou-se com auto-afirmação e autocontrole. O fator confiança nas pessoas apresentou correlações significativas com enfrentamento, auto-afirmação e autocontrole. Os autores concluem que a personalidade pode influenciar diferentes aspectos da habilidade social.

No que se refere à construção e validação de escalas de personalidade, Nunes e Hutz (2006) propuseram-se a construir e validar uma escala de Extroversão no modelo CGF, a qual engloba traços que descrevem nível de comunicação, assertividade, gregariedade, busca por diversão, entre outros. Para tanto, participaram 1.084 pessoas, de cinco estados brasileiros (Bahia, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina e São Paulo), ambos os sexos (37,3% homens e 62,7% mulheres), com nível de escolaridade médio ou superior e idades variando entre 15 a 55 anos. Por meio de análises fatoriais, para verificar a dimensionalidade da escala, os autores obtiveram como solução mais adequada quatro fatores. Os fatores extraídos foram denominados comunicação, altivez, assertividade e interações sociais, com alfas de Cronbach de 0,90, 0,78, 0,78 e 0,83, respectivamente. Já, a escala geral apresentou consistência interna de 0,91.

Na mesma direção, Nunes e Hutz (2007) realizaram um estudo visando a construção e validação de uma escala de Socialização, a qual se refere a traços como altruísmo, franqueza, confiança nas pessoas, frieza, falta de empatia, comportamentos anti-sociais entre outros. Participaram nesse estudo, 1.100 pessoas de cinco estados brasileiros (Bahia,

Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina e São Paulo), ambos os sexos, sendo 30% do sexo masculino, 40% estudantes de ensino médio e 38% de psicologia, com idades entre 14 e 64 anos. Os autores realizaram análises fatoriais a fim de possibilitar a verificação da dimensionalidade da escala e encontraram a solução de três fatores como mais adequada. Os fatores extraídos foram: amabilidade, pró-sociabilidade e confiança nas pessoas. A consistência interna por meio de alfa de Cronbach foi respectivamente de 0,91, 0,84 e 0,80 e da escala geral foi 0,92.

Em acréscimo, Vasconcellos e Hutz (2008) objetivaram a construção e validação de uma escala de Abertura à Experiência, fator este, caracterizado por elevada sensibilidade para a arte, imaginação e curiosidade intelectual. Participaram do estudo, 809 indivíduos, sendo 58,8% mulheres e 41,2% homens, sendo que 86,8% possuíam nível superior incompleto, 3,6% nível superior completo e 9,6% nível médio incompleto, com idades entre 14 e 78 anos, de três cidades do rio Grande do Sul. Por meio de análises fatoriais, os autores obtiveram uma solução mais adequada de três fatores: atitudes, hábitos e valores e fantasia, com alfas de Cronbach respectivamente, 0,88, 0,82 e 0,77, sendo que a consistência interna geral foi de 0,78.

Buscando evidências de validade convergente e discriminante para a Bateria Fatorial de Personalidade - BFP, Nunes e colaboradores (2008) correlacionaram-na com alguns instrumentos. Serão destacadas duas correlações: entre a BFP e a Escala de Aconselhamento Profissional – EAP (Noronha & cols., 2008) e entre a BFP e o Self-Directed Search – SDS (Holland & cols., 1994). Para o EAP, as facetas do fator Extroversão, conforme esperado pelos autores, associaram-se às dimensões que envolvem contato e comunicação com outras pessoas diretamente, ou seja, as dimensões Artes e Comunicação, Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas e Sociais e Entretenimento. Já para o fator Socialização, quatro das sete dimensões do EAP se

relacionaram significativamente, com exceção de Ciências Exatas, Ciências Agrárias e Ambientais e Atividades Burocráticas. As três facetas de Realização associaram-se com Ciências Biológicas e da Saúde, representada por atividades que envolvem a ajuda e o contato com as pessoas. E por fim, o fator Neuroticismo, e dentro dele as facetas Vulnerabilidade e Passividade, correlacionaram-se negativamente com Atividade Burocráticas. Ressalta-se que esse fator não apresentou correlações significativas com as demais áreas de interesse, apontando para uma independência entre esses domínios. Já para o SDS, o fator Extroversão correlacionou-se positivamente com os tipos Social e Empreendedor. O fator Socialização correlacionou-se em suas três facetas, com o tipo Social e Artístico. O fator Realização se relacionou com o tipo Investigativo e o fator Neuroticismo correlacionou-se com o tipo Artístico, entretanto com correlações baixas, que não permitem generalizações. E, o fator Abertura relacionou-se significativamente com o tipo Artístico.

Em relação às pesquisas internacionais acerca dos cinco grandes fatores, Adrian (2003) investigou a relação entre dois instrumentos que medem a personalidade, o NEO PI-R e o MBTI, com o objetivo de replicar os achados do estudo de McCrae e Costa (1989), que contou com 468 participantes, e de McDonald e cols. (1994), que contou com 209 participantes, em uma maior população de adultos, totalizando 900 participantes, sendo 717 homens e 183 mulheres, com idades entre 23 a 64 anos. Foram encontradas correlações entre o fator Extroversão do NEO PI-R e o fator Extroversão-Introversão do MBTI. O fator Abertura a novas Experiências do NEO PI-R se relacionou com o Sensação-Intuição do MBTI, o fator Sociabilização do NEO PI-R com o Pensamento-Sentimento do MBTI e por fim, o Realização do NEO PI-R com Julgamento-Percepção do MBTI, o que replica os achados de McCrae e Costa (1989).

Nessa mesma direção, Peeters, Rutte, Tuijl e Reymen (2006) examinaram as relações entre os traços de personalidade por meio dos cinco grandes fatores e a satisfação individual de membros de uma equipe. Participaram 310 universitários que eram membros de um projeto de equipe, totalizando 68 equipes que trabalham na área de Engenharia. Os cinco grande fatores foram medidos pelo questionário de auto-relato *Five-Factor Personality Inventory* e a satisfação com a equipe foi medida por três itens criados pelos autores que se referem a concordância de três frases. A primeira referia-se a satisfação com a composição da equipe, a segunda, com a sensação de prazer proporcionada na equipe e, a terceira, referia-se a fazer parte da equipe novamente, caso haja um projeto similar novamente. A satisfação individual da equipe foi medida nos escores de individualidade, desigualdade e interação. Por meio de hipóteses, os autores confirmaram que os fatores Socialização ( $r=0,27$ ,  $p=0,01$ ) e Neuroticismo ( $r=0,36$ ,  $p=0,01$ ) se relacionam significativamente e positivamente com a satisfação individual com a equipe. Portanto, quanto mais os membros da equipe são sociáveis e estáveis emocionalmente, maior a satisfação com o time. O fator Realização ( $r=0,58$ ,  $p=0,001$ ) se relacionou negativamente com a satisfação individual com o time, ao contrário, do fator Extroversão ( $r=-0,27$ ,  $p=0,01$ ). Assim, quanto mais diferentes os membros do time são em relação à ao fator Realização, menos satisfeitos eles estão com o time e, o oposto, ocorre com o fator Extroversão, ou seja, quanto mais os indivíduos são extrovertidos, maior a realização com o time.

Em acréscimo, Rubinstein e Strul (2007) examinaram as diferenças entre traços de personalidade em um grupo de profissionais. Foi utilizado um questionário demográfico, que continha questões acerca de gênero, idade, país de nascimento, ano de imigração para Israel, vocação, nível econômico da família, religião e nível religioso (participantes que se definiam como ateu, tradicional, religioso) que correlacionou negativamente com Abertura

a Experiências. Também foi utilizado, um questionário de uma versão hebraica de Costa e McCrae (1992), o NEO-FFI, que contém os cinco grandes fatores. Os instrumentos foram aplicados em 236 profissionais israelenses, sendo 118 homens e 118 mulheres, com média de idade 31,19 anos. Desses, 60 eram médicos, 60 eram advogados, 59 eram psicólogos e 57 eram artistas. Os resultados demonstraram que os artistas apresentaram correlações mais significativas no fator Neuroticismo do que as outras três profissões, bem como no fator Abertura a Experiências em comparação com os médicos. As mulheres apresentaram correlações mais altas no fator Neuroticismo e Extroversão do que os homens, de acordo com suas ocupações. Encontra-se na literatura diversos estudos que apontam as relações existentes entre o interesse profissional e a personalidade (Ackerman & Bier, 2003; Gasser, Larson & Borgen, 2004; Holland, 1994; Savickas, 1995).

#### **IV. INTERESSE PROFISSIONAL E PERSONALIDADE**

Savickas (1995) buscou relacionar os inventários de interesse como indicadores da personalidade, pois de acordo com ele esta relação pode ajudar o cliente a conceituar suas necessidades, valores e interesses. Para o autor, muitas pesquisas têm examinado a relação entre os construtos, correlacionando escores dos inventários de interesse com os de personalidade, porém poucos autores têm se detido em explicar como interpretar o primeiro como um inventário de personalidade.

Holland (1973, citado por Leitão & Miguel, 2001), foi um dos autores pioneiros em considerar os interesses profissionais fortemente relacionados com a personalidade do indivíduo. Sendo assim, no que se refere às escolhas profissionais, a pessoa busca por ambientes congruentes com suas orientações pessoais, tornando extremamente importante a investigação das características individuais para a orientação profissional. Este modelo de Holland (1963) é conhecido como hexagonal e é visto como um dos trabalhos mais reconhecidos na literatura atual (Gati, 1991), assumindo importância central por integrar tipos de personalidade às áreas profissionais, cujas atividades correspondem aos seis tipos, a saber, Realista, Investigativo, Artístico, Social, Empreendedor e Convencional, descritos anteriormente. Estes tipos são representados por um hexágono, no qual a posição de cada ponto indica semelhança de características entre os tipos, assim, tipos mais distantes são mais diferentes que tipos mais próximos (Holland & cols., 1994).

Outro trabalho que merece destaque e se relaciona ao modelo de Holland é o de Prediger (1981), que desenvolveu um sistema de classificação em duas dimensões dos tipos de atividades mais comuns nas várias carreiras, por meio da análise da preferência por dados-idéias e pessoas-coisas. As tarefas centradas em dados envolvem fatos, registros, arquivos, números e procedimentos sistemáticos para auxiliar o consumo de bens e

serviços; já as localizadas em idéias referem-se a atividades intrapessoais, que envolvem abstração, teorias e conhecimentos, as situadas em pessoas dizem respeito a atividades interpessoais como ajuda, abstração, entretenimento, liderança e por fim, as centradas em coisas referem-se a atividades não pessoais, que envolvem máquinas, ferramentas, materiais. Seu estudo mostra que essas dimensões estão altamente relacionadas com os seis tipos de Holland, de tal maneira que os dois modelos podem ser sobrepostos (Prediger, 1981).

Existem outros pesquisadores que compreendem que os interesses se relacionam à personalidade. De acordo com Savickas (1995), Carter (1940) entende os interesses como básicos para a integração da personalidade na adaptação a culturas complexas, bem como Darley (1941), que compreende os interesses como parte do desenvolvimento da personalidade e Bordin (1943), que considera os interesses como expressão do autoconceito em termos ocupacionais, interpretando-os como reflexo do autoconceito e da personalidade.

Ainda nessa direção, Gati, Krausz e Osipow (1996) argumentam que existe uma grande relação entre características pessoais e escolha profissional. Nesse sentido, algumas características de personalidade apresentam mais consonância que outras para uma determinada profissão. Portanto, devem-se definir quais atividades são predominantes para cada profissão. Essa visão, de que diferentes grupos profissionais possuem perfis de personalidade distintos, não é recente na psicologia. Os estudos referem-se às atividades de orientação profissional, seleção, desenvolvimento de carreira.

Nesse sentido, vários estudos têm buscado definir a relação entre os construtos. A associação entre interesse e personalidade foi estudada por Gottfredson, Jones e Holland (1993). Os autores, procuraram relações entre o VPI, que avalia os seis tipos de Holland, e o NEO-PI, que avalia os cinco grandes fatores da personalidade. Participaram 479 homens e 246 mulheres, recrutas que estavam em treinamento pela U.S. Navy, com idades entre 19



e 21 e, aproximadamente 73% dos homens e 59% das mulheres eram graduados no ensino médio. As correlações entre os instrumentos mais significativas foram entre os fatores Social ( $r=0,26$ ,  $p<0,05$ ) e Empreendedor ( $r=0,38$ ,  $p<0,05$ ), que correlacionaram positivamente com Extroversão; os fatores Artístico ( $r=0,10$ ,  $p<0,05$ ) e Investigativo ( $r=0,20$ ,  $p<0,05$ ) que se correlacionaram com Abertura a Experiências; e o fator Convencional ( $r=0,18$ ,  $p<0,05$ ) que correlacionou-se com Realização.

Carless (1999) examinou dois estudos que verificaram a relação entre os seis tipos de interesse vocacional de Holland, características de personalidade e habilidades. No primeiro estudo, participaram 139 indivíduos que participaram de um programa de orientação vocacional. Estes responderam a três instrumentos: Self-Directed Search - SDS, NEO-PI e escala Weschsler de Inteligência. Já no segundo a amostra foi maior, composta por 875 empregados de uma indústria financeira e responderam também ao Busca Auto-Dirigida – SDS, ao Inventário de Tipos de Myers-Briggs e ao PL-PQ que mede habilidades gerais. Nos dois estudos, foram encontradas evidências similares de relação entre interesse vocacional e personalidade. Foi observada uma relação de fraca a moderada entre habilidades gerais e interesses e entre habilidades gerais e características de personalidade. A autora concluiu que a avaliação desses três domínios apresenta inúmeras vantagens para o aconselhamento vocacional.

Em outra pesquisa, realizada por Larson, Rottinghaus e Borgen (2002) foram realizadas meta-análises de 12 estudos que empregaram três instrumentos para medir interesse, quais sejam, Self-Directed Search - SDS, Inventário de Interesse de Strong e Inventário de Preferência Vocacional de Holland (1985b) e um instrumento para medir a personalidade, baseado no modelo dos Cinco Grandes Fatores, NEO-PI. As meta-análises mostraram, nas 30 correlações realizadas entre as seis dimensões dos interesses de Holland e os cinco traços da personalidade, que cinco correlações parecem ser significativas para

homens e mulheres. Foram encontradas correlações significativas ( $p < 0,002$ ) entre o tipo Artístico e Abertura ( $r = 0,48$ ), tipo Empreendedor e Extroversão ( $r = 0,41$ ), tipo Social e Extroversão ( $r = 0,31$ ), tipo Investigativo e Abertura ( $r = 0,28$ ) e entre o tipo Social e Socialização ( $r = 0,19$ ).

Buscando revisar conceitos de inteligência, personalidade e interesses no processo de escolha de carreira, Ackerman e Bier (2003) citam que novas pesquisas empíricas sugerem comunalidades entre certas medidas de cognição, afeto e conhecimento. Esses construtos podem ser denominados como complexos de traços e estão relacionados ao processo de escolha de carreira e desenvolvimento intelectual do adulto. Os autores descrevem esse complexo como grupos de traços que se relacionam entre si, porém de maneira diferente em relação ao processo de escolha de carreira e ao desenvolvimento intelectual adulto. Assim, os autores recapitulam que, tradicionalmente, esses conjuntos de traços - domínios da cognição (inteligência), afeto (personalidade) e conhecimento (interesse) - eram considerados como isolados e sem relação, visto que a literatura científica encontra-se vastamente isolada, pois ela se dedica a um destes domínios em específico.

Desse modo, os autores citam que as implicações dessas especificidades e o isolamento para a prática do aconselhamento vocacional são óbvios e problemáticos, pelo fato de que quando um orientador vocacional atende seu cliente, tipicamente ele separa as medidas de inteligência, personalidade e interesses, e cada uma pode acessar um tipo de traço. Porém, para prover para o cliente maior utilidade, é requerido que de alguma maneira o orientador integre esses diversos domínios. Dessa maneira, os pesquisadores acerca da cognição, do afeto e do conhecimento se atentaram para os domínios independentemente simplificando o número de traços dos construtos. Assim, há apenas uma variável para a inteligência, como o fator  $g$ , cinco fatores para a personalidade, e seis tipos de interesses. E o orientador deve unir no mínimo 30 ou 40 diferentes traços para promover uma orientação

integrada ao cliente. Desse modo, os autores concluem que existe uma melhor maneira de acessá-los e também deve haver uma comunalidade entre os traços para que de uma maneira útil, os reduza para predizer a escolha de carreira, bem como, de que esses traços compartilham uma variância comum e uma sinergia entre o princípio de agregação que implica nas aplicações da orientação vocacional.

Os autores citam que uma das primeiras pesquisas que tentaram identificar esse complexo de traços foi realizada por Ackerman e Heggstad (1997), em que foram apresentados estudos que continham correlações entre pelo menos um traço de personalidade e uma medida de habilidade. Desse modo, os autores revisaram 135 estudos de correlações entre 10 traços de inteligência e 19 de personalidade, e o resultado das meta-análises mostrou que essas relações são significativas. Ackerman e Bier (2003) complementam que relacionar os interesses vocacionais com os traços de personalidade é de alguma maneira mais fácil do que com a inteligência, por duas razões: de um lado, a teoria de Holland dos interesses vocacionais é fundamentada em uma teoria de personalidade e de outro, algumas medidas de interesse vocacional são propositalmente construídas de maneira a não medir os níveis de inteligência, sendo desse modo, encontradas baixas correlações entre esses. Entretanto, os autores citam que na pesquisa de Holland, há uma expectativa explícita de que alguns domínios dos interesses vocacionais se mostram mais relacionados com as habilidades intelectuais. E concluem que os profissionais de orientação vocacional recomendam que quando acessados os construtos inteligência, interesses e personalidade esses podem prover o máximo ajustamento profissional da pessoa. Essa teoria de complexos de traços enfatiza a importância das diferenças individuais existentes em traços de inteligência, interesses e personalidade na aquisição do conhecimento ao longo da vida profissional. Desse modo, o desenvolvimento

intelectual é realizado por habilidades (inteligência), direcionado pela personalidade e traços de interesses.

Em acréscimo, Ackerman e Bier (2003) citam que alguns estudos foram conduzidos de modo a verificar a comum e única relação entre a cognição, o afeto, o conhecimento e específicos domínios do conhecimento acadêmico, de adultos com idades entre 18 e 65 anos por Ackerman (2000); Ackerman, Bowen, Beier, e Kanfer (2001); Ackerman e Rolfhus (1999). Um estudo em particular, realizado por Ackerman (2000), no qual participaram 228 indivíduos com idades entre 21 e 62 anos, buscou relacionar os três complexos de traços com áreas de conhecimento e os resultados indicaram que os traços são necessários para que se adquira um domínio de conhecimento, trazendo correlações positivas entre complexos de traços como inteligência e área de conhecimento ciência/matemática, além de correlações entre traços motivacionais, como traços sociais e competitividade.

Por fim, de modo a ilustrar as relações entre a escolha de carreira e os níveis dos complexos de traços, os autores citam que quando uma amostra é separada em quatro tipos de áreas de cursos universitários denominadas ciências físicas, ciências sociais, ciências humanas e negócios, os participantes que estão na área de ciências físicas mostram alto interesse em matemática, mas pequeno em ciências sociais e traços culturais. Já os que estão na área de ciências sociais tendem a ter mais interesse em domínios sociais, os que estão na área de humanas possuem alto nível de interesse em traços culturais e baixos em traços de matemática e por fim, os que estão na área de negócios possuem altos níveis de traços sociais e baixos de matemática e traços culturais. Assim, adultos com altos níveis de traços sociais tendem a se orientar para o conhecimento acerca do mundo. Em contraste, adultos com alto nível de interesses por matemática, tendem a ter um conhecimento das ciências físicas. Indivíduos que possuem altos escores em traços culturais/intelectuais

tendem a ter mais conhecimento em ciências humanas, cívicas, físicas e negócios. Esses resultados indicam que os três complexos de traços provêm indicadores do nível de cognição para que se possa adquirir conhecimento. Além disso, os complexos de traços da área de ciências/matemática e da intelectual/cultural parecem ser separados, indicando a direção do investimento cognitivo. Por fim, os autores propõem que se encontrem maiores comunalidades entre inteligência, personalidade e interesses vocacionais e que haja uma integração dos processos de escolha de carreira para que o desenvolvimento da vida intelectual/profissional seja realizado pelo domínio do conhecimento.

Gasser e colaboradores (2004) buscaram examinar as contribuições da personalidade e interesses para explicar as aspirações educacionais de estudantes universitários. Os dados foram coletados em 188 estudantes de um curso introdutório de Psicologia de uma universidade dos Estados Unidos. Dos 188, 109 eram mulheres e 79 eram homens, com idades entre 18 a 50 e média de 20,7. Os instrumentos utilizados foram o *California Psychological Inventory* (CPI) criado por Gough em 2002 e que mede a personalidade; o *Strong Interest Inventory* (SII) desenvolvido por Harmon e cols em 1994, e se baseia no modelo de Holland; foram avaliados os níveis de aspirações educacionais, que seriam: apenas completar a universidade ( $n=26$ ), ter o título de mestre ( $n=81$ ), ter o título de doutor ( $n=51$ ) e um título de PhD ( $n=30$ ). Os autores encontraram correlação significativa e positiva entre o tipo Investigativo e Realização ( $r=0,33$ ), bem como uma correlação também significativa e positiva entre o tipo Artístico e Empatia ( $r=0,30$ ), que é um subfator do fator Socialização. O tipo Realista teve correlação negativa com Socialização ( $r=-0,18$ ) e Sensibilidade ( $r=-0,26$ ), que também se refere ao fator Socialização. O tipo Investigativo apresentou correlação positiva e moderada com quatro escalas do CPI que se referem ao fator Realização. O tipo Artístico teve uma correlação positiva e moderada com as escalas interpessoais – dominância, capacidade de status,

sociabilidade, presença social, auto-aceitação, independência e empatia, que se referem ao fator Socialização. O tipo Social se relacionou positivamente com dominância e auto-aceitação, que também se referem ao fator Socialização. O tipo Empreendedor teve uma correlação negativa com autocontrole, que se refere ao fator Neuroticismo e o tipo Convencional se correlacionou moderadamente e negativamente com as escalas interpessoais – sociabilidade, presença social, independência e empatia, que se referem ao fator Socialização. Em relação ao nível de aspiração educacional, a maior correlação foi para o inventário SII ( $r=0,28$ ). Por meio de uma análise de regressão, no que se refere aos níveis de aspirações educacionais, os autores encontraram que 17% da variância pode ser explicada pelo nível de aspiração educacional, com correlação significativa e positiva ( $r=0,41$ ).

Ehrhart e Makransky (2007) examinaram se os interesses vocacionais e a personalidade predizem o ajustamento vocacional e no trabalho. Para tanto, investigaram os interesses vocacionais e personalidade que julgam serem antecedentes à percepção do ajustamento individual. Foram criadas hipóteses de que o interesse vocacional, medido pelo Inventário de Interesse de Preferência Ocupacional COPS-P (Knapp-Lee, 2000), conseguiria predizer o ajustamento percebido entre pessoa-vocação e de que a personalidade, medida pela escala adaptada de Goldberg (1999, citado por Ehrhart & Makransky, 2007), baseada no modelo dos Cinco Grandes Fatores, estaria associada ao ajustamento pessoa-trabalho. Os resultados indicaram que os interesses vocacionais são melhor preditores de pessoa-vocação e pessoa-trabalho do que personalidade. A discussão ressaltou as implicações para futuras pesquisas e o apoio para afirmações de que o construto interesse está sendo estudado há mais tempo na área de aconselhamento de carreira do que o modelo dos Cinco Grandes Fatores e talvez por isso, o interesse tenha sido o melhor preditor para ambos ajustamentos.

Logue, Lounsbury, Gupta e Leong (2007) buscaram relacionar interesses vocacionais e traços de personalidade em relação à satisfação de oito cursos da área de negócios, todos da área de Exatas. Para tanto, participaram 164 universitários, sendo 42% mulheres e 58% homens, com idades entre 18 e 25 anos. Para verificar as possíveis relações, foram utilizados três instrumentos: o *Personal Style Inventory for College Students* (PSI) desenvolvido por Lounsbury e Gibson em 2006, que mede a personalidade no contexto do trabalho e se baseia no modelo dos Cinco Grandes Fatores; o *Vocational Interest Themes* (VIT) criado por Harmon, Borgen e Hammer em 1994, e avalia os interesses vocacionais baseados na teoria de Holland; e a Satisfação com o curso foi medida por uma escala multi-item criada pelos autores, e apenas um item foi avaliado para representar a satisfação, sendo medida por uma pergunta que representa o nível de satisfação com o curso em uma escala likert de sete pontos, que varia de muito insatisfeito a muito satisfeito. Os escores de Entretenimento, do instrumento de interesse, tiveram uma correlação positiva, mas não significativa, com uma maior satisfação, porém, os escores do tipo Investigativo, Artístico e Realista se relacionaram negativamente com a maior satisfação. E os fatores Realização ( $r=0,24$ ,  $p<0,01$ ), Extroversão ( $r=0,27$ ,  $p<0,01$ ) e Neuroticismo ( $r=0,21$ ,  $p<0,01$ ) se relacionaram positivamente com maior satisfação. Uma análise de regressão indicou que 49% da variância da satisfação com o curso pode ser medida pela combinação dos interesses vocacionais e traços de personalidade.

Em relação às pesquisas brasileiras, Primi, Bighetti, Munhoz, Noronha, Polydoro, Di Nucci e Pellegrini (2002) buscaram correlacionar habilidades, interesses e traços de personalidade. Para tanto, participaram 60 adolescentes que freqüentam um programa de OP, dentre os quais 50 eram do sexo feminino e 10 do masculino, com idades entre 13 e 16 anos. Os autores utilizaram os instrumentos: Bateria de Prova de Raciocínio (BPR-5) Forma B (Almeida & Primi, 1998; Almeida, 2000a, 2000b) que avalia as habilidades

cognitivas no que se refere ao raciocínio verbal, abstrato, espacial, numérico e mecânico; Questionário de Personalidade 16 PF (Cattell, Cattell & Cattell, 1993; Russell & Karol, 1999; Cattell & Cattell, 1995) o qual é composto por 16 escalas bipolares que avaliam expansividade, inteligência, estabilidade emocional, afirmação, preocupação, consciência, desenvoltura, brandura, confiança, imaginação, requinte, apreensão, abertura a novas experiências, auto-suficiência, disciplina e tensão; e Levantamentos de Interesses Profissionais – LIP (Del Nero, 1984), que avalia os interesses profissionais por meio de 256 atividades de interesse que abrangem oito áreas: Ciências Físicas, Biológicas, Calculísticas, Persuasivas, Administrativas, Sociais, Lingüísticas e Artística. A partir das correlações dessa última escala foi realizada uma análise multidimensional a fim de averiguar como se aproxima do modelo de Holland.

Por meio da combinação dos resultados dos três instrumentos utilizados, foram possíveis três agrupamentos: correlações entre interesses e habilidades, características de personalidade e habilidades e interesses e características de personalidade. Será destacado o terceiro agrupamento, ou seja, correlações entre interesses e personalidade. As áreas de interesse ciências físicas e sociais correlacionaram-se com as características de personalidade administração de imagem, expansividade, brandura e rigidez de pensamento. Porém, a correlação é inversa nas áreas de interesse, pois enquanto o interesse na área social correlaciona-se positivamente com tendências a apresentar boa imagem, por outro lado, nas ciências físicas, houve correlação negativa, demonstrando a tendência à reserva, impessoalidade e objetividade.

O interesse em cálculo correlacionou-se negativamente com aquiescência e brandura e positivamente com rigidez de pensamento, concluindo-se que este interesse é mais apresentado por indivíduos práticos, objetivos, realistas e com baixa empatia. Os aspectos da personalidade relacionados à expansividade, desenvoltura, extroversão e



independência correlacionam-se positivamente com interesses em persuasão, demonstrando que indivíduos com interesse nesta área são mais expansivos, participantes, atenciosos e desvoltos. Em relação ao interesse em literatura, houve correlações positivas entre administração de imagem, expansividade e brandura. Interesse em arte correlacionou-se positivamente com não-freqüência e brandura e negativamente com rigidez de pensamento. Em ciências biológicas, observou-se correlação negativa com não-freqüência.

Na mesma direção, Primi, Moggi e Casellato (2004) investigaram as correlações da versão brasileira do Self-Directed Search (SDS) de Holland, com o Inventário Fatorial de Personalidade (IFP), e avaliaram um conjunto de necessidades conceituadas por Murray. Este estudo contou com 81 adolescentes, sendo 76,8% mulheres, que possuíam entre 16 e 17 anos e participavam de um programa de orientação profissional. Foram encontradas correlações significativas entre 0,22 a 0,39, sendo observadas entre o tipo Realista e Heterossexualidade. Entre o tipo Investigativo e Exibição e Desejabilidade. Encontrou-se correlação significativa e positiva entre o tipo Artístico e Assistência e Intracepção e negativa com Agressão. O tipo Social correlacionou-se positivamente com Assistência, Intracepção, Desejabilidade e negativamente com Agressividade. O tipo Empreendedor relacionou-se positivamente com Dominância, Desempenho, Exibição, Agressão, Autonomia, Heterossexualidade e negativamente com Ordem. Por fim, o tipo Convencional correlacionou-se com Persistência.

Buscando analisar em que medida os interesses profissionais dos estudantes de Psicologia se relacionavam com inteligência e personalidade, Bueno, Lemos e Tomé (2004) analisaram 120 estudantes universitários, com idades entre 17 e 38 anos, por meio dos instrumentos LIP (Del Nero, 1984) 16 PF (Cattell, Cattell & Cattell, 1999) e Raven-Escala Geral (Raven, 1993). Por meio de uma análise de aglomerados notou-se a existência de três grupos que apresentaram altos interesses por atividades sociais e baixo interesse por

atividades relacionadas ao cálculo. Para verificar diferenças significativas entre os três grupos os autores realizaram uma análise de variância (ANOVA) que mostrou que eles diferem no que se referem aos interesses, traços de personalidade e níveis de inteligência. O subgrupo um apresentou maior interesse por ciências biológicas associado ao interesse por atividades sociais, bem como apresentou alta extroversão, alta consciência e baixa imaginação, sendo hipotetizado pelos autores, que esse grupo apresenta interesses por atividades relacionadas à psicologia experimental, bem como psicofarmacologia. O subgrupo dois apresentou interesse por atividades artísticas associado ao interesse por atividades sociais, bem como brandura e imaginação alta. Essas características associam-se às pessoas com interesse por teorias psicodinâmicas e pela utilização de processos intuitivos para entender o outro. Por fim, o subgrupo três apresentou interesse por atividades sociais, bem como um menor índice de inteligência em relação aos outros dois grupos, apresentando baixos índices de brandura e consciência, que parecem associar-se às pessoas que desejam ajudar o próximo de maneira mais concreta, envolvendo-se social e/ou politicamente, atuando em trabalhos em grupo nas suas variadas modalidades. De acordo com a interpretação do perfil de cada subgrupo, os autores formularam a hipótese de que há relação entre essas características e a atuação do psicólogo.

Nota-se que, apesar da área de orientação/aconselhamento profissional no Brasil ter sido uma das pioneiras na América Latina, ainda há uma grande lacuna na produção de pesquisas científicas nesse contexto, bem como, a maior parte destes estudos se relacionam ao desenvolvimento vocacional da adolescência, assim como às práticas ligadas à área. Observa-se, também, a necessidade de estudos nacionais que avaliem a relação entre os construtos interesse e personalidade. Há ainda que se ressaltar a relevância da ocupação profissional para o ser humano e, por esse fato, a realização de uma escolha adequada pode gerar inúmeros benefícios para ele e até mesmo para a sociedade. Apesar de essa área

demandar psicólogos que a estude mais profundamente, ela ainda não possui grande ênfase quanto outra talvez conseqüência da carência de estudos no Brasil (Noronha & cols., 2007).

Destaca-se a importância de buscar parâmetros psicométricos adequados de instrumentos nacionais para uso em orientação profissional, uma vez que são escassos. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia, CFP (2007), as escalas para a área, aprovadas no Brasil são: Escala de Maturidade para a Escolha Profissional - EMEP (Neiva, 1999); Teste de Fotos de Profissão - BBT (Jacquemin, 2000); Teste de Fotos de Profissão - BBT - Br Feminino (Jacquemin, Okino, Noci, Assoni & Pasian, 2006); Escala de Aconselhamento Profissional - EAP (Noronha & cols., 2007). A última possui evidências de validade de critério e validade fatorial, porém seu estudo ainda não se encontra finalizado. Por exemplo, ao início deste estudo não existiam evidências baseadas na relação com outras variáveis, especificamente, com a personalidade, na população universitária (Noronha & cols., 2007). Nunes e colaboradores (2008) realizaram um estudo com adolescentes que buscou relações entre o EAP e BFP. Entretanto, deve-se salientar que as populações e os objetivos dos estudos foram diferentes, viabilizando a continuidade deste, que possui o diferencial da população estudada, bem como o acréscimo de quatro novos cursos, a saber, Arquitetura, Hotelaria, Nutrição e Odontologia, possibilitando maiores evidências de validade de critério para o EAP.

Assim sendo, este estudo tem como objetivo geral buscar evidências de validade da Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) baseadas na relação com a personalidade a partir do modelo dos CGF. Nesse sentido, foram levantadas algumas hipóteses para este estudo, baseadas na pesquisa de Nunes e colaboradores (2008), porém este tem como participantes sujeitos em fase de formação profissional. E tem como objetivo específico avaliar possíveis diferenças em relação ao sexo e cursos dos participantes em relação aos

dois instrumentos, bem como verificar possíveis diferenças de média em relação às dimensões do EAP e os fatores do BFP.

## V. HIPÓTESES

A dimensão Ciências Exatas refere-se a atividades como envolver-se em pesquisas espaciais; montar bancos de dados digitais; controlar propriedades físicas dos solos; desenvolver equipamentos para monitoramento e controle das condições ambientais; analisar e interpretar dados numéricos. Em razão dessas características, espera-se, ao menos, que sejam evidenciadas duas correlações negativas: uma com o fator Socialização que diz respeito a aspectos de altruísmo, cuidado, confiança e cooperação, e outra com o fator Extroversão que se refere à sociabilidade, espírito gregário e assertividade.

A dimensão Artes e Comunicação engloba atividades como interesse por desenhar, escrever e revisar textos; dublar; recuperar obras e objetos de arte; produzir desfiles, catálogos, editoriais de moda e campanha publicitária. Assim sendo, espera-se três correlações e positivas. Uma, com o fator Extroversão, que diz respeito à sociabilidade, assertividade, outra com o fator Socialização, que se refere ao altruísmo, cuidado, cooperação e outra com o fator Abertura que se refere à disponibilidade para sentimentos e novas idéias, sensibilidade estética e flexibilidade.

A dimensão Ciências Biológicas e da Saúde diz respeito a atividades como orientar a população sobre prevenção de doenças; realizar cirurgias; analisar o metabolismo dos seres animais e vegetais; auxiliar no tratamento de pacientes com derrame cerebral, paralisias, traumatismo, dentre outros. Correlações e positivas com três fatores distintos são esperadas teoricamente: Extroversão, que descreve pessoas assertivas, sociáveis e gregárias; Socialização, que engloba aspectos de altruísmo, cuidado, confiança e cooperação; e Realização que inclui persistência, responsabilidade e necessidade de realização.

A dimensão Ciências Agrárias e Ambientais engloba atividades como analisar e controlar produtos industrializados, como medicamentos, cosméticos, insumos ou alimentos; orientar a população sobre prevenção de doenças; elaborar plano diretor de zoneamento de região; investigar a natureza e a causa das doenças; prevenir doenças em lavouras e rebanhos. De acordo com a descrição dessa dimensão, espera-se evidenciar correlação e positiva com o fator Socialização, que se refere a aspectos de altruísmo, cuidado, confiança e cooperação.

A dimensão Atividades Burocráticas refere-se a atividades como participar de processos de seleção, admissão e demissão; criar programas de computadores; estruturar e manter base de dados; classificar e organizar documentos; analisar e interpretar dados numéricos; conduzir relações entre empresa e empregados; montar bancos de dados digitais. São esperadas duas correlações com essa dimensão: positiva com o fator Socialização, que engloba pessoas altruístas e cooperativas, e negativa com o fator Neuroticismo, que pode ser descrito como a predisposição do indivíduo para experimentar afetos negativos tais como ansiedade, raiva e depressão.

A dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas diz respeito a atividades como atender instituições que realizem trabalhos sociais voltados para a religião; escrever e revisar textos; estudar a origem e evolução do homem e da cultura; estudar o passado humano em seus múltiplos aspectos; analisar a sociedade em questões éticas, políticas e epistemológicas; colaborar na elaboração de programas educacionais. Nesse sentido, espera-se três correlações positivas com os fatores Extroversão, que é tipicamente descrito como sociabilidade, espírito gregário e assertividade; Socialização, que engloba aspectos de altruísmo, cuidado, confiança e cooperação; e Abertura que se refere à disponibilidade para sentimentos e novas idéias, sensibilidade estética e flexibilidade.

E, por fim, a dimensão Entretenimento que engloba atividades como: produzir desfiles, catálogos e editoriais de moda e campanhas publicitárias; gerenciar serviços de aeroportos; atender hóspedes, associados e turistas; promover a instalação de hotéis. Desse modo, espera-se correlação positiva, e com o fator Extroversão, que envolve o contato direto com outras pessoas.

## VI. MÉTODO

### 6.1 Participantes

Participaram dessa pesquisa 260 universitários, com idades entre 17 e 55 ( $M=22,95$ ,  $DP=6,261$ ), sendo 67,7% ( $N=176$ ) do sexo feminino e 32,3% ( $N=84$ ) do masculino, dos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º semestres de sete cursos, a saber: 16,9% de Administração do 2º semestre, 15,8% de Arquitetura do 5º semestre, 16,5% de Educação Física do 4º semestre, 10% de Hotelaria do 2º semestre, 17,7% de Nutrição do 2º semestre, 12,3% de Odontologia do 3º semestre e 10,8% de Turismo do 2º semestre de duas universidades do interior do estado de São Paulo. Na Tabela 1 encontra-se a distribuição dos cursos por sexo.

*Tabela 1.* Distribuição dos cursos por sexo dos participantes.

		<i>curso</i>							<i>Total</i>
		Administração	Nutrição	Ed Física	Hotelaria	Turismo	Odontologia	Arquitetura	
sexo	Masculino	18	3	23	6	8	11	15	84
	Feminino	26	43	20	20	20	21	26	176
	Total	44	46	43	26	28	32	41	260

### 6.2 Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos nesta pesquisa, um para avaliação das preferências por atividades profissionais e outro para avaliação da personalidade.

#### 1. Escala de Aconselhamento Profissional (EAP):

O EAP foi desenvolvido por Noronha e colaboradores (2007) e tem por objetivo avaliar as preferências por atividades profissionais. Este é uma escala de auto-relato, do tipo Likert de cinco pontos, composta por 61 itens distribuídos em sete dimensões: Ciências



Exatas, Artes e Comunicação, Ciências Biológicas e da Saúde, Atividades Burocráticas, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Entretenimento. O examinando deve quantificar de 1 a 5 a intensidade que ele gostaria de realizar a atividade em questão. O tempo total para aplicação é de aproximadamente 15 minutos.

Para a correção, devem ser somados os valores atribuídos aos itens que compõem cada dimensão avaliada. Uma vez obtidas as pontuações brutas de cada dimensão, os valores correspondentes podem ser transcritos para a folha de resposta. Em seguida, o aplicador deverá recorrer às Tabelas do manual, a fim de fazer a transformação dos resultados brutos para resultados ponderados.

No que concerne às propriedades psicométricas do EAP, Noronha e cols. (2007), realizaram um estudo com 762 estudantes universitários de diversos cursos, de ambos os sexos, com idades variando entre 17 e 73 anos, com uma média de 24,14 e desvio padrão de 7,14. Para verificar as áreas presentes em carreiras universitárias freqüentadas pelos estudantes, foram analisados protocolos com itens, sendo comparada a média obtida pelos participantes em cada dimensão em relação a cada curso.

Uma das evidências de validade que este estudo buscou foi pela estrutura interna dos itens, por meio da medida de adequação da amostra de *Kaiser-Meyer-Olkin* ( $KMO=0,915$ ) e o teste de esfericidade de *Bartlett* ( $\chi^2=22420,7$ ,  $gl=1830$  e  $p<0,001$ ). A análise possibilitou a obtenção de seis a oito fatores. Em decorrência, os dados foram estudados pela análise de componentes principais com rotação Promax. Dos vários estudos feitos, a configuração que se mostrou mais interpretável ficou composta por sete fatores. Os resultados informam a correlação item-total, considerando cada uma das dimensões separadamente. O menor coeficiente de correlação encontrado 0,36, superior a 0,30, valor esse considerado como mínimo aceitável para esse tipo de análise (Guilford & Fruchter, 1978 citado por Noronha & cols., 2007).

Para avaliar quais os grupos formados, usou-se a prova de *Tukey*. As dimensões formadas foram Ciências Exatas; Artes e Comunicação; Ciências biológicas e da saúde; Ciências agrárias e ambientais; Atividades Burocráticas; Ciências humanas e sociais aplicadas e Entretenimento. Após o estudo de componentes principais para identificar as dimensões do instrumento, cada dimensão passou a ser analisada separadamente.

A fim de averiguar até que ponto as sete dimensões encontradas se ajustariam às carreiras universitárias freqüentadas pelos estudantes foi realizado estudo que buscou por evidência de validade de critério. Foram então, comparadas as médias obtidas pelos participantes em cada dimensão em relação ao curso de cada um. Os dados obtidos em cada dimensão são descritos a seguir.

Na dimensão 1, Ciências Exatas, as Engenharias foram as que obtiveram maior média (44,88). Já na dimensão 2, Artes e Comunicação, o curso de Educação Artística foi o que obteve maior pontuação, com média (38,54), além deste, outros três cursos também apresentaram grande interesse por estas atividades e são respectivamente, Pedagogia (32,09), Turismo (32,35) e Jornalismo (34,23). Na dimensão 3, Ciências Biológicas e da Saúde, duas profissões alcançaram as maiores médias, Medicina (35,54) e Fisioterapia (33,32). A dimensão 4, Ciências Agrárias e Ambientais discriminou também duas profissões, Veterinária (38) e Turismo (41) com as maiores médias. Na dimensão 5, Atividades Burocráticas, Administração (31,21) foi o curso que alcançou maior média. A dimensão 6, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, distinguiu Pedagogia (27,32) como a maior pontuação para a preferência por estas atividades. Três outros cursos também se destacaram: Jornalismo (26,08), Psicologia (25,62) e Direito (24,43). E por último, na dimensão 7, Entretenimento, o curso de Turismo (22,23) foi demonstrou maior média. É importante salientar que as pessoas que escolhem os diversos cursos podem se interessar por atividades que não são características de suas dimensões em uma alta intensidade.

Os estudos de precisão realizados foram desenvolvidos com base nos procedimentos relacionados à precisão por consistência interna, cuja estimativa informa quão bem os itens refletem o mesmo construto ou rendem resultados similares. Dentre as formas para estudar a consistência interna escolheu-se o modelo Rasch, quando da Teoria de Resposta ao Item, e o coeficiente alfa de Cronbach e a correlação de duas metades, em se tratando da Teoria Clássica dos Testes.

Em termos do modelo Rasch, para os itens os índices variaram entre 0,97-0,99 e para as pessoas a variação se deu no intervalo de 0,76-0,88, todos eles bastante altos. Em relação à Teoria Clássica dos Testes, os valores de alfa ficaram entre 0,79 e 0,94, os de *Spearman-Brown* e *Guttman* entre 0,75-0,91, valores esses que podem ser considerados altos. Com base nesses resultados, pode-se considerar que as diversas dimensões do instrumento apresentaram excelente precisão.

## 2. Bateria Fatorial de Personalidade (BFP):

O BFP foi criado por Nunes e colaboradores (2008) e avalia a personalidade, por meio dos Cinco Grandes Fatores (CGF). Este modelo é um dos mais pesquisados presentemente e compreende a personalidade por meio de traços. A bateria é uma escala tipo likert de concordância, de sete pontos, composta por 126 itens distribuídos em cinco dimensões, a saber: Neuroticismo, Extroversão, Socialização, Realização e Abertura para novas Experiências. O tempo total para aplicação é de aproximadamente 35 minutos.

Em relação às propriedades psicométricas, Nunes e colaboradores (2008), realizaram um estudo em 1.729 pessoas de cinco estados brasileiros, com predominância de indivíduos da Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul, com idade média de 21,9 anos (DP=7,9). Foram realizadas análises fatoriais para a extração dos fatores e para a identificação dos itens mais representativos para cada faceta dos mesmos. Os itens foram

selecionados de acordo com a carga fatorial e interpretabilidade. Os itens com cargas fatoriais inferiores a 0,30 foram eliminados e o BFP ficou com um total de 126 itens. O primeiro fator encontrado foi Neuroticismo, composto por 29 itens, subdivididos em quatro facetar. Extroversão foi o segundo fator, e possui 25 itens com quatro subfatores. O terceiro fator encontrado foi Socialização, com 28 itens e três facetar. Realização foi o quarto fator, e totaliza 21 itens e três subfatores. E por último, Abertura para novas Experiências ficou composta por 23 itens, distribuídos em três facetar.

De acordo com Nunes e colaboradores (2008) os fatores da BFP podem ser definidos por meio de facetar. Na Tabela 2 são descritar as facetar dos cinco grandes fatores.

Tabela 2. Descrição das facetas dos cinco grandes fatores.

<i>Facetas</i>	<i>Descrição</i>
<b>N1</b>	Envolve características como dependência, indecisão, necessidade de ser aceito e passividade.
<b>N2</b>	Apresenta itens sobre mudança de humor, como irritabilidade e nervosismo.
<b>N3</b>	Descreve situações características de passividade e falta de energia para terminar tarefas.
<b>N4</b>	Apresenta itens relacionados a sintomas depressivos.
<b>E1</b>	Descreve o grau de comunicação: comunicativas a tímidas.
<b>E2</b>	Revela pessoas que gostam de falar de si próprias e ser o centro das atenções.
<b>E3</b>	Apresenta situações de dinamismo e iniciativa para resolver problemas.
<b>E4</b>	Revela o gosto do indivíduo por estar em grupos e ser popular.
<b>S1</b>	Descreve situações em que há necessidade de ajuda ao próximo e gentileza.
<b>S2</b>	Apresenta itens que descrevem condutas anti-sociais.
<b>S3</b>	Expõe características de desconfiança das pessoas.
<b>R1</b>	Apresenta itens de atitudes ativas para alcançar os objetivos, acreditando em si mesmas.
<b>R2</b>	Revela itens de planejamento de ações e menor impulsividade.
<b>R3</b>	Descreve itens de forte necessidade para realizar um trabalho de maneira detalhista.
<b>A1</b>	Expõe itens que descrevem abertura para novas idéias, como uso da fantasia.
<b>A2</b>	Descreve pessoas com maior abertura para valores morais e sociais.
<b>A3</b>	Revela itens de abertura para novas ações, como conhecer novos lugares.

Nunes e colaboradores (2008) avaliaram a dimensionalidade da bateria por meio de uma base de dados que agregou as coletas de dados realizadas em pesquisas variadas, que continham estudos com as escalas individuais para a avaliação dos cinco grandes fatores,

bem como a versão preliminar da bateria, os autores utilizaram essa base como referência, importando as bases de outras pesquisas. Na primeira etapa, por meio de *Scree Plot*, foram extraídas soluções fatoriais com 4, 5 e 6 fatores. Os autores esperavam correlações baixas entre as cinco dimensões, e então, adotaram a rotação *Varimax* para a extração dos fatores. Encontraram melhor resultado ao serem extraídos cinco fatores, a saber, Neuroticismo, Extroversão, Socialização, Realização e Abertura, sendo que esses apresentaram, respectivamente, *eigenvalues* de 10,04; 7,57; 7,10; 6,12; 4,59, que explicaram 7,97%; 6,01%; 5,64%; 4,86% e 3,65% da variância total. Também foi verificado o KMO nesta análise, que teve um resultado de 0,92 e o teste de esfericidade de Bartlett apresentou um nível de significância inferior a 0,001, indicando a viabilidade da manutenção dos resultados obtidos.

Após a seleção dos itens para a composição da versão final da BFP, foram realizadas análises fatoriais exploratórias para identificar as facetas das cinco dimensões. Tal método foi utilizado previamente no processo de construção das escalas para a mensuração dos fatores Neuroticismo (EFN), Extroversão (EFEx), Socialização (EFS), Realização (EFR) e Abertura (EFA). Como as facetas identificadas em cada fator tendem a se correlacionar, foi escolhido o método de rotação *Direct Oblimin* para a identificação das dimensões.

A análise fatorial dos itens do fator Neuroticismo resultou numa solução com quatro fatores, com *eigenvalues* de 7,42; 1,88; 1,75 e 1,39, com variância explicada de 25,59%; 6,47%; 6,05% e 4,78%, respectivamente. Também foi verificado o KMO nesta análise, que teve um resultado de 0,93 e o teste de esfericidade de Bartlett apresentou um nível de significância inferior a 0,001, indicando a viabilidade da manutenção dos resultados obtidos. Já para o fator Extroversão, a análise fatorial resultou numa solução com quatro fatores, com *eigenvalues* de 5,65; 1,84; 1,53 e 1,39 com variância explicada de 22,60%;

7,34%; 6,14% e 5,75%, respectivamente. O KMO foi de 0,90 e o teste de esfericidade de Bartlett apresentou um nível de significância inferior a 0,001, indicando a viabilidade da manutenção dos resultados obtidos.

Para o fator Socialização, a análise fatorial dos itens resultou numa solução com três dimensões, com *eigenvalues* 6,03; 2,56; 1,66 com variância explicada de 21,52%; 9,14%; 5,93%, respectivamente. O KMO foi de 0,91 e o teste de esfericidade de Bartlett apresentou um nível de significância inferior a 0,001, indicando a viabilidade da manutenção dos resultados obtidos. Para o fator Realização, a análise fatorial dos itens resultou numa solução com três dimensões, com *eigenvalues* 4,93; 1,66 e 1,32 com variância explicada de 23,49%; 7,92% e 6,30%, respectivamente. O KMO foi de 0,89 e o teste de esfericidade de Bartlett apresentou um nível de significância inferior a 0,001, indicando a viabilidade da manutenção dos resultados obtidos. E por fim, para o fator Abertura, a análise fatorial dos itens resultou numa solução com três dimensões, com *eigenvalues* 3,52; 1,93 e 1,52 com variância explicada de 15,32%; 8,40% e 6,63%, respectivamente. O KMO foi de 0,76 e o teste de esfericidade de Bartlett apresentou um nível de significância inferior a 0,001, indicando a viabilidade da manutenção dos resultados obtidos.

Como o BFP apresenta características psicométricas adequadas para a avaliação dos construtos aos quais se propõe medir, os autores analisaram os possíveis efeitos de variáveis sociodemográficas, possibilitando verificar a necessidade de tabelas de normatização diferenciadas. Então, para averiguar a influência das variáveis sexo e estado, realizou-se uma análise GLM para medidas repetidas, gerada pela definição de níveis correspondentes às suas facetas e os fatores entre os sujeitos foram as presentes variáveis, para cada um dos cinco fatores do BFP. Os autores também calcularam o tamanho do efeito, sendo considerada a média dos dois grupos com resultados extremos – mais baixos e mais altos – divididos pelo desvio-padrão da amostra. Os resultados dessa análise

indicaram que a variável sexo gerou perfis diferenciados para Neuroticismo, e na variável estado não houve diferença significativa nesse fator. Entretanto, os autores salientam que os resultados encontrados dessas diferenças, não são conclusivos, necessitando se analisar amostras mais representativas da população brasileira, contendo uma distribuição mais equilibrada entre os níveis de escolaridade para as variáveis sexo e estado.

A busca por evidências de validade para o BFP foi realizada de duas maneiras. Na primeira, houve a aplicação da bateria comparando com outros instrumentos para verificar relações entre construtos, bem como independência entre estes. E na segunda, os autores recuperaram as informações de outros estudos de validação das escalas para a mensuração dos fatores individualmente, a saber, EFN, EFEx, EFS, EFR e EFA. Em relação à verificação das relações entre os construtos, os autores buscaram por evidências de validade convergente e discriminante em uma amostra de estudantes do ensino médio, nos anos de 2007 e 2008. O grupo foi composto por 211 adolescentes com idades variando entre 16 e 18 anos, sendo que 58,3% eram do sexo feminino. O estudo foi realizado por Nunes e colaboradores (2008), no contexto da orientação profissional/vocacional e, além da BFP, foram aplicadas o BPR-5, o EAP, o SDS e o IDDP. Serão enfatizados os resultados com o BPR-5 e o IDDP, pois o EAP e o SDSS já foram sido citados anteriormente, na fundamentação teórica. Para o BPR-5 os autores encontraram correlações moderadas com apenas uma dimensão de personalidade, sugerindo a divergência entre os construtos e a utilidade específica desses dois tipos de medida na realização de avaliações em orientação vocacional. Para o IDDP, conforme esperado pelos autores, houve maior associação entre Neuroticismo e os fatores de indecisão. Houve correlações significativas e negativas entre Realização e alguns fatores do IDDP.

Os autores também buscaram por evidências de validade convergente e discriminante em uma amostra no contexto hospitalar, sendo realizado um estudo por Dias



em um grupo clínico, composto por pessoas com um tipo específico de doença inflamatória intestinal, denominada *Doença de Crohn* (DC) e por um grupo não clínico. Para tanto, participaram 200 indivíduos, divididos por grupo clínico e não clínico, com idade média de 35,8 anos e 52% eram mulheres. A personalidade foi avaliada por meio do BFP e a qualidade de vida pelo IBDQ, já a percepção do suporte familiar pelo IPSF e por fim, o nível de depressão pela EDEP. Dentre as correlações encontradas, os autores destacam entre o EDEP e Neuroticismo ( $r=0,48$ ;  $p<0,01$ ) e entre a faceta N2 ( $r=0,47$ ;  $p<0,01$ ). Da mesma maneira, os autores verificaram que quanto maior o suporte familiar, menores os níveis de Neuroticismo ( $r=0,33$ ;  $p<0,01$ ).

Outra pesquisa foi realizada por Nunes, Hutz e Giacomonni (2008, citados por Nunes & cols., 2008) para verificar relações entre o Bem-Estar Subjetivo (BES) e os fatores Extroversão, Socialização e Neuroticismo, avaliados respectivamente pela EFEX (Nunes & Hutz, 2006), EFS (Nunes & Hutz, 2007) e EFN (Hutz & Nunes, 2001, citados por Nunes & cols., 2008). Participaram deste estudo 357 estudantes universitários de ambos os sexos. Todos os estudantes responderam à escala para mensuração de BES e somente a uma escala para avaliação da personalidade (EFEx, EFS ou EFN). Os grupos que responderam aos instrumentos para avaliação de Extroversão, Socialização e Neuroticismo foram compostos por 100, 59 e 198 participantes, respectivamente. O grupo que respondeu a EFN era de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul enquanto que os estudantes que responderam a EFEx e EFS eram do estado da Bahia. Os autores concluem que dentre a verificação das relações, evidenciou-se uma manutenção nos padrões entre as medidas de BES e Neuroticismo.

Para verificar evidências de validade de critério da escala para mensuração de Socialização, Nunes, Nunes, Cunha e Hutz (2006, citados por Nunes & cols., 2008) buscaram investigar se as associações citadas na literatura internacional entre adicção a

substâncias psicoativas e características de personalidade seriam corroboradas numa amostra brasileira, com o uso da Escala Fatorial de Socialização (Nunes & Hutz, 2007). A amostra foi composta por dois grupos: um formado por 54 clientes de uma clínica para tratamento de dependência química com idade variando entre 17 e 66 anos, sendo 43 homens e 5 mulheres e um formado por 35 estudantes universitários, sendo 9 homens e 26 mulheres que participaram voluntariamente da pesquisa respondendo às escalas e posteriormente a uma entrevista com o objetivo de aprofundar aspectos de suas histórias de vida, sendo que 54,4% desse grupo foi de estudantes do Estado da Bahia e os demais eram do Rio Grande do Sul, com idade média de 21,7 anos. Para a realização de análises adicionais, foram utilizados os resultados dos estudos de normatização da Escala Fatorial de Socialização (Nunes, 2005, citado por Nunes & cols., 2008), cuja amostra foi composta por 1.100 pessoas. Os autores fizeram uma comparação dos resultados obtidos pelos participantes do estudo com os da amostra normativa da EFS (Nunes, 2005, citado por Nunes & cols., 2008) com a utilização de teste t. A variável sexo foi considerada, por interagir de maneira significativa com os níveis de Socialização. Foram encontradas diferenças significativas entre as médias do grupo normativo e a amostra clínica para todas as subescalas de Socialização, sendo que o subfator que mais teve diferença entre esses grupos foi S2 (Pró-socialização). Os autores concluem que, de modo geral, os resultados da EFS e dos seus itens selecionados para a montagem do BFP nessa amostra trouxeram evidências de validade de critério para o instrumento.

Do mesmo modo, os autores buscaram por evidências de validade convergente e discriminante da escala para mensuração de Neuroticismo de Hutz e Nunes (2001, citados por Nunes & cols., 2008). Assim sendo, a EFN foi aplicada com outros instrumentos que avaliam o mesmo construto, para verificar evidências de validade convergente ou construtos associados, possibilitando constatar evidências baseadas na relação com

variáveis relacionadas. Para tanto, participaram 437 estudantes universitários, sendo 312 de cursos de uma universidade pública, 125 de uma privada, ambas de Rio Grande do Sul, ambos os sexos, 65% mulheres e 35% homens, com idades entre 16 e 52 anos, e média 22,03. O instrumento EFN foi respondido por todos, o EPQ por 69 participantes, o BAI por 53, o BDI por 53 e a escala de Rosenberg por 91. Os autores apresentam as correlações entre as medidas de Neuroticismo da EFN e BFP e as medidas do EPQ, BDI, BAI e Auto-Estima de Rosenberg. Encontraram-se correlações entre Neuroticismo do EFN e EPQ ( $r=0,82$ ;  $p<0,01$ ) e entre a BFP e EPQ ( $r=0,80$ ;  $p<0,01$ ). Esses resultados demonstram evidência de validade convergente entre as medidas de Neuroticismo tanto na EFN como na BFP. O inventário de ansiedade de Beck (BAI) apresentou uma correlação média com o resultado geral da EFN ( $r=0,49$ ;  $p<0,01$ ) e um pouco menor com a escala de Neuroticismo da BFP ( $r=0,40$ ;  $p<0,01$ ). Já para o inventário de depressão de Beck (BDI), encontrou-se correlação alta e significativa entre o EFN ( $r=0,74$ ;  $p<0,01$ ) e Neuroticismo da BFP ( $r=0,66$ ;  $p<0,01$ ). Além disso, deve ser notado que o BDI apresentou as maiores correlações, dentre as facetas da EFN ( $r=0,70$ ;  $p<0,01$ ) e BFP ( $r=0,67$ ;  $p<0,01$ ), com as específicas para avaliação de depressão, representando uma evidência da validade convergente dessas facetas. Por fim, para a escala de auto-estima de Rosenberg encontrou-se correlações muito próximas do escore geral da EFN ( $r=-0,60$ ;  $p<0,01$ ) e BFP ( $r=-0,62$ ;  $p<0,01$ ). Essas altas correlações negativas são explicadas por pessoas com escores altos em Neuroticismo tendem a ter uma avaliação depreciativa, serem mais inseguras e dependentes emocionalmente das pessoas. Os autores também encontraram correlações negativas com as medidas de depressão para a EFN e BFP ( $r=-0,66$ ;  $p<0,01$ ). Os resultados encontrados indicam associações entre Neuroticismo e Auto-estima.

A precisão das dimensões da Bateria Fatorial de Personalidade e suas facetas foi calculada por meio do alfa de Cronbach considerando-se, inicialmente a amostra completa

e subseqüentemente a amostra dividida em função das variáveis sexo, escolaridade. As amostras usadas para analisar a precisão da BFP participaram de coletas de dados durante o ano de 2007, porém as pessoas que responderam individualmente as escalas EFN, EFEx, EFS, EFR ou EFA o fizeram a partir de 1999, 2003, 2003, 2005 e 2005, respectivamente. Os autores observaram que apenas as facetas E3, A2 e A3 apresentaram uma precisão inferior a 0,60, sendo que todas as dimensões e a maioria de suas facetas apresentaram consistência interna considerada boa.

### *6.3 Procedimento*

O contato com as instituições foi realizado por meio dos coordenadores dos cursos. Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade São Francisco e aprovado. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes que concordaram em participar da pesquisa. A aplicação foi realizada em sala de aula, de forma coletiva, em duas universidades do interior do estado de São Paulo, sendo que foi aplicado primeiramente o EAP e posteriormente o BFP, em sessão única. O tempo total estimado para aplicação foi de aproximadamente 50 minutos. É importante salientar que a pesquisadora sempre esteve presente nas aplicações e contou com um auxiliar para a coleta de dados nos sete cursos das duas universidades, sendo essa realizada em sete aplicações no total.

## VII. RESULTADOS

A fim de cumprir com os objetivos, quais sejam, buscar evidências de validade da Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) baseadas na relação com a personalidade e verificar se há uma relação estatisticamente significativa entre determinadas preferências por atividades profissionais e traços da personalidade, os dados foram organizados em uma planilha eletrônica e analisados no programa estatístico *Statistical Package for Social Science* (SPSS). Primeiramente, foi realizada uma limpeza da base de dados, sendo eliminadas as respostas omissas. Assim, foram eliminados quatro sujeitos, restando 260.

Com vistas a facilitar a visualização dos resultados, esses foram divididos em três blocos. Primeiramente, serão apresentados os resultados do EAP, em que se encontra sua estatística descritiva, bem como as diferenças de média por sexo e por curso, com a inclusão da prova de *Tukey*, que possibilitou evidências de validade de critério para o instrumento. O segundo bloco refere-se aos resultados do BFP, em que será apresentada sua estatística descritiva, bem como diferenças de média por sexo e por curso. Logo após, no terceiro bloco serão apresentadas as relações entre o EAP e o BFP, realizadas por meio da Correlação de Pearson, permitindo a busca de evidências de validade por relação com outras variáveis, bem como, por meio de diferenças de média em relação às dimensões do EAP e os fatores do BFP separados pelas pontuações do percentil inferior e superior, buscou-se evidências de validade por grupos extremos. A seguir, na Tabela 3 pode-se visualizar a estatística descritiva das pontuações obtidas no EAP.

### 7.1 ESCALA DE ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL (EAP)

Primeiramente, por meio das análises, foi obtida a estatística descritiva das pontuações obtidas no EAP, e isso pode ser visualizado na Tabela 3.

*Tabela 3.* Estatística descritiva das pontuações obtidas no EAP

	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>
Ciências Exatas	12	59	24,93	10,13
Artes e Comunicação	11	55	30,41	10,94
Ciências Biológicas e da Saúde	8	40	22,35	8,66
Ciências Agrárias e Ambientais	12	50	33,45	8,85
Atividades Burocráticas	8	40	23,68	7,26
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	7	34	20,42	5,74
Entretenimento	5	25	15,60	5,29

A fim de verificar se haviam diferenças significativas entre as dimensões do EAP e o sexo dos participantes, foi realizada prova *t* de Student e essa análise encontra-se na Tabela 4.

*Tabela 4.* Diferença entre as médias das dimensões do EAP por sexo

	Sexo	Média	Desvio Padrão	<i>t</i>	<i>p</i>
Ciências exatas	M	29,35	12,01	4,70	0,000
	F	22,96	8,51		
Artes e Comunicação	M	31,24	10,67	0,79	0,458
	F	30,04	11,07		
Ciências Biológicas e da Saúde	M	22,62	8,07	0,33	0,136
	F	22,23	8,94		
Ciências Agrárias e Ambientais	M	33,96	8,52	0,58	0,472
	F	33,21	9,01		
Atividades Burocráticas	M	25,79	7,63	3,01	0,412
	F	22,75	6,91		
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	M	21,08	5,89	1,24	0,689
	F	20,10	5,66		
Entretenimento	M	15,58	5,37	-0,03	0,945
	F	15,60	5,27		

Pode-se notar, na Tabela 4, que foi encontrada apenas uma diferença significativa em relação ao sexo dos participantes na dimensão Ciências Exatas. Essa dimensão refere-se a atividades como envolver-se em pesquisas espaciais, montar banco de dados digitais, controlar propriedades físicas dos solos. Os homens apresentaram as maiores médias (M=29,35, DP=12,01) em relação às mulheres (M=22,96, DP=8,51). A diferença pode ser melhor visualizada na Figura 1.

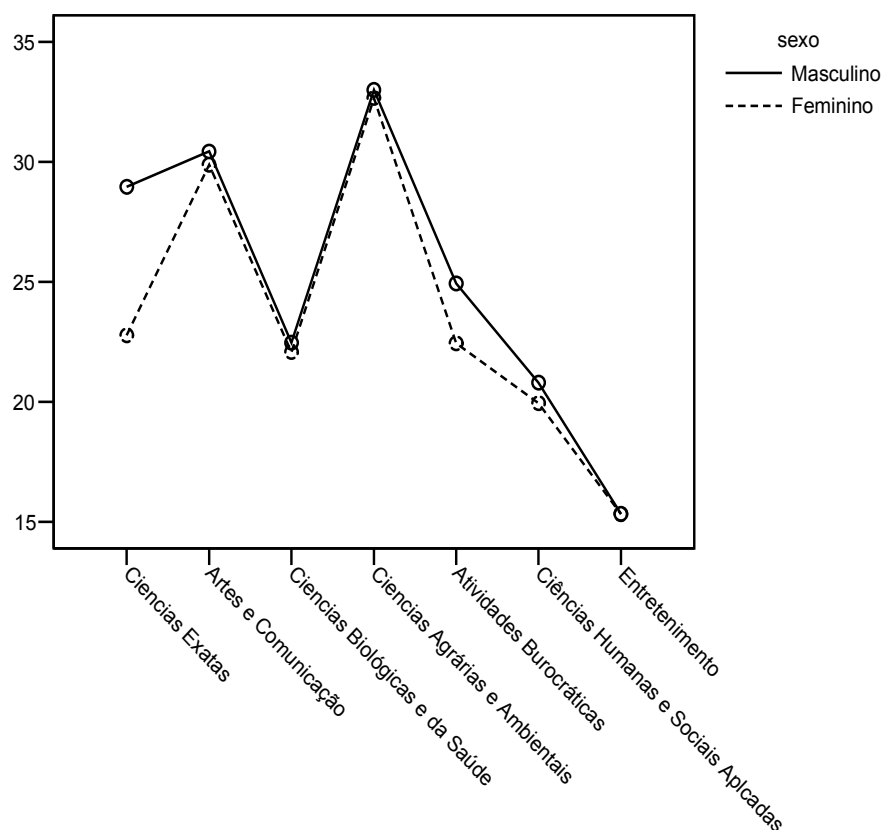


Figura 1. Diferenças entre as médias das dimensões do EAP por sexo

Logo após, foi realizada uma Análise de Variância a fim de encontrar possíveis diferenças em relação às dimensões do EAP e os sete cursos. Essa análise encontra-se na Tabela 5.



Tabela 5. Diferença entre as médias das dimensões do EAP por curso

		SQ	Gl	MQ	F	Sig.
Ciências exatas	Entre-Grupos	1036,701	6	172,784	1,71	0,119
	Entre-Sujeitos	23530,232	233	100,988		
Artes e Comunicação	Entre-Grupos	5746,273	6	957,712	9,76	0,000
	Entre-Sujeitos	22861,889	233	98,120		
Ciências Biológicas e da Saúde	Entre-Grupos	6946,214	6	1157,702	24,13	0,000
	Entre-Sujeitos	11564,560	241	47,986		
Ciências Agrárias e Ambientais	Entre-Grupos	920,324	6	153,387	2,01	0,065
	Entre-Sujeitos	16139,822	212	76,131		
Atividades Burocráticas	Entre-Grupos	3680,087	6	613,348	16,17	0,000
	Entre-Sujeitos	8648,977	228	37,934		
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	Entre-Grupos	772,110	6	128,685	4,21	0,000
	Entre-Sujeitos	7239,251	237	30,545		
Entretenimento	Entre-Grupos	1978,924	6	329,821	16,06	0,000
	Entre-Sujeitos	4989,272	243	20,532		

Observa-se que foram encontradas diferenças significativas em todas as dimensões do EAP, com exceção de Ciências Exatas e Ciências Agrárias e Ambientais. Assim, procedeu-se à prova de *Tukey*, a fim de verificar em quantos grupos os cursos se dividiam. Em relação à dimensão Ciências Exatas, verificou-se que todos os cursos se agruparam em um único conjunto e não se diferenciaram. Porém, a média mais alta ficou para o curso de Administração (26,89) e a mais baixa para o de Odontologia (20,50). Logo após, procedeu-se à análise da dimensão Artes e Comunicação e os resultados encontram-se na Tabela 6.

*Tabela 6.* Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Artes e Comunicação

	<i>Subconjuntos para alfa = 0.05</i>		
	1	2	3
Odontologia	23,74		
Nutrição	24,46		
Administração	27,74	27,74	
Ed Física		32,69	32,69
Turismo			35,12
Arquitetura			35,60
Hotelaria			36,38
Nível de significância	0,661	0,405	0,743

Nota-se que os cursos Hotelaria (36,38), Arquitetura (35,60) e Turismo (35,12) apresentaram as maiores médias. Em contrapartida, os cursos de Odontologia (23,74) e Nutrição (24,46) forneceram as médias mais baixas. Em seguida, encontra-se na Tabela 7 os resultados da análise da dimensão Ciências Biológicas e da Saúde.

*Tabela 7.* Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Ciências Biológicas e da Saúde

	<i>Subconjunto para alfa = 0.05</i>	
	1	2
Arquitetura	15,49	
Turismo	17,29	
Administração	18,93	
Hotelaria	19,92	
Ed Física		26,53
Nutrição		28,33
Odontologia		29,33
Nível de significância	0,117	0,634

As maiores médias se deram para três cursos, a saber, Odontologia (29,33), Nutrição (28,33) e Educação Física (26,53). Já, os cursos Arquitetura (15,49), Turismo

(17,29), Administração (18,93) e Hotelaria (19,92) ficaram com as menores médias. A seguir, encontra-se na Tabela 8 a análise da dimensão Ciências Agrárias e Ambientais.

*Tabela 8.* Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Ciências Agrárias e Ambientais

	<i>Subconjunto para alfa = 0.05</i>	
	1	2
Odontologia	30,36	
Administração	31,90	31,90
Arquitetura	32,92	32,92
Ed Física	33,15	33,15
Nutrição	34,61	34,61
Hotelaria	34,67	34,67
Turismo		37,83
Nível de significância	0,471	0,119

Para essa dimensão, o curso Turismo (37,83) foi o que obteve a maior média. Em contrapartida, o curso Odontologia (30,36) foi o que obteve a menor média. Logo após, na Tabela 9, encontram-se os resultados da dimensão Atividades Burocráticas.

*Tabela 9.* Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Atividades Burocráticas

	<i>Subconjunto para alfa = 0.05</i>		
	1	2	3
Nutrição	19,18		
Odontologia	20,61		
Ed Física	22,46	22,46	
Arquitetura	22,47	22,47	
Turismo	22,88	22,88	
Hotelaria		26,64	
Administração			31,23
Nível de significância	0,196	0,097	1,000

O curso que ficou mais discriminado nessa dimensão foi o de Administração (31,23). Por outro lado, Nutrição (19,18) foi o curso que obteve a menor média. A seguir, na Tabela 10, estão os resultados da dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

*Tabela 10.* Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

	<i>Subconjunto para alfa = 0.05</i>		
	1	2	3
Odontologia	17,19		
Administração	19,76	19,76	
Nutrição	20,00	20,00	
Arquitetura	20,05	20,05	
Hotelaria	21,08	21,08	21,08
Ed. Física		21,61	21,61
Turismo			24,16
Nível de significância	0,067	0,819	0,262

O curso que se distinguiu nitidamente e teve a maior média nessa dimensão foi Turismo (24,16). Já, Odontologia (17,19) apresentou a menor média. Por fim, na Tabela 11 estão os resultados da dimensão Entretenimento.

*Tabela 11.* Subconjuntos formados em razão da diferença de médias das dimensões por curso em relação à dimensão Entretenimento

	<i>Subconjunto para alfa = 0.05</i>		
	1	2	3
Odontologia	10,07		
Arquitetura		14,08	
Administração		14,95	
Nutrição		15,51	
Ed Física		15,98	
Turismo			19,43
Hotelaria			20,38
Nível de significância	1,000	0,595	0,976

Hotelaria (20,38) e Turismo (19,43) apresentaram as maiores médias nessa dimensão. Em contrapartida, o curso Odontologia (10,07) foi o que obteve a menor média. Pode-se concluir que foram encontradas evidências de validade de critério para o EAP, pelo fato de terem sido acrescentados quatro novos cursos, a saber, Arquitetura, Hotelaria, Nutrição e Odontologia. A seguir, serão apresentados os resultados do BFP.

## 7.2 BATERIA FATORIAL DA PERSONALIDADE (BFP)

Na Tabela 12, encontra-se a estatística descritiva das pontuações obtidas no BFP, em relação aos fatores e as facetas.

*Tabela 12.* Estatística descritiva das pontuações obtidas no BFP

	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>
Neuroticismo	1,4	6,1	3,4	0,87
Abertura	3,0	5,8	4,5	0,52
Extroversão	2,7	6,4	4,6	0,63
Realização	2,8	6,6	4,8	0,69
Socialização	3,3	5,9	4,2	0,44
N1	1,3	6,7	3,6	1,16
N2	1,0	7,0	3,9	1,24
N3	1,0	6,8	3,6	1,18
N4	1,3	5,5	2,5	0,91
E1	1,7	6,8	4,3	0,69
E2	1,0	6,7	3,8	1,03
E3	2,4	7,0	4,9	0,99
E4	2,0	7,0	5,2	1,07
S1	2,6	7,0	5,6	0,79
S2	1,9	5,7	3,4	0,78
S3	2,0	6,0	3,6	0,76
R1	2,6	7,0	5,2	0,84
R2	1,5	7,0	4,4	1,00
R3	2,0	7,0	4,8	0,96
A1	2,5	6,4	4,3	0,75
A2	1,9	6,9	4,6	0,88
A3	2,8	6,5	4,6	0,72

Foi realizada uma prova *t* de Student de modo a verificar possíveis diferenças em relação ao sexo e os fatores do BFP. Essa análise pode ser visualizada na Tabela 13.

*Tabela 13.* Diferença de média do BFP por sexo

	<i>Sexo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
Neuroticismo	M	3,45	0,96	0,62	0,103
	F	3,38	0,83		
Abertura	M	4,57	0,53	1,25	0,500
	F	4,49	0,52		
Extroversão	M	4,63	0,64	1,06	0,789
	F	4,54	0,62		
Socialização	M	4,31	0,46	3,04	0,432
	F	4,13	0,42		
Realização	M	4,91	0,65	1,24	0,406
	F	4,79	0,71		

Pode-se observar que não foram encontradas diferenças significativas. Desse modo, a fim de realizar uma análise mais detalhada, procedeu-se à prova *t* de Student entre as facetas do BFP e o sexo dos participantes. Foram encontradas diferenças significativas na faceta N4 [ $F(1)=6,029$ ;  $p<0,01$ ], do fator Neuroticismo e na faceta S2 [ $F(1)=6,115$ ;  $p<0,01$ ]. De modo a verificar possíveis diferenças em relação aos cursos e os fatores do BFP, foi realizada uma Análise de Variância e os resultados encontram-se na Tabela 14.

Tabela 14. Diferença de média por curso dos fatores do BFP

		<i>SQ</i>	<i>Gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
Neuroticismo	Entre Grupos	8,563	6	1,427	1,92	0,078
	Entre Sujeitos	187,745	253	0,742		
Abertura	Entre Grupos	6,345	6	1,057	4,16	0,001
	Entre Sujeitos	64,317	253	0,254		
Extroversão	Entre Grupos	2,384	6	0,397	1,01	0,419
	Entre Sujeitos	99,440	253	0,393		
Socialização	Entre Grupos	1,170	6	0,195	0,99	0,435
	Entre Sujeitos	49,998	253	0,198		
Realização	Entre Grupos	3,954	6	0,659	1,38	0,223
	Entre Sujeitos	120,719	253	0,477		

Pode-se notar que apenas em relação ao fator Abertura, foram encontradas diferenças significativas. Assim, de modo a realizar uma análise mais detalhada, foi aplicada uma Análise de Variância (ANOVA) entre as facetas do BFP e o curso dos participantes, sendo encontradas diferenças significativas no fator Neuroticismo, N2 [ $F(6)=2,148; p<0,05$ ]; N3 [ $F(6)=3,162; p<0,01$ ] e Abertura, A1 [ $F(6)=6,945; p<0,01$ ]; A3 [ $F(6)=2,197; p<0,05$ ]. A seguir encontram-se os resultados acerca das relações entre o EAP e o BFP.

### 7.3 RELAÇÕES ENTRE ESCALA DE ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL (EAP) E BATERIA FATORIAL DA PERSONALIDADE (BFP)

A fim de buscar evidências de validade baseadas em outras variáveis, foi realizada Correlação de Pearson entre as dimensões do EAP e os fatores do BFP. Os resultados são apresentados na Tabela 15.

*Tabela 15.* Coeficientes de Correlação de Pearson entre as dimensões do EAP e os fatores do BFP

	<i>Neuroticismo</i>	<i>Abertura</i>	<i>Extroversão</i>	<i>Socialização</i>	<i>Realização</i>
Ciências Exatas	-0,02	0,16	0,07	0,16	0,14
Artes e Comunicação	0,04	0,27	0,17	0,05	-0,04
Ciências Biológicas e da Saúde	0,00	0,00	0,01	0,03	0,06
Ciências Agrárias e Ambientais	-0,10	0,02	0,05	-0,02	0,07
Atividades Burocráticas	-0,05	0,03	0,20	0,20	0,19
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	0,03	0,22	0,15	0,09	0,11
Entretenimento	0,09	0,05	0,07	0,10	-0,05

Pode-se notar na Tabela 15, considerando a magnitude dos coeficientes de correlação, que a dimensão Artes e Comunicação apresentou correlação baixa positiva e significativa com o fator Abertura ( $r=0,27$ ). A dimensão Atividades Burocráticas apresentou correlação significativa com dois fatores, correlação baixa positiva e significativa com o fator Extroversão ( $r=0,20$ ) e correlação baixa positiva e significativa com o fator Socialização ( $r=0,20$ ). E, a dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, se correlacionou com o fator Abertura de maneira significativa, apresentando correlação baixa positiva e significativa ( $r=0,22$ ). Em relação às hipóteses, era esperado que a dimensão Ciências Exatas apresentasse duas correlações negativas e significativas, uma com o fator Socialização, e outra com o fator Extroversão, porém nenhuma foi corroborada. Em relação à dimensão Artes e Comunicação, foram hipotetizadas três correlações positivas e significativas uma com o fator Extroversão, outra com o fator Socialização e com o fator Abertura. Apenas para o fator Abertura foi encontrada correlação positiva e significativa. Em relação à dimensão Ciências Biológicas e da Saúde, foram hipotetizadas correlações significativas e positivas com três fatores distintos: Extroversão, Socialização, Realização, nenhuma dessas foram encontradas. O mesmo aconteceu com a dimensão Ciências



Agrárias e Ambientais, em que era esperada correlação significativa e positiva com o fator Socialização. Em relação à dimensão Atividades Burocráticas, eram esperadas duas correlações significativas com essa dimensão: positiva com o fator Socialização, e negativa com o fator Neuroticismo. Somente para o fator Socialização a correlação foi confirmada e evidenciou-se outra correlação, com o fator Extroversão. Em relação à dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas esperavam-se três correlações positivas e significativas com os fatores Extroversão, Socialização e Abertura. Foi encontrada apenas para o fator Abertura. Por fim, com a dimensão Entretenimento era esperada correlação positiva e significativa com o fator Extroversão, porém não foi encontrada nenhuma correlação.

A seguir, na Tabela 16 encontra-se a Correlação de Pearson entre as dimensões do EAP e as facetas do BFP.

Tabela 16. Coeficientes de Correlação de Pearson entre as dimensões do EAP e as facetas do BFP

	<i>Ciências Exatas</i>	<i>Artes e Comunicação</i>	<i>Ciências Biológicas e da Saúde</i>	<i>Ciências Agrárias e Ambientais</i>	<i>Atividades Burocráticas</i>	<i>Ciências Humanas e Sociais Aplicadas</i>	<i>Entretenimento</i>
N1	-0,03	-0,02	0,03	-0,08	-0,01	-0,01	0,07
N2	-0,011	0,06	-0,08	-0,14	-0,05	0,01	0,09
N3	0,02	0,09	0,02	-0,05	-0,07	0,09	0,08
N4	0,10	-0,04	0,03	-0,02	-0,00	0,01	0,02
E1	0,18	-0,00	0,08	0,16	0,14	0,14	0,06
E2	0,03	0,17	-0,02	-0,06	0,14	0,08	0,03
E3	0,01	0,07	-0,04	0,00	0,15	0,10	-0,01
E4	-0,00	0,16	0,04	0,06	0,10	0,08	0,09
S1	0,18	0,07	0,17	0,17	0,13	0,17	0,09
S2	0,09	0,01	-0,06	-0,07	0,21	0,01	0,04
S3	-0,00	-0,00	-0,05	-0,13	-0,003	-0,02	0,02
R1	0,21	0,05	0,11	0,08	0,24	0,14	0,02
R2	0,07	-0,01	0,00	0,07	0,17	0,07	-0,04
R3	0,04	-0,10	0,01	0,00	0,01	0,02	-0,09
A1	0,16	0,36	-0,08	0,09	-0,01	0,20	-0,03
A2	0,08	0,05	0,07	0,03	0,06	0,06	0,07
A3	0,07	0,12	0,00	-0,08	0,00	0,19	0,04

De acordo com a magnitude das correlações, pode-se notar na Tabela 16, que a dimensão Ciências Exatas apresentou correlação baixa positiva e significativa ( $r=0,21$ ) com a faceta R1 do fator Realização. A dimensão Artes e Comunicação apresentou correlação baixa positiva e significativa ( $r=0,36$ ) com A1, do fator Abertura. Já a dimensão Atividades Burocráticas, apresentou correlação baixa positiva e significativa com as facetas S2 ( $r=0,21$ ) do fator Socialização e R1 ( $r=0,24$ ) do fator Realização. E por fim, a dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas apresentou correlação baixa positiva e significativa com a faceta A1 ( $r=0,20$ ) do fator Abertura. Em seguida, os fatores do BFP foram divididos em quartis a fim de verificar o percentil inferior e superior. Para verificar possíveis diferenças entre esses, procedeu-se a um teste  $t$  de Student para cada fator e as dimensões

do EAP. Na Tabela 17 encontram-se as diferenças de média entre o fator Neuroticismo e as dimensões do EAP.

*Tabela 17.* Diferença de média entre o fator Neuroticismo e as dimensões do EAP

	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Ciências exatas	25,76	10,03	0,17	0,868
	25,42	12,01		
Artes e Comunicação	29,95	10,42	-0,69	0,491
	31,41	12,61		
Ciências Biológicas e da Saúde	23,33	9,69	0,19	0,849
	23,02	8,20		
Ciências Agrárias e Ambientais	34,03	9,52	0,67	0,506
	32,84	9,61		
Atividades Burocráticas	25,27	7,51	1,24	0,219
	23,56	7,59		
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	20,25	5,86	-0,81	0,420
	21,15	6,42		
Entretenimento	15,16	5,63	-1,16	0,249
	16,32	5,60		

Pode-se notar na Tabela 17, que nenhuma das dimensões apresentou diferenças significativas em relação ao fator Neuroticismo. Em seguida, foi realizado um teste *t* de Student entre o fator Realização e as dimensões do EAP e esse resultado pode ser visto na Tabela 18.

Tabela 18. Diferença de média entre o fator Realização e as dimensões do EAP

	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Ciências exatas	23,93	8,97	-1,73	0,086
	27,34	11,73		
Artes e Comunicação	31,16	10,07	0,42	0,676
	30,31	11,81		
Ciências Biológicas e da Saúde	21,73	9,16	-1,05	0,297
	23,46	8,91		
Ciências Agrárias e Ambientais	33,22	7,98	-0,75	0,455
	34,47	8,74		
Atividades Burocráticas	21,93	6,57	-2,80	0,006
	25,65	7,62		
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	19,73	5,50	-1,22	0,224
	21,05	6,10		
Entretenimento	15,90	5,03	0,61	0,542
	15,30	5,82		

Observa-se na Tabela 18 que apenas a dimensão Atividades Burocráticas apresentou diferenças significativas em relação ao fator Realização. A seguir, na Tabela 19, encontram-se as diferenças de média entre o fator Abertura e as dimensões do EAP.

Tabela 19. Diferença de média entre o fator Abertura e as dimensões do EAP

	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Ciências exatas	21,26	8,14	-2,96	0,004
	26,87	11,62		
Artes e Comunicação	27,26	10,60	-2,85	0,005
	33,05	11,43		
Ciências Biológicas e da Saúde	22,18	8,58	0,22	0,826
	21,83	8,78		
Ciências Agrárias e Ambientais	31,95	8,27	-0,45	0,652
	32,73	9,57		
Atividades Burocráticas	21,58	6,82	-1,21	0,230
	23,19	7,65		
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	18,03	5,42	-3,19	0,002
	21,27	5,72		
Entretenimento	14,44	5,29	-0,51	0,608
	14,93	5,48		

Pode-se notar na Tabela 19 que três dimensões apresentaram diferenças significativas em relação ao fator Abertura: Ciências Exatas, Artes e Comunicação e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Em seguida, foi realizado o procedimento estatístico *t* de Student para verificar possíveis diferenças entre o fator Extroversão e as dimensões do EAP e esse resultado pode ser visualizado na Tabela 20.

Tabela 20. Diferença de média entre o fator Extroversão e as dimensões do EAP

	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Ciências exatas	24,05	10,37	-0,80	0,424
	25,67	11,19		
Artes e Comunicação	28,64	11,55	-2,47	0,015
	33,83	11,22		
Ciências Biológicas e da Saúde	22,10	8,79	-0,66	0,509
	23,17	9,14		
Ciências Agrárias e Ambientais	33,05	9,02	-0,40	0,689
	33,78	9,49		
Atividades Burocráticas	22,44	6,51	-2,57	0,012
	25,81	7,43		
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	19,16	5,76	-1,88	0,063
	21,15	5,87		
Entretenimento	15,31	5,25	-1,23	0,220
	16,46	5,03		

Constata-se na Tabela 20 que em apenas duas dimensões foram encontradas diferenças significativas: Artes e Comunicação e Atividades Burocráticas. Por fim, foram verificadas diferenças de média, por meio do teste *t* de Student entre o fator Socialização e as dimensões do EAP, sendo apresentadas na Tabela 21.

Tabela 21. Diferença de média entre o fator Socialização e as dimensões do EAP

	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Ciências exatas	22,77	8,73	-1,82	0,071
	26,29	12,06		
Artes e Comunicação	29,51	11,19	-0,63	0,532
	30,82	11,55		
Ciências Biológicas e da Saúde	21,30	8,72	-0,46	0,649
	22,03	9,08		
Ciências Agrárias e Ambientais	32,52	8,04	-0,19	0,850
	32,84	9,44		
Atividades Burocráticas	22,48	6,67	-3,42	0,001
	26,81	7,03		
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	18,92	5,34	-1,76	0,081
	20,76	6,16		
Entretenimento	14,82	5,15	-0,94	0,349
	15,69	5,16		

De acordo com a Tabela 21, pode-se notar que foram encontradas diferenças significativas apenas para a dimensão Atividades Burocráticas. Constatam-se, desse modo, evidências de validade por grupos extremos. A seguir, os resultados são discutidos com base na fundamentação teórica.

## VIII. DISCUSSÃO

De maneira geral, os achados deste estudo mostram-se consistentes com outros existentes na literatura (Ackerman e Bier, 2003; Bordin, 1943; Carless, 1999; Carter, 1940; Darley, 1941). Pôde-se constatar que quando correlacionados os construtos, esses mostraram relações entre si. Entretanto, há que se ressaltar a impossibilidade de se traçar padrões tão claros e distintos entre carreiras. Desse modo, há que se refletir sobre a permeabilidade das profissões. Pode-se ilustrar essa afirmação, com um exemplo de um indivíduo que possui interesse pela área de Exatas e é psicólogo, porém dentro da Psicologia, é psicometrista. Deve-se também salientar que o fato de as pessoas terem os mesmos interesses, não significa que terão a mesma carreira.

Há que se ressaltar que a comparação deste com outras pesquisas, deve ser realizada com cautela, pois a maioria utiliza o nível de significância ( $p$ ) para constatar a relação entre os construtos e neste, foi verificada a magnitude das correlações, o que pode justificar níveis menores de correlação encontrados. Bem como, o estudo de Nunes e colaboradores (2008) em que foi realizada a comparação dos mesmos instrumentos, tinha como amostra adolescentes. Há que se destacar também, que quanto maior a amostra da pesquisa, maiores as relações encontradas entre os construtos.

Desse modo, quanto ao objetivo geral deste estudo, constatou-se relação entre a dimensão Artes e Comunicação e o fator Abertura. Nunes e colaboradores (2008) encontraram correlações significativas entre essa dimensão e os fatores Extroversão, Socialização e Abertura, corroborando apenas o achado para o último fator. Outros autores internacionais, como Gottfredson e colaboradores (1993) e Larson e colaboradores (2002) encontraram quando buscaram relações entre um instrumento de interesse e outro de personalidade, que o tipo Artístico se relaciona ao fator Abertura. O tipo Artístico é



classificado como pessoas que utilizam muito da intuição e imaginação para a resolução de problemas (Mansão, 2005). E esse, pode ser comparado à dimensão Artes e Comunicação do EAP, podendo-se então refletir, que os achados, deste estudo, encontram-se em consonância com os estudos internacionais.

Constatou-se também, relações entre a dimensão Atividades Burocráticas e os fatores Extroversão e Socialização. Nunes e colaboradores (2008) também encontraram correlações significativas apenas para o fator Socialização. Autores como, Gasser e colaboradores (2004) encontraram relação entre os tipos Artístico e Social com Socialização, bem como Gottfredson e colaboradores (1993) localizaram entre os tipos Social e Empreendedor e o fator Extroversão. Por fim, Larson e colaboradores (2002) corroboram com os últimos autores, pois encontraram em seus estudos que os tipos Social e Empreendedor se relacionam com Extroversão e o tipo Social com Socialização. Pode-se analisar que o tipo Empreendedor, engloba pessoas voltadas para as interações interpessoais, com vistas a objetivos organizacionais e políticos ou ganhos econômicos (Mansão, 2005), e que a dimensão Atividades Burocráticas descreve muito bem esse tipo. Portanto, as pesquisas internacionais corroboram com este estudo. Por fim, a dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas se correlacionou com o fator Abertura. Nunes e colaboradores (2008) também encontraram correlação significativa para esse fator. Como já mencionado anteriormente, Gottfredson e colaboradores (1993), bem como Larson e colaboradores (2002), encontraram relações entre esse fator e os tipos Artístico e Investigativo, sendo que o primeiro refere-se a pessoas mais emotivas que racionais que utilizam muito da intuição e imaginação para a resolução de problemas e o segundo enquadra pessoas que se demonstram hábeis em lidar com palavras e idéias, tendendo a ser analítico e crítico (Mansão, 2005). Desse modo, ambos podem ser comparados à dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Quando foram buscadas relações entre as dimensões do EAP e as facetas do BFP, foi constatado que a dimensão Ciências Exatas obteve relação com a faceta R1 do fator Realização, que apresenta itens que descrevem atitudes ativas para alcançar os objetivos e as pessoas que os selecionam tendem a possuir uma boa percepção sobre si mesmas, acreditando em seu potencial. Nunes e colaboradores (2008) também encontraram correlação significativa com essa faceta e correlação negativa com a faceta E4 do fator Extroversão. Autores como Primi e colaboradores (2002) constataram que o interesse em cálculo correlacionou-se positivamente com rigidez de pensamento e concluíram que este interesse é mais apresentado por indivíduos práticos, objetivos, realistas, o que vai de encontro com a definição do fator Realização, que inclui persistência, responsabilidade e necessidade de realização.

Foi também obtida relação entre a dimensão Atividades Burocráticas e as facetas S2 do fator Socialização e R1 do fator Realização. Nunes e colaboradores (2008) encontraram correlação negativa com as facetas N1 e N3 do fator Neuroticismo, negativa com a faceta S1 do fator Socialização, positiva com R1 do fator Realização e negativa com a faceta A2 do fator Abertura. Em relação ao fator Socialização, Larson e colaboradores (2002) encontraram correlações com o tipo Social, que destaca pessoas que preferem atividades que envolvam interação com outras pessoas, evitando trabalhar com máquinas e ferramentas e valorizam questões éticas envolvidas no contato social (Mansão, 2005). Já a dimensão Atividades Burocráticas engloba pessoas que prefere atividades de interação com as pessoas, porém gostam de utilizar o computador e suas funções como meio de trabalho. Nesse sentido, devem ser realizados mais estudos para verificar essa relação encontrada. Já no que se refere ao fator Realização, Gottfredson e colaboradores (1993) encontraram relação com o tipo Convencional, que diz respeito a sujeitos que gostam de manipular e analisar dados e números, importando-se mais com o setor econômico e menos com o ético

e religioso, dando preferência a atividades sistemáticas, organizadas e passivas, (Mansão, 2005). Esse tipo se relaciona à dimensão Atividades Burocráticas, sendo então corroborado com o estudo internacional. Gasser e colaboradores (2004) encontraram correlação com esse fator e o tipo Investigativo, que se refere a um indivíduo hábil em lidar com palavras e idéias, tendendo a ser analítico e crítico (Mansão, 2005). Nesse sentido, a dimensão Atividades Burocráticas também se encaixa nesse tipo, pois indivíduos dessa dimensão tendem a ser analíticos e críticos.

Por fim, a dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas se correlacionou com a faceta A1 do fator Abertura. Nunes e colaboradores (2008) encontraram em seu estudo correlações positivas e significativas dessa dimensão também com a faceta A1 e as facetas E2, E4 e S1. Como já citado anteriormente, autores como Gottfredson e colaboradores (1993) e Larson e colaboradores (2002) encontraram relações do fator Abertura com os tipos Artístico e Investigativo, o que novamente se adéquam à dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Há que ressaltar que pesquisas acerca da relação entre os construtos interesse e personalidade vem sendo realizadas tanto internacionalmente quanto nacionalmente. Ehrhart e Makransky (2007) examinaram se os interesses vocacionais e a personalidade predizem o ajustamento vocacional e no trabalho. Os resultados indicaram que os interesses vocacionais são melhor preditores de pessoa-vocação e pessoa-trabalho do que personalidade. Os autores concluíram que o construto interesse está sendo estudado há mais tempo na área de aconselhamento de carreira do que o modelo dos Cinco Grandes Fatores e talvez por isso, o interesse tenha sido o melhor preditor para ambos os ajustamentos. Logue e colaboradores (2007) buscaram relacionar interesses vocacionais e traços de personalidade em relação à satisfação de oito cursos da área de Exatas. Os interesses apresentaram correlações de baixa a moderada em relação à personalidade. Uma análise de

regressão indicou que 49% da variância da satisfação com o curso pode ser medida pela combinação dos interesses vocacionais e traços de personalidade. Carless (1999) realizou dois estudos que relacionaram o interesse, a personalidade e as habilidades gerais e em ambos foram encontradas evidências similares de relação os construtos. Foi observada uma relação de fraca a moderada entre habilidades gerais e interesses e entre habilidades gerais e características de personalidade. Em relação às comunalidades encontradas entre certas medidas de cognição, afeto e conhecimento, Ackerman e Bier (2003) buscaram revisar os conceitos de inteligência, personalidade e interesse, construtos esses que estão relacionados ao processo de escolha de carreira e desenvolvimento intelectual do adulto. Os autores citam o estudo de Ackerman (2000) que buscou relacionar os três complexos de traços com áreas de conhecimento, tendo encontrado que os traços são necessários para se adquirir um domínio de conhecimento. Esses dados apontam para uma relação entre os construtos, confirmada já por Gati e colaboradores (1996) que argumentam que há uma grande relação entre características pessoais e escolha profissional. Nesse sentido, algumas características de personalidade apresentam mais consonâncias que outras para uma determinada profissão.

Quanto aos objetivos específicos deste trabalho, constatou-se uma diferença em relação ao sexo dos participantes na dimensão Ciências Exatas, que se refere a atividades como se envolver em pesquisas espaciais, montar banco de dados digitais, controlar propriedades físicas dos solos, os homens apresentaram as maiores médias ( $M=29,35$ ,  $DP=12,014$ ) em relação as mulheres ( $M=22,96$ ,  $DP=8,507$ ). Nesse sentido, Sartori e colaboradores (2009) também encontraram diferenças significativas em relação ao sexo para os instrumentos EAP e SDS. Para o EAP, Ciências Exatas e Ciências Biológicas e da Saúde apresentaram diferenças estatisticamente significativas em função do sexo do

participante. E, particularmente, na dimensão de Ciências Exatas, os homens exibiram médias mais elevadas.

Em relação à verificação de diferenças em relação aos cursos, outro objetivo específico deste trabalho, essas se mostraram significativas em todas as dimensões do EAP. Na dimensão Ciências Exatas quem obteve a maior média foi o curso de Administração e a mais baixa Odontologia. Noronha e colaboradores (2007) encontraram que as Engenharias foram as que obtiveram maior média, seguido de Administração. Já, Fisioterapia foi a que apresentou menor média. Pôde-se observar que, apesar dos cursos serem diferentes, em relação às maiores médias, foram encontradas convergências e, no que se refere às menores, eles têm em comum a área de Biológicas. Na dimensão Artes e Comunicação, Hotelaria, Arquitetura e Turismo apresentaram as maiores médias. Em contraposição, Odontologia e Nutrição foram os cursos que forneceram as médias mais baixas. Noronha e colaboradores (2007) encontraram nessa dimensão, que o curso de Educação Artística apresentou a maior média, já Veterinária foi o que obteve a menor. Pode-se notar que em ambos os estudos, as maiores médias ficaram para cursos ligados a artes e comunicação e as menores foram obtidas por cursos da área de Biológicas.

Em relação à dimensão Ciências Biológicas e da Saúde, as maiores médias se deram para Odontologia, Nutrição e Educação Física. De outro modo, Arquitetura, Turismo, Administração e Hotelaria apresentaram as menores médias. Noronha e colaboradores (2007) encontraram que Medicina e Fisioterapia apresentaram as maiores médias e Educação Artística, Jornalismo e Engenharias, as menores. Observa-se que em relação às maiores médias, para ambos os estudos, os cursos se encontram na área Biológica. Na dimensão Ciências Agrárias e Ambientais, o curso Turismo foi o que apresentou a maior média. Já, o de Odontologia obteve a menor. Noronha e colaboradores (2007) encontraram que os cursos de Veterinária e Turismo apresentaram as maiores médias, e os cursos

Educação Artística, Jornalismo, Engenharias, Fisioterapia, Educação Física e Psicologia forneceram as menores médias. Pode-se notar que em relação às maiores médias, os dados deste estudo corroboram com os de Noronha e colaboradores (2007). Em relação às menores médias, constata-se que dentre os cursos, os que se encontram na área Biológica, obtiveram as menores pontuações.

A dimensão Atividades Burocráticas teve como maior pontuação o curso de Administração. Por outro lado, Nutrição foi o que obteve menor média. Noronha e colaboradores (2007) corroboram esses dados, pois também encontraram a maior pontuação para o curso de Administração. Em relação às menores médias, os cursos de Educação Artística, Medicina e Fisioterapia foram os que as obtiveram. Pode-se observar que novamente, dois cursos são da área Biológica, corroborando os dados encontrados. Em relação à dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o curso Turismo (24,16) foi o que apresentou a maior média. Em contrapartida, Odontologia (17,19) foi o que obteve a menor. No estudo de Noronha e colaboradores (2007), Pedagogia foi o curso que obteve a maior média e Veterinária foi o que ficou com a mais baixa. Em ambos os estudos, um curso da área de Biológicas foi o que obteve a menor média. Por fim, na dimensão Entretenimento, os cursos de Hotelaria e Turismo obtiveram as maiores médias e o curso de Odontologia foi o que apresentou a menor. Noronha e colaboradores (2007) corroboram com os dados encontrados, pois o curso que obteve a maior média em seus estudos foi Turismo e o que obteve menor média foi Medicina, um curso da área Biológica.

Contemplando outro objetivo específico, quanto às diferenças em relação ao sexo para os fatores do BFP, elas não foram encontradas. Porém, em relação às facetas foram encontradas diferenças significativas em N4 do fator Neuroticismo, concernentes à predisposição do indivíduo para experimentar afetos negativos tais como ansiedade, raiva e depressão e na faceta S2, do fator Socialização, relativos à qualidade das relações

interpessoais, envolvendo características como ajuda ao próximo, altruísmo. Bartholomeu e colaboradores (2008) investigaram a relação entre habilidades sociais e o fator Socialização. Ao verificar diferenças de média em função do sexo, observaram-se diferenças significativas, pois as mulheres apresentaram maiores médias.

Do mesmo modo, de acordo com os objetivos específicos, foram realizadas diferenças de média em relação aos cursos dos participantes para o BFP e foram encontradas diferenças significativas apenas no fator Abertura, que se refere à disponibilidade para sentimentos e novas idéias, sensibilidade estética e flexibilidade (Costa & cols., 1995). Em busca de evidências de validade para o BFP, Nunes e colaboradores (2008) o correlacionaram com o SDS e encontraram que o fator Abertura se relacionou ao tipo Artístico. Nesta pesquisa, os cursos estudados foram Administração, Arquitetura, Educação Física, Hotelaria, Nutrição, Odontologia e Turismo. Pode-se entender que eles, via de regra, não englobam características do fator Abertura. Em relação às facetas, foram encontradas diferenças significativas no fator Neuroticismo, que diz respeito à predisposição do indivíduo para experimentar afetos negativos tais como ansiedade, raiva e depressão (Costa & cols., 1995). As facetas em que foram encontradas diferenças significativas foram N2, que se refere a itens sobre mudanças de humor, como irritabilidade e nervosismo, e N3 que descreve situações com características de passividade para resolver problemas rotineiros, bem como falta de energia para terminar tarefas. Rubinstein e Strul (2007) examinaram as diferenças entre traços de personalidade em um grupo de médicos, advogados, psicólogos e artistas. Os resultados mostraram que os artistas apresentaram correlações mais significativas no fator Neuroticismo do que as outras três profissões. Ao lado disso, Nunes e colaboradores (2008) corroboram a pesquisa de Rubinstein e Strul (2007), pois quando correlacionaram o BFP com o SDS, encontraram uma correlação entre o fator Neuroticismo e o tipo Artístico; entretanto elas foram baixas, não

permitindo generalizações. Foram encontradas também diferenças significativas nas facetas A1 e A3 do fator Abertura. A1 trata de abertura para novas idéias, bem como uso da fantasia e imaginação e A3 aborda itens de abertura para novas ações, como o desejo de conhecer novos lugares e situações. Nunes e colaboradores (2008) encontraram, ao relacionar o BFP e o SDS, que as três facetas do fator Abertura se relacionaram significativamente ao tipo Artístico. Pessoas mais abertas a novas idéias tendem a se envolver em atividades que solicitam a criatividade, quebra de idéias pré-estabelecidas, entre outras.

Por fim, dentro dos objetivos específicos, foram buscadas diferenças entre os menores e maiores escores do BFP, em relação às dimensões do EAP. Nota-se no fator Neuroticismo a ausência de diferenças significativas. Já no fator Realização, apenas a dimensão Atividades Burocráticas, apresentou diferenças significativas. No que toca ao fator Abertura, três dimensões apresentaram diferenças significativas Ciências Exatas, Artes e Comunicação e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Em relação ao fator Extroversão, foram encontradas diferenças significativas para as dimensões Artes e Comunicação e Atividades Burocráticas. E, por fim, foi encontrada diferença significativa no fator Socialização, para a dimensão Atividades Burocráticas. Nunes e colaboradores (2008) quando correlacionaram o BFP e o EAP, encontraram que Neuroticismo de modo geral não apresentou correlações com as demais áreas de interesse, apontando para uma relativa independência entre esses domínios, o que corrobora com os achados deste estudo. Já em relação à Realização foi encontrada relação com a dimensão Ciências Biológicas e da Saúde. No fator Abertura encontraram duas correlações, entre a dimensão Artes e Comunicação e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Em relação à Extroversão, quatro relações foram relatadas, com as dimensões Artes e Comunicação, Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Entretenimento. Por fim, Socialização se



relacionou com cinco dimensões, com exceção com exceção de Ciências Exatas e Entretenimento.

Há que se ressaltar a importância, de acordo com Ackerman e Bier (2003), da realização de mais estudos na área de Orientação/Aconselhamento Profissional, buscando comunalidades entre os construtos, havendo uma integração dos processos de escolha de carreira, e objetivando o desenvolvimento da vida profissional de maneira mais ajustada. Nota-se crescente desigualdade nas trajetórias acadêmicas observadas e nas necessidades de atendimento percebidas, caracterizando a população universitária como um grupo bastante heterogêneo, como apontam Bardagi e colaboradores (2003). Desse modo, a população universitária é um campo a ser explorado pelos pesquisadores. No Brasil ocorre a falta de estímulo da exploração da escolha vocacional, vindos tanto da escola, quanto da família e universidade, não propiciando um espaço para que o aluno explore a vocação, pois é considerado que o aluno já tem como definida sua profissão e encontra-se maduro ao ingressar no ensino superior. O que é um erro, que pode muitas vezes faz com que o aluno abandone o curso escolhido e recomece. Portanto, existe uma lacuna no trabalho de OP no que diz respeito à promoção de uma reflexão mais realista a respeito do mercado de trabalho, da distinção existente entre curso e profissão e da dimensão social e coletiva do trabalho (Bardagi & cols., 2003).

Assim, um processo de atendimento à população universitária deve abordar aspectos como o mercado, remuneração, perspectivas de inserção profissional, realizado de maneira crítica para que esse possa ser um instrumento para a construção de projetos e não alienação da obsessão pelo mercado. De tal modo, a intervenção em OP deve enfatizar o comprometimento pessoal com a escolha e auxiliar na formulação de objetivos mais realistas com a identidade profissional (Bardagi & cols., 2003). Por fim, deve-se salientar que ocorrem períodos de re-exploração da escolha ao longo de uma mesma etapa, pois o

estudante expõe-se a diferentes experiências e as avalia, tomando decisões vocacionais que formatam sua trajetória durante todo o curso, fazendo da vivência universitária um período de escolhas e re-escolhas, e re-atualizando o posicionamento de cada estudante frente à tomada de decisão (Bohoslavsky, 2007).

## **IX. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estudos acerca de instrumentos psicológicos se tornaram indispensáveis para o desenvolvimento da área de avaliação psicológica, possibilitando com que as avaliações se tornem mais confiáveis (Noronha & cols., 2003). No que se refere aos que buscam evidências de validade para instrumentos, em especial, na área de OP devem ser valorizados, pelo fato de que qualquer instrumento de medida deve apresentar dados de validade e precisão, justificando sua confiabilidade (Pasquali, 2001). Desse modo, esta pesquisa teve como objetivo buscar evidências de validade da Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) baseadas na relação com a personalidade e objetivo específico verificar se há uma relação estatisticamente significativa, entre determinadas preferências por atividades profissionais e traços da personalidade. Esses foram atendidos, à medida que foram encontradas relações entre os construtos, evidenciando a importância do estudo dos mesmos quando se refere à área de OP. Nota-se que essas pesquisas são extremamente necessárias, afinal a compreensão da comunalidade entre os construtos tende a favorecer as práticas de OP, integrando os dados utilizados em variadas coletas de dados (Ackerman & Beier, 2003). Em acréscimo, é necessário destacar os estudos de Logue e colaboradores (2007); Ehrhart e Makransky (2007); e Gasser e colaboradores (2004) que mostram relações consistentes entre os construtos.

Deve-se registrar que ao início deste estudo, em 2008, não havia nenhuma pesquisa que propunha a busca de evidências de validade por relação com outras variáveis para o EAP, em especial com universitários. No andamento desta, no mesmo ano, foi realizado um estudo por Nunes e colaboradores (2008), em que foram buscadas evidências de validade para o BFP, por meio dos instrumentos BPR-5, SDS, IDDP e EAP. Entretanto, há que

salientar que as populações e os objetivos dos estudos foram diferentes, viabilizando a continuidade deste, que possui o diferencial da população estudada, bem como o acréscimo de quatro novos cursos, possibilitando evidências de validade de critério para o EAP.

Em relação aos dados obtidos, há que se destacar a busca por outro tipo de evidência de validade, a por grupos extremos, por meio da realização de diferenças de média entre os menores e maiores escores do BFP em comparação com as dimensões do EAP. No que se refere à busca de evidências de validade baseadas na relação com a personalidade, esperava-se que os interesses profissionais e as características de personalidade se relacionassem. Pode-se notar, que apesar de fraca, houve relação entre os construtos. Apesar disso, há que se citar os estudos de Carless (1999) e Rubinstein e Strul (2007) em que foi observada uma relação de fraca a moderada entre os construtos. Estudos que busquem relação entre construtos, em especial em OP, são extremamente importantes para a prática da Psicologia, pois de acordo com Ackerman e Bier (2003), esses podem prover maior utilidade para a prática, possibilitando o máximo ajustamento ocupacional da pessoa.

Devem ser consideradas algumas limitações desta pesquisa, como a amostra que foi por conveniência e assim, não sendo possível a obtenção de outros cursos, que teria facilitado a comparação das dimensões do EAP e dos fatores do BFP. Uma outra limitação, mas que também está ligada aos cursos dos participantes, refere-se ao sexo, pois a maioria era do feminino, o que pode de alguma maneira ter enviesado os dados, bem como o número de participantes, que pode ser considerado pequeno. Ao lado disso, deve-se salientar que sejam realizados futuros estudos na área de OP, com a população universitária, pois se nota ainda nessa fase uma indecisão em relação aos interesses profissionais, sendo que muitos jovens ingressam em universidade e não chegam a concluir seus cursos, ou até mesmo fazem a inscrição para cursos que não são desejados. Nesse

sentido, se torna de grande importância a análise de seus interesses e suas características de personalidade, o que podem facilitar no momento da escolha profissional. Assim, o programa de OP para os jovens que já ingressaram em universidades auxiliaria nesse momento de indecisão, possibilitando com que eles façam uma escolha mais acertada de acordo com seus interesses. Outra sugestão para pesquisas futuras, é que a amostra seja mais equilibrada em relação ao sexo dos participantes. Por fim, nota-se que muitos estudos internacionais que tratam do tema, abordam a relação entre interesse, personalidade e inteligência, sendo essa última de extrema importância para a comparação de sua medida com as de conhecimento e afeto, unificando assim, de modo que o indivíduo obtenha maior domínio de suas habilidades.

Em síntese, trabalhos desse tipo devem ser realizados com maior frequência pela comunidade científica, pois a compreensão das relações entre os construtos investigados colabora de maneira teórica com a área de Orientação/Aconselhamento Profissional, bem como prática, para os orientadores vocacionais, possibilitando a união de ambas, como já destacado por Arckeman e Bier (2003).

**REFERÊNCIAS**

- Ackeman, P. L. & Bier, M. E. (2003). Intelligence, Personality, and Interests in the Career Choice Process. *Journal of Career Assessment*, 11 (2), 205-218.
- Adrian, F. (2003). The Relationship between the Revised NEO-Personality Inventory and the Myers-Briggs Type Indicator. *Social Behavior and Personality*, 1-5.
- Allen, B. P. (1997). *Personality theories: Development growth and diversity*. Boston: Allyn and Bacon.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardagi, M. P., Lassance, M. C. P. & Paradiso, A. C. (2003). Trajetória Acadêmica e Satisfação com a Escolha Profissional de Universitários em Meio de Curso. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1/2), 153-166.
- Bartholomeu, D., Nunes, C. H. S. S., Machado, A. A. (2008). Traços de Personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico – USF*, 13, p. 41-50.
- Bueno, J. M. H., Lemos C. G. & Tomé, F. A. M. F. (2004). Interesses Profissionais de um grupo de estudantes de psicologia e suas relações com inteligência e personalidade. *Psicologia em Estudo*, 9 (2), 271 – 278.
- Bueno, J. M. H., Oliveira, S. M. S. S. & Oliveira, J. C. S. (2001). Um estudo correlacional entre habilidades sociais e traços de personalidade. *Psico-USF*, 6 (1), 31-38.
- Bohoslavsky, R. (2007). (12ª ed.). *Orientação vocacional: A estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Borgatta, E. F. (1964). The structure of personality characteristics. *Behavioral Science*, 12, 8 – 17.

- Briggs, S. R. (1992). Assessing the Five-Factor Model of personality description. *Journal of Personality*, 6, 253-293.
- Brown, D. & Brooks, L. (1996). Introduction to theories of career development and choice: Origins, evolution, and current efforts. Em D. Brown & L. Brooks (Eds.), *Career development choice and development* (3ª ed.). (p. 1-30). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Carless, S. A. (1999). Career Assessment: Holland's Vocational Interests, Personality Characteristics, and Abilities. *Journal of Career Assessment*, 7 (2), 125-144.
- Carvalho, M. M. M. J. (1995). *Orientação Profissional em grupo: Teoria e técnica*. Campinas: Psy.
- Church, A. T. & Lonner, W. J. (1998). The cross-cultural perspective in the study of personality: Rationale and current research. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 29, 32-62.
- Cloninger, S. C. (1999). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Conselho Federal de Psicologia (2007). *Sistema de Avaliação Psicológica – SATEPSI*. Acessado em 16/05/08 (<http://www.pol.org.br>).
- Costa, P. T., McCrae, R. R. Jr. & Kay, G. G. (1995). Persons, Places, and Personality: Career Assessment using the Revised NEO Personality Inventory. *Journal of Career Assessment*, 3 (2), 123-139.
- Digman, J. M. (1990). Personality structure: The emergence of the Five-Factor Model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.
- Ehrhart, K. H & Makransky, G. (2007). Testing Vocacional Interests and Personality as Predictors of Person-Vocation and Person-Job Fit. *Journal of Career Assessment*, 15 (2), 206-226.
- Eysenck, H. J. (1981). *A model for personality*. New York: Springer Verlag.

- Fiske, D. W. (1949). Consistency of the factorial structures of personality ratings from different sources. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 44*, 329-344.
- Fouad, N. A. (1994). Annual review 1991-1993: vocational choice. Decision making, assessment and intervention. *Journal of Vocational Behavior, 45*(2), p. 125-76.
- Gati, I. (1991). The structural of vocational interests. *Psychological Bulletin, 109* (2), 309-324.
- Gati, I., Krausz, M., & Osipow, S. H. (1996). A taxonomy of difficulties in career decision making. *Journal of Counseling Psychology, 43*, 510-526.
- Gasser, C. E., Larson, L. M. & Borgen, F. H. (2004). Contributions of Personality and Interests to Explaining the Educational Aspirations of College Students. *Journal of career assessment, 12* (4), 347-365.
- Godoy, S., Noronha, A. P. P., Ambiel, R. A. M. & Nunes, M. F. O. (2008). Instrumentos de inteligência e interesses em orientação profissional. *Estudos de Psicologia, 13* (1), 75-81.
- Goldberg, L. R. (1990). An Alternative "Description of Personality": The Big-Five Factor Structure. *Journal of Personality and Social Psychologists, 59* (6), 1216-1229.
- Gottfredson, G. D., Jones, E. M. & Holland, J. L. (1993). Personality and Vocacional Interests: The Relation of Holland's Six Interest Dimensions to Five Roboust Dimensions of Personality. *Journal of Counseling Psychology, 40* (4), 518-524.
- Gouveia, V. V., Meira, M., Gusmão, E. E. S., Souza Filho, M. L. & Souza, L. E. C. (2008). Valores Humanos e interesses vocacionais: um estudo correlacional. *Psicologia em Estudo, 13* (3), 603-611.
- Hall, C. S., Lindsey, G. & Campbell, J. B. (2000). *Teorias da Personalidade*. Porto Alegre: Artmed.



- Hansen, J. I. C. & Neuman, J.L. (1999). Evidence of Concurrent Prediction of the Campbell Interest and Skill Survey (CISS) for College Major Selection. *Journal of Career Assessment*, 7 (3), 239-247.
- Holland, J.L., Frietsche, B. A., & Powell, A.B. (1994) *SDS Self-Directed Search Technical Manual*. Florida: Psychological Assessment Resources, Inc.
- Hotza, M. A. S. & Luchiari, D. H. P. S. (1998). A re-escolha profissional dos vestibulandos da UFSC de 1997. *Revista da ABOP*, 2, 97-110.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Antón, M. & Wieczonek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (2), 395-410.
- Jacquemin, A. (2000). *O BBT-Br: Teste de Fotos de Profissões: normas, adaptação brasileira, estudos de caso*. São Paulo, SP: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Jacquemin, A., Okino, E. T. K., Noce, M. A., Assoni, R. F. & Pasian, S. R. (2006). *O BBT Br Feminino. Teste de Fotos de Profissões: adaptação brasileira, normas e estudos de caso*. São Paulo, SP: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- John, O. P., Angleitner, A. & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality: A historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, 2, 171-203.
- Larson, L. M., Rottinghaus, P. J. & Borgen, F. H. (2002). Meta-analyses of Big Six Interests and Big Five Personality Factors. *Journal of Vocational Behavior*, 61, 217-239.
- Leitão, L. M. & Miguel, J. P. (2001). Os interesses revisitados. *Psychologica*, 26, 79-104.
- Leitão, L. M. & Miguel, J. P. (2004). Avaliação dos interesses. Em: L. M. Leitão (org.), *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional*. (p. 179-262). Coimbra: Quarteto.

- Leung, S. A. & Hou, Z. J. (2005). The Structure of Vocational Interests Among Chinese Students. *Journal of Career Development, 32* (1), 74-90.
- Leuwerke, W. C., Robbins, S., Sawyer, R. & Hovland, M. (2004). Predicting Engineering Major Status From Mathematics Achievement and Interest Congruence. *Journal of Career Assessment, 12* (2), 135–149.
- Logue, C. T. Lounsbury, J. W., Gupta, A. & Leong, F. T. L. (2007). Vocational Interest Themes and Personality Traits in Relation to College Major Satisfaction of Business Students. *Journal of Career Development, 33* (3), 269-295.
- Lucchiari, D. H. P. S. (1992). O que é orientação profissional? Uma nova proposta de atuação. Em D. H. P. S. Lucchiari (Org.), *Pensando e vivendo a orientação profissional*. São Paulo: Summus.
- Magalhães, M. O. & Gomes, W. B. (2007). Personalidades vocacionais e processos de carreira na vida adulta. *Psicologia em Estudo, 12* (1), 95-103.
- Mansão, C. S. M (2005) *Interesses profissionais: validação do Self-Directed Search Career Explorer – SDS*. Tese de doutorado não-publicada. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo.
- Mansão, C. S. M. & Yoshida, E. M. P. (2006). SDS – Questionário de Busca Auto-Dirigida: precisão e validade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 2* (1), 67 – 79.
- Mattiazzi, B. (1977). *A natureza dos interesses e a orientação vocacional*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Mccrae, R. R. & Costa Jr., P. T. (1995). Traits explanations in personality psychology. *European Journal of Psychology, 9*, 231-252.
- McCrae, R. R. & Costa, P. T. (1997). Personality Trait Structure as a Human Universal. *American Psychologist, 52*, 509-516.

Melo-Silva, L. L., Noce, M. A. & Andrade, P. P. (2003). Interesses em adolescentes que procuram orientação profissional. *Psic: Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 4(2), 6-17.

Melo-Silva, L. L., Lassance, M. C. P. & Soares, D. H. P. (2004). A orientação profissional no contexto da Educação e Trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5,(2), 31-52.

Müller, M. (1988). *Orientação vocacional: Contribuições clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Neiva, K. M. C. (2003). A maturidade para a escolha profissional: uma comparação entre alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1/2), 97-103.

Norman, W. T. (1963). Toward and adequate taxonomy of personality attributes: Replicated factor structure in peer nomination personality ratings. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66, 574 – 583.

Noronha, A. P. P., Freitas, F. A. de & Ottati, F. (2003). Análise de instrumentos de avaliação de interesses profissionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 287-291.

Noronha, A. P. P., Sisto, F. & Santos, A. A. A. (2007). *Manual técnico da Escala de Aconselhamento Profissional*. Itatiba, SP: Vetor Editora Psico-Pedagógica – Ltda.

Noronha, A. P. P. & Ambiel, R. A. M. (2008a). Estudo correlacional entre Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) e Self Directed Search (SDS). *Interação em Psicologia*, 12 (1), p. 21-33.

Noronha, A. P. P. & Ambiel, R. A. M. (2008b). Fontes de Eficácia e Interesses Profissionais: relações entre pais e filhos, *Avaluar*, v. 8, p. 32-45.

Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2006). Construção e validação de uma escala de extroversão no modelo dos cinco grandes fatores da personalidade. *Psico-USF*, 11 (2), 147-155.

- Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2007). Construção e validação da escala fatorial de socialização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1), 20-25.
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S. & Nunes, M. F. O (2008). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP)- Manual técnico*. Itatiba, SP: Casa do Psicólogo.
- Okino, E. T. K., Noce, M. A., Assoni, R. F., Corlatti, C. T., Pasian, S. R., Jacquemin, A. (2003). A adaptação do BBT – Teste de Fotos de Profissões – para o Contexto Sociocultural Brasileiro. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 87 – 96.
- Pacheco, I. C., Silva, J. T. A., Macedo, M. V. S. V. & Pinto, T. M. G. (1997). Orientação vocacional: Uma experiência aplicada para instituição de ensino superior. [Resumos]. *Anais do III Simpósio Brasileiro de Orientadores Profissionais*. Canoas, RS: ABOP.
- Pasquali, L. (1999). *TEP – Técnicas de exame psicológico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (Org.) (2001). *Técnicas de exame psicológico (TEP) - manual*, volume I: Fundamentos das técnicas psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, Conselho Federal de Psicologia.
- Peeters, M. A., Rutte, C. G., Tuijl, H. F. J. M. & Reymen, I. M. M. J. (2006). The Big Five Personality Traits and Individual Satisfaction With the Team. *Small Group Research*, 37, (2),187-211.
- Prado Filho, K. (1992). Escolha profissional e atualidade do mercado de trabalho. Em: D. H. P. S. Lucchiari (Org.), *Pensando e vivendo a orientação profissional* (pp.109-116). São Paulo: Summus.
- Prediger, D. (1981). Mapping occupations and interests: A graphic aid for vocational guidance and research. *The Vocational Guidance Quarterly*, 30, 21-36.
- Primi, R., Moggi, M. A. & Casellato, E. O. (2004). Estudo correlacional do Inventário de Busca Autodirigida (Self-Directed Search) com o IFP. *Psicologia Escolar e Educacional*, 8,(1), 47 – 54.

- Rottinghaus, P. J., Coon, K. L., Gaffey A. R. & Zytowski, D. G. (2007). Thirty-Year Stability and Predictive Validity of Vocational Interests. *Journal of career assessment*, 15, (1), 5-22.
- Rubinstein, G. & Strul, S. (2007). The Five Factor Model (FFM) among four groups of male and female professionals. *Journal of Research in Personality*, 41, 931-937.
- Santos, A. A. A., Sisto, F. F. & Martins, R. M. M. (2003). Estilos cognitivos e personalidade: um estudo exploratório de evidências de validade. *Psico-USF*, 8 (1), 11-19.
- Sartori, F. A. (2007). Estudo Correlacional entre a Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) e o *Self-Directed Search Career Explorer* (SDS). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.
- Sartori, F. A., Noronha, A. P. P. & Nunes, M. F. O. (2009). Comparações entre EAP e SDS: interesses profissionais em alunos de Ensino Médio. *Boletim de Psicologia*, v.00, p.00.
- Sartori, F. A., Noronha, A. P. P., Godoy, S. & Ambiel, R. A. M. (no prelo) Avaliação de Interesses Profissionais de jovens de Ensino Médio: estudo correlacional entre EAP e SDS. *Estudos de Psicologia*. v.00, p. 00.
- Savickas, M. L. (1995). Examining the Personal Meaning of Inventoried Interests During Career Counseling. *Journal of Career Assessment*, 3(2), 188-201.
- Savickas, M. L. (1999). The psychology of interests. Em M. L. Savickas & A. R. Spokane (eds.), *Vocational interests. Meanings, Measurement and Counseling Use*. (pp. 19-56). Palo Alto, CA: Davies-Black.
- Silva, L. B. C. (1999). Contribuições para a formação do orientador vocacional: proposta de metodologia de ensino na disciplina orientação profissional. *Programa científico e resumos do Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social*. São Paulo: Abrapso.

Sparta, M. (2003). O desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4,(1/2), 1-11.

Sparta, M., Bardagi, M. P. & Teixeira, M. A. (2006). Modelos e instrumentos de Avaliação em Orientação Profissional: Perspectiva Histórica e Situação no Brasil. *Revista de Orientação Profissional*, 7 (2), 19-32.

Teixeira, M. A. P. (1998). *Mudança profissional: Uma abordagem fenomenológica*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Vasconcelos, S. J. L. & Hutz, C. S. (2008). Construção e validação de uma escala de abertura à experiência. *Avaliação Psicológica*, 7 (2), 135-141.

Wiggins, J. S. (1980). Circumplex models of interpersonal behavior. Em L. Wheeler (Org.), *Review of Personality and Social Psychology*. Sage.

## ANEXOS

## Anexo 1

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via)**

Projeto: Evidências de validade da Escala de Aconselhamento Profissional por correlação com personalidade

Eu,

.....  
 .....

(nome, idade, R.G., endereço), dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Fermino Fernandes Sisto do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco e da pesquisadora Marina Gasparoto do Amaral Gurgel, mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é buscar evidências de validade da Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) baseadas na relação com a personalidade.
- 2 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a este (s) instrumento(s) / procedimento(s) poderão causar constrangimento, mas não trarão riscos à minha saúde física;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 4534-8040;
- 8 - Poderei entrar em contato com os responsáveis pelo estudo, Marina Gasparoto do Amaral Gurgel e Fermino Fernandes Sisto, sempre que julgar necessário pelos telefones (11) 4521 1163 e (11) 4534 8046;
- 9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Bragança, ..... de .....2008

.....

Assinatura



## Anexo 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (2ª via)

Projeto: Evidências de Validade da Escala de Aconselhamento Profissional por correlação com personalidade

Eu,

.....  
 .....

(nome, idade, R.G., endereço), dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Fermino Fernandes Sisto do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco e da pesquisadora Marina Gasparoto do Amaral Gurgel, mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é buscar evidências de validade da Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) baseadas na relação com a personalidade.
- 2 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a este (s) instrumento(s)/ procedimento(s) poderão causar constrangimento, mas não trarão riscos à minha saúde física;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 4534-8040;
- 8 - Poderei entrar em contato com os responsáveis pelo estudo, Marina Gasparoto do Amaral Gurgel e Fermino Fernandes Sisto, sempre que julgar necessário pelos telefones (11) 4521 1163 e (11) 4534 8046;
- 9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Bragança, ..... de .....2008

.....

Assinatura